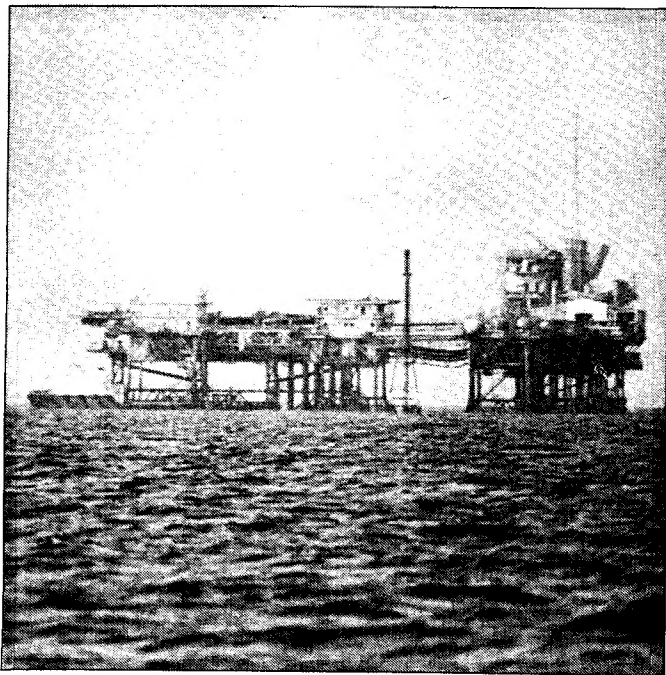




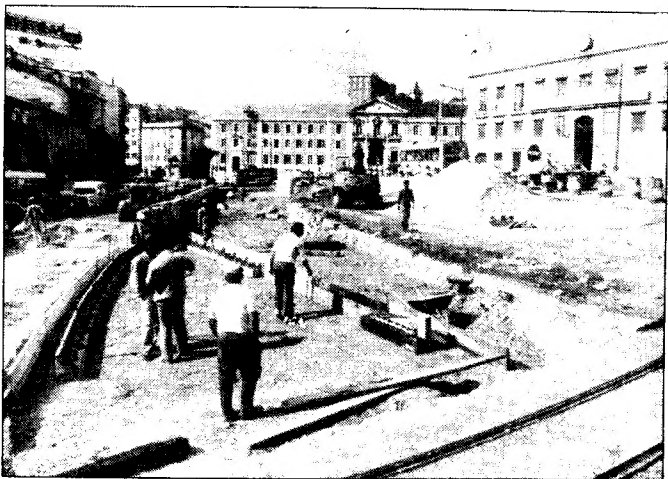
As plataformas bombardeadas pelos EUA

GOLFO **situação explosiva** **«Não vamos** **ter guerra** **com o Irão»**

— garante o presidente Ronald Reagan

O presidente norte-americano Ronald Reagan manifestou-se ontem optimista quanto à evolução da situação no golfo Pérsico. «Não vamos ter guerra com o Irão», declarou após ter dito que o ataque de segunda-feira contra duas plataformas petrolíferas iranianas deverá obstar a futuras hostilidades entre os EUA e o Irão. No entanto, em Teerão, o governo dos ayatollah ameaçou hoje Washington com um grande conflito militar no golfo.

Págs. 12 e 13



«Gertrude» chega ao Rato

Pág. 24

**Com o Benfica na Dinamarca**

Só se fala de

1929

BOLSAS **ENLOUQUECEM**



Nova Iorque, 29 de Outubro de 1929



Enquanto alguns especialistas dizem que «o pior ainda está para vir», o medo deu lugar ao pânico em Wall Street.

Tóquio, Hong-Kong, Sidney, Paris, Londres e Frankfurt entraram em «queda livre»



Bolsas de Nova Iorque e Chicago: pânico já se faz sentir

Pânico, dilúvio, «dia mais negro» são apenas algumas das expressões utilizadas pelos comentadores para qualificar o verdadeiro colapso da Bolsa de Nova York que, ontem, viu cair o índice «Dow Jones» com mais rapidez e mais acentuadamente que na primeira sessão do célebre «crash» de 1929. Simultaneamente, as principais Bolsas de todo o mundo assistiram ao desmoronamento das cotações, situação que levou ao encerramento da de Hong Kong por alguns dias. O responsável pelo Tesouro dos EUA, James Baker, deslocou-se inesperadamente a Bona e interrompeu uma viagem na Europa, regressando abruptamente a Washington. Ronald Reagan disse-se «preocupado» e Jacques Delors pediu a convocação imediata de um reunião dos «sete» grandes. Em Lisboa, na sessão desta manhã, não se fizeram sentir quaisquer repercussões desta onda de choque. Pág. 15

PRIMEIRO-MINISTRO REGRESSA HOJE

Cavaco Silva e comitiva regressam esta tarde a Lisboa, depois de uma visita de alguns dias a Roma marcada por encontros com o Presidente da República e o primeiro-ministro italiano e, ontem, por uma audiência com o Papa e conversações com altos funcionários do Vaticano. Dos encontros de ontem, destaque para o convite feito a João Paulo II para visitar Portugal no próximo ano e à inclusão de temas como Timor, Macau e África Austral na agenda das conversações no Vaticano.

Cavaco Silva e mulher regressam abençoados pelo Papa João Paulo II

Rogério Vidigal

Enviado especial

Sensibilizou a comitiva pela forma como se apresentou vestida para a audiência com o Papa, a emoção era visível no seu rosto, e o próprio Primeiro-Ministro apresentava alguns sinais de tensão, naquele rosto contraído a que nos habituou. Depois, já na presença do Santo Padre, transpareceu que este era um momento há muito aguardado pelo casal Cavaco Silva: a mulher do Primeiro-Ministro pediu ao Sumo Pontífice que lhe concedesse uma bênção especial pelo facto de completar hoje 24 anos de casamento. E o Papa compreendeu a situação e repetiu.

Satisfeito o desejo (o cidadão normal contenta-se em mandar umas moedas de Fontana di Trevi e formular o desejo com os olhos fechados), a esposa de Cavaco seguiu para uma outra câmara e o nosso Chefe do Governo teve a audiência tradicional de meia hora, mais coisa, menos coisa, com o Papa.

Afinal, sem grandes novidades, tanto quanto Cavaco diria depois aos jornalistas em conversa concretizada na nossa espantosa Embaixada junto do Vaticano. O ponto a que Cavaco se referiu em primeiro lugar, nesta troca de impressões connosco, foi a confirmação do convite a João Paulo II para que visite não só o território continental português como as próprias regiões autónomas. O Santo Padre lembrou que tem um calendário muito preenchido para 88, mas dada a sua devoção pela Senhora de Fátima iria encarar, de forma positiva, a possibilidade de voltar a Portugal.

Questões previstas e igualmente abordadas na audiência, segundo Cavaco, foram as de Timor-Leste e, afinal, Macau. No primeiro caso, sabe-se bem porquê; no segundo, porque transpareceram agora, aqui, em Roma, algumas reservas da parte da Igreja quanto à forma como foi negociada a sua presença naquele território, no acordo de transferência negociado com a China.

A questão merece bastante importância à Igreja e o bispo de Macau, que agora se encontra em Roma para o Sínodo (por nomeação papal), deu mesmo uma entrevista à Rádio Renascença em que se mostrava preocupado e com algumas reservas quanto ao acordo. A questão, soubemo-lo depois, chegou mesmo a ser abordada durante o almoço realizado ontem na Embaixada portuguesa no Vaticano. Segundo Cavaco diria, em resposta a uma pergunta concreta sobre o tema (depois de ter procurado evitá-lo), teve então ocasião de explicar ao bispo de Macau, D. Arquimínio, que o acordo é óptimo e garante a liberdade de culto e, tal como fizera com o Papa, disse-lhe que Macau é uma janela aberta sobre a China.

Tanto quanto julgamos saber, esta argumentação não convence, uma vez que os acordos, como se sabe, visam a transição até ao ano 2050 e as preocupações da Igreja vão para além dessa data. Ou seja, que cumprido o acordo, a China imponha o corte da sua Igreja com Roma, chegando-se mesmo ao ponto de os bispos não poderem resultar de nomeação papal mas sim de escolha laica. Tal como já acontece hoje, de resto, na China.

Note-se que o «Observatore Romano», órgão do Vaticano, resume hoje a audiência do primeiro-ministro português a uma dúzia de linhas no sector de rotina que normalmente dedica a este tipo de contactos.

Comércio: esperar para crer

O chefe do Governo português aproveitaria a sua conversa de ontem para voltar aos contactos que manteve com o Governo italiano, embora sem grandes novidades, a não ser o facto de a questão das nossas relações comerciais com a Itália terem agora sido remetidas para

uma futura visita do ministro do Comércio, que Lisboa deseja ver concretizada nos primeiros dias do próximo mês, e para futuros contactos que incluirão a vinda de empresários a Itália e a visita de italianos ao nosso país.

«Compete aos governos criar condições políticas para que os empresários possam concretizar os seus negócios», insistiu Cavaco, salientando uma vez mais que encontrou boa receptividade da parte dos responsáveis italianos para a insustentabilidade do actual défice, que nos é desfavorável «que eles procuram reduzir logo que possível».

O Primeiro-Ministro português lembraria que está interessado resolver a questão ao défice «de forma positiva», ou seja, em nomeadamente, pela constituição de «joints ventures», pelo investimento italiano no nosso país, e até pela cooperação com África. Sobre este tema, diria que os italianos têm larga experiência na constituição de «sindicatos» financeiros com vista à cooperação, sendo que nós temos a boa relação e o «know how», no que se refere à forma de trabalhar em África. Optimismo, ainda, de Cavaco, quanto às diligências que efectuou em Roma no âmbito das questões comunitárias. De resto, como assinalamos em anteriores crónicas, esse era, e é de facto, o tema que preocupa o primeiro-ministro italiano e que até já tinha estado para o levar expressamente a Lisboa. Mas, nota dissonante, foi o próprio Cavaco a reconhecer que há pontos em que o entendimento entre os dois países será muito difícil. De facto, ambos esperam maiores apoios comunitários e fazem por eles, tal como são concorrentes em várias áreas. Mas, tendo como pano de fundo outras questões, como o Plano Delors, Cavaco recordaria que já houve maiores divergências.

Timor: fazer pressão

Claro que nos contactos com a Igreja não era menos importante a questão de Timor, que, como já dissemos, foi, de facto, abordada, segundo Cavaco na óptica de que é necessário manter «pressões internacionais para que seja defendida a nossa presença cultural e religiosa».

Mas, para nós pelo menos, ficou em aberto a possibilidade de o Santo Padre vir a deslocar-se, como tem sido posta a hipótese, à Indonésia. O nosso Primeiro-Ministro torceu a questão dizendo que se tal vier a verificar-se ele estaria em condições de fazer sentir às autoridades indonésias qual a sua posição sobre o assunto.

Aliás, a questão de Timor não foi só abordada na audiência papal. Também nos contactos mantidos entre Deus Pinheiro e Casaroli esse foi um tema das conversações, mas o ministro mantém-se calado. Toda a informação é filtrada por Cavaco, e ainda ontem, quando foi solicitado, o ministro limitou-se a remeter que já tinha dado a conhecer ao seu «primeiro» tudo o que com ele tinha sido conversado nas várias reuniões de trabalho que manteve em Roma, uma das quais com o seu homólogo Andreotti, homem que é muito capaz de, além de abordar questões internacionais, ter-se interessado também pela vertente económica, dadas as suas reconhecidas ligações ao mundo empresarial e da finança.

No que se refere à situação internacional, certamente não terá sido despendida a guerra no Golfo, uma vez que é manifesta a preocupação aqui reinante quanto ao acumular das nuvens na região, onde, de resto, a Itália já tem navios. Este era, conjuntamente com a situação na Bolsa de Nova Iorque (com reflexos imediatos e muito sensíveis nas de Roma e Milão), o tema principal de todos os noticiários televisivos e de grande parte dos jornais.

"SOL E SOMBRAS"

A Arte portuguesa do século XIX em Paris

José Augusto França

O retrato de Teófilo Braga, de Columbano, em 1917, abre a exposição do Museu do Petit Palais como sinal da originalidade terminal do século XIX português, sua despedida já, através duma obra de grande e melancólico poder, na expressão do seu acordo tonal. Sinal e anúncio, após este quadro a exposição desenrola o seu discurso cronológico, do princípio ao fim do século.



Rafael Bordalo Pinheiro

Depois das eleições: à vontade do seu dono

In «O António Maria», 9 Set. 1880

Sequeira está exactamente no seu ou nos seus princípios: o pintor de Roma, entre a alegoria codificada da Casa Pia e um «Milagre de Ourique» de grande paisagem sensível, ainda setecentista; o pintor de Lisboa, com seus retratos de minúcia até à «conversational piece» da família Santarém, e também as suas alegorias seja a Junot seja a aliança luso-britânica ou, como obra-prima de luminosidade, à Constituição de 21, e também a um D. João VI pairando, convencional, sobre figuras antiquadas de moral e patriotismo, quando outra imagem do rei, numa pequena mancha de vermelho e ouro, mais lhe atraía a vocação pictural — sendo, ao mesmo tempo, o desenhador moderníssimo dos retratos de deputados às Cortes, ou o precioso autor simbólico dos desenhos da baixela Wellington, pre-

sente em seis peças de «vermeil», vindas de Londres. Mas, depois, há o pintor de Paris, em 1824, com os carvões da «Morte de Camões» e de «Ugolino»; e, finalmente, outra vez o pintor de Roma, com a série dos quatro quadros religiosos da colecção Palmela, e dos seus grandes desenhos preparatórios, nova proposta luminística, já passada por Turner, numa Itália ainda de Setecentos que assim tem últimos fulgores num testamento de pintor lá nascido e que lá escolheu fielmente morrer.

Sequeira anda pelas quatro primeiras das nove salas da exposição e em cada uma delas ele tem razão de ser, na iconografia de D. João VI — que uma grande escultura de Aguiar domina em excelente esquema neoclássico, em contraste com uma imagem ingénua e de espírito popular do rei barrigudo, de J. I. Sampaio;

ou em conjuntos museológicos de obras. Ou, entretanto, perto de Vieira Portuense, por meia contemporaneidade, — mas, sobretudo, para avaliar historicamente a oposição dum espírito para-romântico que assoma na pintura portuguesa, por via italo-londrina, entre belas paisagens de fundo que absorvem as figuras («Leda e o cisne» ou «Margarida de Anjou»), ou gestos teatrais que as animam e codificam («Eduardo e Leonor» ou «D. Filipa de Vilhena»), de admirável brilho comédico. As três alegorias de Sequeira, de 1808 a 21, clarificam, por seu lado, na mesma sala, a existência das duas vias saídas do neoclassicismo — e o famoso «Eneas», de Fonseca, e a alegoria da Academia, de N. J. Ribeiro, tão tardias ambas, dos anos 40, servem de contraprova academisada nas possibilidades lisboetas, a essa dicotomia estética, que a partir dos mesmos anos 40 e até 70, o romantismo resolveria por via francesa.

Esse o sentido da sala seguinte, com paisagens ainda cenográficas, de Anunciação e de Cristiano, vindas do «género», de Roquemont, e outras já, de um e de outro, que espertam o naturalismo (o «Vitel») ou exprimem sentimentos de solidão e melancolia — e são os Cristinos da «Vaga» ou da «Passagem do gado» com a sua enorme falésia rubra. Metrass retratou-se, deprimido, em Camões exilado, em Paris, e deu a mais comovida composição dramática do romantismo nacional, bem a par do francês pós-Delacroix, no «Só Deus!», enquanto Meneses pintava a esposa de crinolina, como Winterhalter o faria — e não menos bem do que ele. E uma pequena sociedade burguesa revê-se, no seu «Passeio Público» ou, sentimentalmente, à italiana, nos seus pobres de pedir, ou em adeuses (Patrício) — que anunciam Júlio Dinis e Malhoa.

Mas, em 70, ao termo desta geração de românticos, o jovem Soares dos Reis traria de estudos romanos a estátua do «Desterrado» que simbolizaria, num doce frêmito de mármore, toda a carga melancólica dum tempo — sem tempo e dum espaço — sem espaço. Ponto final do romantismo (na altura em que os literatos vindos de Coimbra juravam por Proudhon), ele ficaria em reserva de sentimento, para depois — nascido ao mesmo tempo que o Zé Povinho que, em outra secção da exposição, à parte, no Centro



António Carneiro/ Praia da Boa Nova/ 1912

Soares inaugurou monumento a Camões e exposição de arte portuguesa

O Presidente da República exaltou ontem, na inauguração, em Paris, do monumento a Camões, «os valores da universalidade» que «urge acentuar» num mundo em que «reaparecem sinais de xenofobia, de intolerância e até de formas veladas de racismo».

Falando perante o primeiro-ministro francês, Jacques Chirac, Mário Soares considerou o épico português «o símbolo da universalidade da cultura portuguesa», e disse que a sua obra representa um «testemunho luminoso», possuindo uma «actualidade» com raízes no «humanismo universal, que viria a fundar toda a cultura moderna».

Para o Presidente da República, as relações entre França e Portugal têm sido marcadas por «um enriquecedor contacto humano, por um diálogo muito fecundo».

O monumento a Camões «ficará doravante em Paris a simbolizar o encontro de dois povos, na evocação do maior poeta de um deles» — afirmou.

O monumento a Camões inaugurado é da autoria dos escultores portugueses Clara Meneses e Rui Matos.

Também ontem, Mário Soares, inaugurou, no Museu do Petit Palais, de Paris, uma exposição de pintura portuguesa do século XIX, que inclui 250 obras de arte seguras em dois milhões de contos.

Um porta-voz do Palácio do Eliseu disse anteriormente à agência Lusa que o presidente François Mitterrand não assistiu à inauguração por se encontrar fora da capital francesa, mas — adiantou — «é mais do que certo que ele irá lá mais tarde».

Entre as obras incluem-se 150 pinturas, 40 desenhos, 30 gravuras, oito esculturas e 20 cerâmicas, que fazem parte da exposição subordinada ao título «Sol e Sombras».

Estão representados 47 artistas, incluindo Malhoa, Columbano, Domingos Sequeira e sobretudo Vieira Portuense, entre outros.

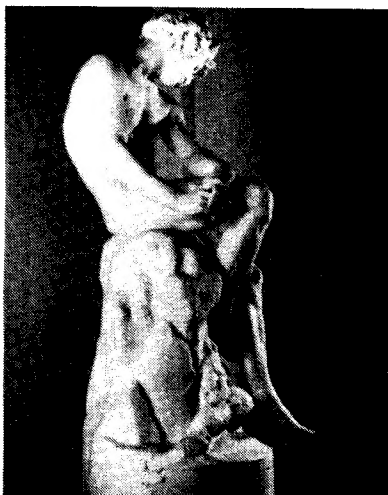
O comissário da exposição é José-Augusto França, director do Centro Cultural Português da Fundação Gulbenkian, em Paris.

A exposição é organizada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretaria de Estado da Cultura, Associação Francesa de Acção Artística e Município de Paris, com a participação da Fundação Gulbenkian.

A exposição termina no dia 3 de Janeiro.



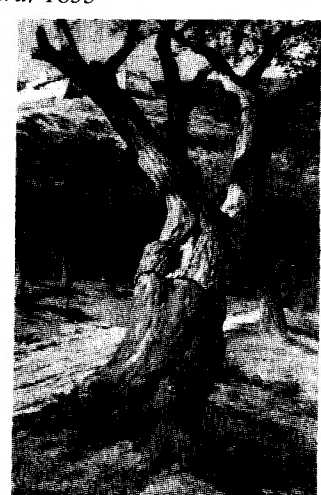
João Cristino da Silva/ Cinco artistas em Sintra/ 1855



Soares dos Reis/ O Desterrado/ 1874



Columbano/ O Grupo do Leão/ 1885



D. Carlos de Bragança/ Sobreiro/ 1905

Cultural Português, exprime as suas verdades nacionais, com apropriado e popular gesto que se opõe os dos braços caídos e das mãos enrodilhadas do desterrado... Ou do pequeno D. Sebastião (Simões de Almeida) que, à entrada da sala, sonha aflições de alma e tontices de história: outro emblema tardo-romântico que importa à leitura estética da exposição e do seu sentido histórico e cultural.

Pouco depois, paisagens francesas de Silva Porto, Loureiro, Pousão (e, de Capri, as suas «Casas Brancas» e mais «pochades»), de Condeixa e já de Carlos Reis marcam, com passagem para Portugal («A Charneca de Belas», ou o «Milheiral» do último), a descoberta naturalista do país. Mas entre estes pintores está D. Carlos de Bragança com o seu «Sobreiro» de 1905, que é, a seu turno, emblema tardo-naturalista, com uma carnal sensualidade (alentejana...) que nenhum outro pintor português exprimiu ou teve.

As «impressões» de praias de Marques de Oliveira, ou a grande praia doce numa manhã encoberta, de Vaz, antes que Carneiro pinte entre cor-de-rosa e «mauve» as suas, definem, em melancolia, a visão do mar que a pintura portuguesa finalmente pouco tem. Não estamos longe das paisagens desoladamente simbolistas de Luciano Freire, vizinhas, ou da rara vista do Douro de Aurélio de Sousa, tomada do alto, a uma distância triste também.

Entre um e outro núcleo, Malhoa está presente com a sua força dramática, dos «Bêbados» e do «Fado», lado a lado para que melhor se entendam: e, defronte, «Clara» representa o resto com o muito que tem de seu — e em volta dela está talvez o mais in-

ventivo apontamento de paisagem do pintor, marcado com uma larga segurança que o famoso «Outono» minimiza, afinal. Com o mesmo rosto-Malhoa, de bochecha rosada como uma maçã, um retrato de burguesinha («Mlle Sauvinet») e uma «Noiva» tal e qual... Sousa Pinto, muito ao gosto francês, como Ramalho retratando Alberto Nunes no seu «atelier» de escultor e sobretudo o lanterneiro de «Chez mon voisin» (que será a melhor peça de «gênero» realista portuguesa, datada de Paris), o gosto romano acertado da «Cecília» de Pousão e meia dúzia de peças intimistas, de Keil, de Aurélio e de Salgado e Lupi completam este realismo ainda mais ou menos romântico que vai de 70 ao princípio de Novecentos.

Mas Lupi é o retrato da marquesa de Belas, da Senhora Sousa Martins, entre a aristocracia mais ávida e a burguesia mais conspícua e de Castilho cego, com uma emoção contida. Na sala consagrada ao retrato, Soares dos Reis tem dois bustos, duma dama vistosa da sociedade lisboeta e duma grave «miss» inglesa do Porto, que são das suas melhores obras. E Ramalho, com a «Mlle Dulac» e a mais moderna «Senhora de Negro» (que haverá de aproximar da pequenina tábuca de Pousão, aproximada, ela, de Manet) e o «Abel Botelho» sobre fundo japonês, dá a réplica necessária a Lupi, assegurando Carlos Reis a continuidade de ambos — e Aurélio de Sousa («Auto-retrato») uma inesperada ruptura, de severa violência cromática. Entre os retratos está outra obra insólita, uma dançarina anónima de J. de Brito, triste e sentada, de tule negro sobre fundo azul, com algo de italiano na expressão pic-

tural. E já um Columbano («Cristina Bordalo Pinheiro»), com uma elegância natural — antes que se chegue à sala consagrada ao pintor.

Esta tem dois topos com a «Soirée chez lui» e o «Grupo do Leão», como é necessário, e são duas admiráveis peças já de espectral solidão, noite de estrangeiros em Paris, tarde de estranhos em Lisboa... Não se parecem com nenhuma outra pintura ocidental estes dois quadros, e talvez se entenda que só um português assim poderia pintá-los, em amarga ou distante ironia. Dois Columbanos do princípio, o «Pessanha» e o «Manuel Gustavo», nas suas minúcias (e com o pintor no espelho, o primeiro), a «Chávena de chá», com outra espécie de profundidade de coisas, três retratos de actores, como se fossem retratos de retratos, e, entre uns e outros, duas figuras femininas, da burguesa chique quase caricaturada («Viscondessa de Sacavém») e da cunhada, forte perfil de matrona, um Teixeira Gomes distante e dois poetas ao fim da vida, por idade romanticamente assumida, o Bulhão Pato, e por suicídio ainda então adiado, o Antero.

Com este acaba de certo modo o século, em gente e em sonho de história. Verdadeira pintura de história é ele para que lhe souber as entrelinhas. Nas linhas com que ela mais aparentemente se cose, cabem, porém, outros quadros que enchem a última sala.

Sala de pintura de Academia e de Salon, as pinturas recolhidas começam por ser de Marques de Oliveira: o notável e esquecido «Céfalo e Prócris», prova final de bolseiro nas Beaux-Arts de Paris, com a doce carnção já mortal da princesa deitada, que outra tão bela não há na pintura

portuguesa — não com certeza a de «Amor e Psyche» de Salgado, doze anos depois (1891) pintado também em Paris, coisa tardia de «Salon». Do mesmo, vem a teatralidade bem ao gosto oficial parisiense de «Vasco da Gama perante o Samorim», já do fim do século — que contrasta com a suave filosofia de «da-capo» saudosista da famosa «Vida» de Carneiro, à Puvís de Chavannes, em Paris pintado, com esperançada convicção.

O «Duque de Ávila» impavidamente crítico de Lupi ao lado de dois retratos de D. Luís Filipe, de Malhoa, são pintura oficial — que, porém, nestes últimos, evita demasiados compromissos. Mas pintura de história são também dois outros Malhoas — e na simplicidade árida do «Vasco da Gama», no convés da nau, ou na sensualidade feroz da «Ilha dos Amores», o gênero perde convenções e apresenta-se de modo inesperado, dentro dum discurso só supostamente académico. Essa é a novidade da

sala, se for bem vista, por comparatistas da história da arte oitocentista.

Última escultura, «A Viúva» de Teixeira Lopes, de 1890-93, pela quarta vez mostrado em Paris, de «Salon» em «Salon», até à exposição Universal de 1900, com «grand prix» para o escultor, tem uma imponente e certa qualidade que, em naturalismo, responde bem ao «Desterrado» esculpido pelo mestre do seu autor. A leitura circular da peça revela um movimento raro de volumes, numa alta qualidade plástica.

Muitas coisas assim são de apreciar, em nível internacional, nesta exposição realizada em Paris, com algumas descobertas, revelações e revalorizações nacionais. Tudo isso provando a possibilidade (e a necessidade) de redefinir, em museu do século XIX de sua vocação, o de arte contemporânea — com o programa histórico e cultural que esta exposição sugere, como era ao mesmo tempo desejável.



José Malhoa/ A ilha dos Amores/ 1907

SUSPENSAS INDEFINIDAMENTE AS NEGOCIAÇÕES SOBRE PRESENÇA MILITAR DOS EUA EM ESPANHA

A sétima sessão de negociações entre a Espanha e os Estados Unidos sobre a presença de efectivos e equipamento militar norte-americano em território espanhol, prevista para amanhã, foi adiada indefinidamente por «razões técnicas de calendário», soube-se esta manhã em Madrid.

Todavia, meios oficiais e diplomáticos da capital espanhola, citados pelo correspondente da Rádio Comercial, Manuel Lopes, referem a existência de «divergências e tensões entre as duas partes» e que nenhuma delas tem novas propostas a fazer.

Neste quadro, e dado que termina a 13 de Novembro o prazo para se chegar a acordo, parece inevitável que Madrid comunique a Washington, até essa data, a sua decisão de não prorrogação do acordo bilateral entre os dois países, assinado em 1954.

Uma tal decisão do Governo espanhol, considerada agora muito provável, deixa em aberto a possibilidade de até 13 de Maio (data em que expira o tratado), se chegar a um acordo.

Felipe Gonzalez mantém, segundo os mesmos meios oficiais, uma atitude «intransigente e inflexível» quanto à retirada dos 72 caças F-16 de Torrejón e dos aviões-cisterna de Saragoça em virtude do referendo de Março de 1986 sobre a integração da Espanha na NATO. Um dos argumentos mais poderosos de Gonzalez para obter o «sim» do povo espanhol foi, exactamente, o da contrapartida da retirada de efectivos e de equipamento militar dos Estados Unidos do território espanhol.

Narcis Serra, ministro da Defesa espanhol, teria, segundo tais fontes, uma atitude «mais flexível» em relação a esta questão, nomeadamente devido aos custos económicos decorrentes da man-

utenção da base de Torrejón, onde se encontram os F-16.

O ministro espanhol vai encontrar-se nos próximos dias 3 e 4 de Novembro em Monterey (Califórnia) com o seu homólogo norte-americano Caspar Weinberger, durante uma reunião de planos nucleares da NATO, admitindo-se que nesse encontro se tente um derradeiro esforço de consenso para a retomada das negociações até 13 de Novembro, data limite.

A administração Reagan não parece, por seu turno, disposta a facilitar um acordo político pois pretende comprometer Madrid e responsabilizar o seu Governo no quadro da NATO.

Outras das razões das fortes reticências norte-americanas em reduzir a sua presença militar em Espanha prendem-se com o eventual reforço do papel das armas convencionais, na sequência dos acordos de desarmamento nuclear entre os EUA e a

URSS, e com a agudização da situação no Médio Oriente e no Golfo Pérsico.

Washington teme, por outro lado, que as dificuldades postas por Madrid se acrescentem as de outras países, como a Grécia e as Filipinas e, até, de Portugal (insatisfeito com o não-cumprimento integral do acordo sobre as Lajes, nos Açores) e da Turquia, descontente com o alegado apoio norte-americano a Atenas na disputa territorial sobre o mar Egeu.

Segundo meios oficiais norte-americanos, citados pelo New York Times, o Pentágono duvida da capacidade espanhola em termos de uma efectiva segurança militar do Ocidente, nomeadamente nos planos de defesa naval, vigilância do Mediterrâneo ocidental, apoio logístico, treino e poder aéreo.

Os EUA mantêm 14 mil homens nas suas quatro bases de Espanha (Torrejón, Moron, Saragoça e Rota-base naval).

Constâncio: Fundão confirma "papel determinante" do PS

Vítor Constâncio comentou, em mensagem dirigida aos militantes, os resultados da eleição de domingo no Fundão acentuando que eles «representam a confirmação do papel determinante que o PS tem na sociedade portuguesa».

O líder socialista salienta ainda que a vitória do seu partido (quatro mandatos, contra três do PSD) traduz o «excelente trabalho realizado pelas estruturas concelhias e distritais do PS». Constâncio manifesta, por outro lado, o seu apreço ao novo presidente da câmara municipal, José Sampaio Lopes.

MDP satisfeito

O MDP/CDE comentou igualmente os resultados do



Fundão opera considerar que eles indicam «um realinhamento de opções de voto mais de acordo com as reais alternativas surgidas com o 25 de Abril».

Para este partido, o resultado obtido pela respectiva lista (559 votos) significa o começo da «reconquista do eleitorado, já que quintuplicou a sua votação três meses após as eleições de 19 de Julho».

Sábado, no Porto

Soares vai entregar prémio "Amadeo Souza-Cardoso"

Mário Soares inaugura sábado, na Casa de Serralves (Porto), a Exposição Nacional de Arte Moderna / Prémio Amadeo de Souza-Cardoso, entregando à pintora Paula Rego o primeiro prémio, com que foi distinguida.

Os outros artistas premiados, Eduardo Bata e Álvaro Lapa, que receberam ex-aequo o segundo prémio, e Maria José Aguiar e Pedro Calapez, distinguidos com o terceiro prémio, estarão igualmente presentes na inauguração da exposição, a que assistirá ainda a Secretária de Estado da Cultura.

A Exposição Nacional de Arte Moderna culmina o período de lançamento da Casa de Serralves como centro cultural e espaço de exposições onde, no último semestre, foram realizadas 10 exposições e mostras documentais, além de ciclos de conferências e visitas guiadas.



O «prémio Amadeo Souza-Cardoso», agora atribuído, congrega diferentes obras que incluem pintura, escultura, fotografia, gravura e desenho. Concorreram cerca de mil obras e foram seleccionadas 81.

Três empresas, Benetton, Longa Vida e Galeria Nasoni, financiaram o prémio.

O primeiro prémio é da ordem dos 1500 contos, o segundo de 1000 e o terceiro de 500.

Semana político-cultural

da Associação Abril

Portugal — mutações sociais e ideológicas

A Associação Abril — associação regional para a democracia e o desenvolvimento — promove uma semana político-cultural sobre o tema: «Portugal — mutações sociais e ideológicas» que terá lugar na sua sede Rua de S. Pedro de Alcântara, 63, 1.º, Dt.º. As sessões realizar-se-ão às 20h30 nos dias 26, 27, 29 e 30. Na segunda-feira, dia 26, Myriam Pereira e Magda Pinheiro falarão das mutações sociais e ideológicas no período de 1820 a 1910; na terça-feira, dia 27, Cé-

sar Oliveira abordará o mesmo tema relativamente ao período de 1910 a 1974; na quinta-feira, dia 29, o período de 1974 a 1987 será analisado por António Brotas e Augusto Mateus. Finalmente, na 6.ª-feira, dia 30 de Outubro, Alcídio Torres, Alfredo Frade, Fernando Loureiro, Helena Cidade Moura, Jorge Pegado Liz, José Luís Judas, Luís Fazenda interrogar-se-ão sobre as «alternativas para a Esquerda em Portugal».

Dúvidas sobre eleição de Mayor Zaragoza

Conferência Geral da UNESCO terá última palavra em Novembro

Nada está decidido quanto à sucessão de Amadou M'Bow como secretário-geral da UNESCO. Apesar de ter recolhido votos suficientes na eleição de domingo, para vir a assumir a liderança da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, a investitura do espanhol Mayor Zaragoza passará pela confirmação da Conferência Geral da UNESCO. Por ora, o resultado da própria corrida para a liderança daquele órgão da ONU mantém-se incerto, segundo declarou o próprio porta-voz do secretário-geral das Nações Unidas. Este (Perez de Cuellar), por seu turno, recusou-se a comentar o processo de eleição do director-geral da organização.

A Conferência Geral da UNESCO, que no começo de Novembro votará a proposta do Conselho Executivo para a designação do espanhol Federico Mayor Zaragoza como director-geral deste organismo das Nações Unidas, iniciou hoje as suas sessões em Paris.

Em princípio, a eleição por maioria simples está prevista para o dia 7 de Novembro e a sua realização não poderá ser adiada para depois do dia 14, data em que termina o segundo mandato consecutivo de Amadou Mahtar M'Bow, que desempenhou as funções de dirigente desta organização da ONU para a Educação, Ciência e Cultura ao longo dos últimos 13 anos.

O senegalês M'Bow, que este ano figurava novamente na lista de candidatos a este cargo, e foi o único concorrente rival do espanhol Mayor Zaragoza (enquanto os outros candidatos eram progressivamente eliminados), anunciou sábado a sua retirada da corrida para director-geral da UNESCO, como é do conhecimento público.

Algumas manobras de bastidores

Esta desistência foi surpreendente, tanto mais que M'Bow contava com o apoio de grande parte dos países africanos, cuja campanha para a sua renomeação parecia estar a pressionar outras nações a manifestar o seu apoio ao senegalês.

No sábado, após a retirada de M'Bow da corrida à liderança da UNESCO, o Conselho Executivo desta organização elegeu o espanhol como seu candidato a director-geral, por 30 votos contra e 20, mas o processo está longe de se dar por encerrado. A propósito, declarou o secretário de Perez de Cuellar para a Imprensa, Francois Giuliani: «Seja como for, a Conferência Geral não tomou qualquer decisão com base nesta recomendação».

A Conferência Geral da ONU, representante de todos os elementos que fazem parte da UNESCO, deve escolher o sucessor de M'Bow no próximo mês, mas tem havido alguma especulação acerca de um consenso que poderá levar à nomeação de outro candidato em vez de Mayor Zaragoza, que não conseguiu uma unanimidade na escolha.

O ministro uruguaio dos Negócios Estrangeiros, Enrique Iglesias, um antigo alto funcionário da ONU a trabalhar no sector económico, sob as ordens directas do secretário-geral das Nações Unidas, tem sido mencionado como uma escolha possível. No entanto, ao ser interrogado sobre o assunto, Iglesias afirmou laconicamente que não era candidato.

Em Paris, o governo francês expressou ontem o seu desejo de que a Assembleia Geral da UNESCO ratifique a escolha de Federico Mayor Zaragoza para o cargo de director-geral, pondo assim termo às polémicas e discussões surgidas ultimamente.

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros enviou uma mensagem oficial de felicitações ao bioquímico e ex-ministro espanhol da Educação, na sequência de declarações elogiosas dos ministros dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Jean-Bernard Raimond e Michel Aurillac, respectivamente.

«Esperamos que, após a eleição do Conselho Executivo, o processo eleitoral possa ser concluído perante a Assembleia Geral num espírito de calma e consenso», disse um porta-voz do MNE francês.

EUA: reentrada se houver reformas

O Departamento norte-americano de Estado, por seu turno, anunciou que a eleição de um novo director-geral da UNESCO e a desistência de M'Bow da corrida a este cargo não significam o regresso automático dos Estados Unidos ao seio da organização.

Phyllis Oakley, porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, afirmou que os Estados Unidos nunca referiram que as suas divergências na UNESCO se dessem à pessoa que ocupa (ou ocupava) o cargo de director-geral e «que uma alteração na sua liderança, só por si, não provocará uma reavaliação da nossa decisão».

«Nós (os EUA) faremos nova avaliação acerca de uma reentrada na UNESCO quando houver provas concretas de reformas estruturais, institucionais e programáticas», adiantou a mesma fonte.

Os Estados Unidos retiraram-se na UNESCO no final de 1984, queixando-se de um alegado peso político excessivo, má gestão financeira e restrições orçamentais. Também a Grã-Bretanha e Singapura saíram da UNESCO, acusando M'Bow de um alinhamento antiocidental.



ORLANDO VICTOR DOS PASSOS PIRES

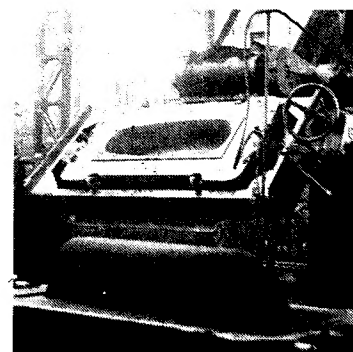
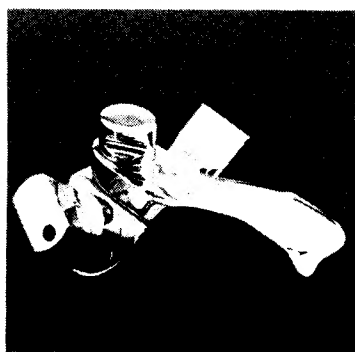
Missas do 7.º dia

Sua Mulher, Filho e mais Família participam que será celebrada missa amanhã, dia 21, pelas 18 e 45 horas, na Igreja de Maria Auxiliadora — aos Prazeres — ficando muito gratos a todas as pessoas amigas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Confiança no Futuro



Indústrias Metalúrgicas, S.A.



A OLIVA — Indústrias Metalúrgicas, S.A., fundada em 1925, é uma empresa de capital 100% nacional, dotada de um modelo de gestão de multinacional, que desenvolve a sua actividade nos sectores metalúrgico e metalomecânico, fabricando uma vasta gama de produtos destinados a vários sectores industriais.

Tendo por principal objectivo defender a liderança do mercado nacional, que actualmente detém, e aumentar a sua penetração nos mercados externos, a OLIVA desenvolve, presentemente, importantes projectos de inovação tecnológica envolvendo novos materiais e

novos produtos. É patente a sua preocupação na defesa do seu meio ambiente, através de significativos investimentos, feitos com esta finalidade, nos últimos anos. Das suas unidades fabris em S. João da Madeira, saem tubos e acessórios, torneiras e banheiras, fogões e caloríferos, para além de outros fundidos gerais, cujo elevado grau de qualidade e avançada tecnologia, garantem uma posição cimeira no mercado nacional e abrem excelentes perspectivas nos exigentes mercados europeu e americano.

OLIVA — Indústrias Metalúrgicas, S.A. • Rua da Fundação — 3701 S. João da Madeira • Contribuinte n.º 500206244 • Capital social 1.904.000.000\$00 • C.R.C. de S. João da Madeira n.º 78, a fls. 40-L.º C-1

Segundo Galvão Teles:

SIDA NÃO SE TRANSMITE ATRAVÉS DE BANCOS DE ESPERMA

Só por incumprimento da rigorosa avaliação a que são submetidos os doadores de sêmen é que poderá ocorrer a propagação da Sida através dos bancos de esperma — disse Galvão Teles, professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e fundador do primeiro banco de esperma entre nós.

Aquele endocrinologista, em entrevista que a última edição do «Correio Médico» insere, vinha que «não há qualquer possibilidade de se inserir esperma de indivíduos com Sida». Ressalta ainda do conjunto das suas declarações a de que «cerca de cinquenta por cento da esterilidade do casal é de causa masculina». Note-se que Galvão Teles é o presidente da Sociedade Portuguesa de Andrologia.

A propósito de esperma e Sida, Galvão Teles explicou que, excluídos os homens pertencentes aos considerados grupos de risco, os potenciais doadores são actualmente sujeitos, no âmbito dos necessários exames clínicos, à pesquisa de anticorpos HTLV-III no sangue, no momento do depósito de esperma, voltando a sê-lo três meses depois.

O endocrinologista disse que o sêmen fica congelado a 196 graus negativos, sendo no final de três meses submetido a novo teste, uma vez que, entre a exposição ao vírus e o aparecimento

do anticorpo podem mediar cerca de dois meses.

Galvão Teles referiu que a primeira vez que se evidenciou a transmissão do HTLV-III, através da inseminação artificial de esperma criopreservado, foi em 1985, na sequência de um estudo australiano efectuado sobre oito mulheres que se sujeitaram ao método de inseminação artificial.

O responsável pelo Serviço de Endocrinologia do Hospital de Santa Maria salientou que «num banco de esperma o que há a fazer é seleccionar doadores que sejam homens não portadores de doenças genéticas ou antecedentes hereditários. O candidato é rastreado às doenças transmissíveis sexualmente. Além da SIDA, também a hepatite B, a sífilis a gonorréia e outras».

Porto antecipou-se à capital

Galvão Teles referiu que o banco de esperma que fundou em 1986 em Lisboa, designado por Centr Andrologia e Fertilidade — o primeiro foi criado no Porto em finais de 1985 —, utiliza a inseminação artificial, por dador, como método terapêutico para tratar a esterilidade do homem.

«Cerca de 50 por cento da esterilidade do casal é de causa masculina», acentua o especialista, também presidente da Sociedade Portuguesa de Andrologia.

Para se ser dador, o indivíduo terá de ter menos de 50 anos, ter tido já um ou mais filhos, prova da sua fertilidade e saúde.

São preferidos entre os grupos mais utilizados, os jovens estudantes de medicina ou profissionais das áreas de saúde e ainda os maridos de mulheres tratadas por infertilidade, por serem pessoas já muito alertadas para este tipo de problemas.

Galvão Teles admitiu existir em Portugal «um certo marasmo», neste campo da medicina, comparado com outros países estrangeiros. Segundo estatísticas americanas, nascem por ano cerca de dez mil crianças por este método.

A falta de legislação que regula a actividade dos bancos de esperma de — Lisboa e Porto — constitui para Galvão Teles o principal factor impeditivo do desenvolvimento destes centros e frustração dos casais que estão à espera.

Em sua opinião, o Ministério da Saúde, que autorizou pelo decreto 319/86 a criação destes bancos, devia, pelo menos, estabelecer um regulamento interno dos centros de fertilidade, criando um organismo que os possa superintender.

«A legislação — observa o especialista — é importante como salvaguarda de todos os intervenientes na inseminação artificial, a criança, o pai, a mãe, o dador e o médico».

A inseminação artificial por dador foi iniciada em Portugal em finais de 1985, por Alberto Barros, de 29 anos, assistente da Faculdade de Medicina do Porto, e terá já possibilitado mais de uma dezena de gravidezes.



José Magalhães Godinho e Piteira Santos quando apresentavam a correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Salazar

Comissão do Livro Negro apresentou cartas de Teotónio Pereira para Salazar

A Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista apresentou na manhã de segunda-feira o primeiro volume da «Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Oliveira Salazar».

Na apresentação deste vigésimo volume do Livro Negro, feita por José Magalhães Godinho, destacou-se a importância de Pedro Teotónio Pereira, não na definição das políticas do regime — que competia exclusivamente a Salazar —, como destacou Piteira Santos, mas na sua execução em lugares-chave. Pedro Teotónio Pereira tem, aliás, segundo os organizadores do volume, uma estatuta política que o destaca na corte de Salazar.

Este primeiro volume da correspondência, abrange desde 1931 — ano em que é nomeado subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social — até ao final de 1939 — quando negocia com o Governo de Madrid o Pacto Ibérico.

co. Durante este período Teotónio Pereira é ainda ministro do Comércio e Indústria e agente especial do Governo português junto de Franco, passando a embaixador em Madrid quando Portugal reconhece o novo regime.

Nesta qualidade será o principal executor da política espanhola de Salazar, no sentido de contrabalançar o peso da Alemanha e de neutralizar a Espanha no conflito mundial que se aproximava, de modo a garantir a segurança portuguesa.

O presidente da Comissão do Livro Negro Sobre o Regime Fascista, José Magalhães Godinho, alertou para a necessidade de se elucidar a juventude sobre os 40 anos de ditadura Salazar. «A mocidade está abandonada, pois ninguém a esclarece sobre o que foi o regime fascista em Portugal», acrescentou José Magalhães Godinho.

Assembleia Municipal de Cascais vota pela sobrevivência da Quinta do Barão

A Assembleia Municipal de Cascais aprovou na sua última reunião uma proposta defendendo a aquisição da Quinta do Barão pela Câmara e sua classificação pelo IPPC como monumento municipal — anunciou a autarquia.

A proposta, que pretende pre-

servar a Quinta do Barão para a produção de vinho de Carcavelos, defende também o prosseguimento de diligências com a Junta Autónoma das Estradas no sentido de ser encontrada outra solução para a ligação do nó de Carcavelos na auto-estrada Lisboa-Cascais, que não faça cortar

a Quinta do Barão por qualquer via de comunicação».

Em relação ao estudo apresentado para urbanização parcial da Quinta do Barão, aquela proposta, apresentada pelo vereador Príncipe Ceia (PSD) não julga adequado o loteamento em qualquer área daquela propriedade.

Seminário de musealização na Figueira da Foz

Quarenta especialistas norte-americanos, ingleses, franceses e portugueses iniciaram ontem, na Figueira da Foz, um seminário sobre musealização de sítios.

Na sessão de abertura, entrevistaram o vice-presidente do Instituto Português do Património Cultural, Balthazar Oleiro, o chefe de departamento de etnologia deste organismo e o presidente do executivo municipal.

Na primeira comunicação científica apresentada nos trabalhos, Leonard Mirin, da Universidade americana de Cornell, abordou questões relaciona-

das com o parque central de Nova Iorque.

A arqueóloga Isabel Pereira disse que «no encontro vão ser analisadas formas de gestão do património etnológico e histórico de espaços ao ar livre, numa perspectiva de ecomuseus».

O seminário, que decorre até sábado no auditório do Museu Municipal, inclui visitas de estudo à região do Buçaco, Penacova, Conimbriga, aos moinhos de vento da Portela de Oliveira e à Quinta do Canal (Baixo Mondego), entre outras deslocações.

NOTARIADO PORTUGUÊS Quarto Cartório Notarial de Lisboa

CERTIDÃO DE NARRATIVA PARCIAL

Certifico para efeitos de publicação, que foi registada neste Cartório, a pedido dos interessados em catorze de Outubro de mil novecentos oitenta e sete, a folhas cinco verso, do competente livro número R-catorze, sob o número trezentos e oito, uma fotocópia autenticada da acta número noventa «ETEI — Comércio Internacional, SARL», realizada aos trinta e um dias do mês de Março de mil novecentos e oitenta e sete.

Mais certifico que da referida acta consta:

a) haver estado representado o quorum da assembleia geral nos termos do artigo 13.º (décimo terceiro) do Pacto Social.

b) terem sido eleitos por unanimidade para preenchimento das vagas existentes nos órgãos sociais até ao final do triénio de mil novecentos e oitenta e cinco a mil novecentos e oitenta e sete;

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL:

Presidente: Manuel Alves Rigor.
Secretário: Manuel António Barrosc dos Santos Lourenço (eng.).
Secretário: João Miguel Rosado Moreira Rato (Doutor).

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Presidente: Ezequiel Balsa de Matos Vicente (Doutor).
Vogal: Josevino Manuel Paulo Ferreira (Doutor).
Vogal: Carlos Alberto Pires da Silva.
Mantendo o conselho fiscal a mesma composição.

Está conforme com o original.

Lisboa, aos catorze de Outubro de mil novecentos oitenta e sete.

O Escriturário Superior

(assinatura ilegível)

«DL» 20/10/1987

NOTARIADO PORTUGUÊS Quarto Cartório Notarial de Lisboa

CERTIDÃO DE NARRATIVA PARCIAL

Certifico para efeitos de publicação, que foi registada neste Cartório, a pedido dos interessados em catorze de Outubro de mil novecentos oitenta e sete, a folhas cinco verso, do competente livro número R-catorze, sob o número trezentos e sete, uma fotocópia autenticada da acta número oitenta da assembleia geral da «ETEI — Comércio Internacional, SARL», realizada aos trinta dias do mês de Março de mil novecentos e oitenta e cinco.

Mais certifico que da referida acta consta:

a) haver estado representado o quorum da assembleia geral nos termos do artigo 13.º (décimo terceiro) do Pacto Social.

b) terem sido eleitos por unanimidade para os cargos sociais para o triénio de mil novecentos e oitenta e cinco a mil novecentos e oitenta e sete, os seguintes senhores:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL:

Presidentes: Carlos Alberto Pires da Silva.
Secretário: Engenheiro Manuel António Barrosc dos Santos Lourenço.
Secretário: Doutor João Miguel Rosado Moreira Rato.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Presidente: Doutor José de Sousa Lobato.
Vogal: Doutor Ezequiel Balsa de Matos Vicente.
Vogal: Doutor Josevino Manuel Paulo Ferreira.

CONSELHO FISCAL:

Presidente: Donato João Lourenço Vioso.
Vogal: Luis de Oliveira Madeira Rodrigues.
Vogal: Luis Artur Ribeiro Pessoa.
Suplente: Eleutério Ganilho Alvaro.

Está conforme com o original.
Lisboa, aos catorze de Outubro de mil novecentos oitenta e sete.

O Escriturário Superior

(assinatura ilegível)

«DL» 14/10/1987

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

3.ª PRODUÇÃO * PR.ESPANHA - T 726 0818 *

TERÇA A SABADO AS 21.30 H DOMINGO 17 H

VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS *TERÇA *QUARTA *E QUINTA PREÇO UNICO: * 200.00

3.º MÊS texto RICHARD DEMARCY encenação JOÃO MOTA música DOMINGOS MORAIS e J. PEDRO CAIADO

«... um espectáculo sublime, como o próprio texto... inesquecível.» Carlos Porto «Diário de Lisboa»

TRIBUNAL JUDICIAL DE 16.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução ordinária n.º 3583, 3.ª sessão. Exequentes: ORMIS - Embalagens de Portugal, SA.

Executado: JOSÉ ANTÓNIO RITTA CONSERVAS DE PEIXE, SA, com sede na Rua do Brasil, 1, VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO.

Lisboa, 13 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
Assinatura ilegível

Pel'O Escrivão de Direito
Assinatura ilegível

«DL» 20/10/87 — 2.ª Pub.

PS/AÇORES NÃO QUER INTERFERÊNCIA DO PRIMEIRO-MINISTRO

Os socialistas açorianos pretendem que o Primeiro Ministro deixe de interferir na nomeação dos ministros da República para as regiões autónomas. Isto mesmo consta de um projecto de revisão constitucional que o PS/Açores apresentou ontem, em conferência de Imprensa.

No documento, intitulado «Revisão constitucional e regiões autónomas», o secretariado regional do PS defende que o Ministro da República deve ser nomeado e exonerado pelo Presidente da República, ouvido o Governo e o Conselho de Estado.

Recorde-se que a actual Constituição estabelece que a nomeação do Ministro da República é feita pelo Presidente da República sob proposta do Governo central.

De acordo com o referido projecto, que será discutido a 30 de Outubro com o secretário-geral do PS, Vitor Constâncio, o Ministro da República deixa de ter funções administrativas, designadamente, a coordenação «dos serviços do Estado instalados nas regiões autónomas». São também previstas restrições ao direito de veto do Minis-

tro da República que na letra do projecto fica obrigado a «assinar, no prazo de 15 dias, os diplomas emanados do Parlamento açoriano desde que estes não sejam declarados inconstitucionais pelo tribunal competente».

Trata-se, de acordo com Leonildo Vargas, líder do partido na Região Autónoma, de restringir o veto do Ministro da República a um veto constitucional e de evitar o veto político. Actualmente, o ministro pode desenvolver ao Parlamento, para reconfirmação, as leis que entender vetar.

Na ocasião, o dirigente socialista açoriano defendeu que o Ministro da República «deve estar próximo do Presidente da República» e justificou a manutenção daquele cargo pelo comportamento do PSD/Açores. Aliás, a ex-

tinção do cargo de Ministro da República e a transferência dos seus poderes para o Chefe de Estado foi hipótese liminarmente rejeitada, sob o argumento de que tal poderia vir a «criar conflitos entre os poderes regionais e o mais alto representante da nação».

Finalmente, Leonildo Vargas negou que o seu partido «esteja colado ao actual Ministro da República, Rocha Vieira». «Apenas lhe damos razão quando ele tem razão e o criticamos quando ele toma posições contrárias às competências próprias dos órgãos políticos regionais, nomeadamente a Assembleia Regional», disse.

PCP/Madeira também tem propostas

Também o PCP/Madeira anunciou ontem ter decidido apresentar à direcção nacional do partido propostas que na revisão constitucional «garantam os poderes autónómicos e a clarificação dos poderes legislativos da Assembleia Regional».

A revelação foi feita por António Casmarrinha, líder do PCP na região, durante uma conferência de Imprensa.

Casmarrinha considerou que a situação decorrente das eleições legislativas de 19 de Julho «não trouxe qualquer melhoria das condições de vida e de trabalho dos madeirenses nem a solução para os problemas existentes na região». A propósito, referiu algumas das medidas anunciadas pelo Governo de Cavaco Silva que, em seu entender, apontam para «o agravamento das condições de vida das populações madeirenses» e sublinhou que o desenvolvimento regional, «seriamente afectado pela política do PSD/Madeira, irá sofrer novos entraves».

Os comunistas pronunciaram-se contra uma iniciativa legislativa do PSD destinada a reduzir o número de deputados na Assembleia Regional, diploma que o PCP disse constituir uma tentativa para «reduzir a representação parlamentar da Oposição».

Imposto cobrado ao turismo

Parte do IVA será este mês

devolvido às Câmaras e Regiões

O serviço administrativo do IVA deverá proceder, ainda este mês, à entrega, às Câmaras Municipais e aos órgãos locais ou regionais de turismo, das verbas correspondentes ao imposto cobrado e devido àquelas instituições.

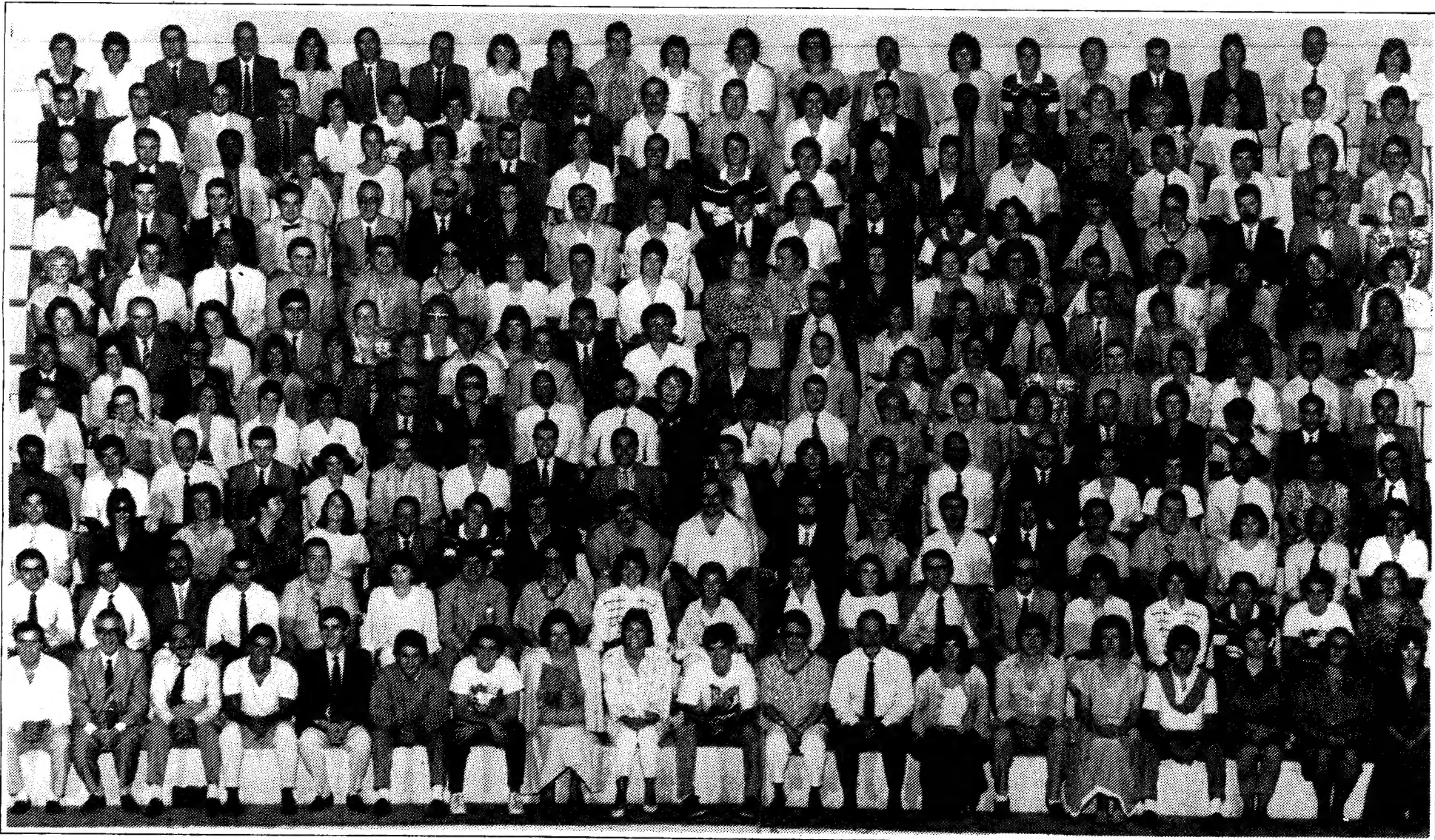
Valeu a pena a posição assumida, há cerca de meio ano, pelo presidente da Região de Turismo da Costa Azul, ao insurgir-se contra a não devolução àqueles órgãos do IVA cobrado ao turismo. Note-se que a anterior legislação destinava — como de turismo — às Câmaras e Regiões Turísticas o referido imposto e que o próprio IVA veio reforçar essa situação. Mas, na fase de transição que medeou entre as duas aplicações, os órgãos municipais e regionais de turismo ficaram desprovidos daquela fonte de receitas, considerada o seu principal fundo. Por isso, em reunião do secretário de Estado do Turismo, Edgar Costa deu conta, em Setúbal, da grave situação em que quase todas as regiões se encontravam, duas delas completamente descapitalizadas.

Seis meses depois, como atrás se diz, o serviço do IVA anuncia que procederá, ainda este mês, à reparação do «erro». Um despacho do secretário de Estado do Tesouro, hoje publicado na folha oficial, vem esclarecer a aplicação do Decreto-Lei 35/87, que regulamenta estas entregas.

Assim, as Câmaras e órgãos de turismo vão receber um montante das receitas do IVA igual a 25 por cento do produto do Imposto de Turismo, respeitante ao ano de 1985, acrescido de 32 por cento.

O Serviço de Administração do IVA entregará, ainda, em Janeiro e Junho de 1988, a cada uma das referidas entidades, 50 e 25 por cento das importâncias pagas em 1987, acrescidas da percentagem de 24,577 por cento, igual à (relação entre os orçamentos de IVA para 1987 e de IVA e Imposto de Transacções para 1986).

Se da correcção a efectuar em Outubro de 1988, nos termos do Decreto-Lei 35/87, resultarem diferenças negativas, os respectivos valores serão compensados em futuras entregas.



A união dos accionistas, dirigentes e de todo o quadro de pessoal, empenhados numa instituição dinâmica, permite-nos dizer...

Com um casino e um hotel de apoio

CONCESSÃO DE ZONA DE JOGO PREVÊ QUE TRÓIA SEJA O 'MOTOR' DA REGIÃO

Investimentos na ordem dos seis milhões de contos e a construção de dois centros, um desportivo (para alta competição) e outro arqueológico, são algumas das contrapartidas que oferece a única proposta apresentada ao concurso para a concessão da zona de jogo de Tróia, subscrita pelo empresário Manuel Teles, a Região de Turismo de Setúbal (RTCA) e a Torralta, que se propõem criar uma sociedade anónima para gerir o negócio e construir um casino e um hotel de apoio.



Personalidades e instituições de reconhecida idoneidade integram o grupo candidato à concessão da zona de jogo de Tróia

Chamar-se-á Casino Hotel de Tróia (CHT) essa sociedade anónima, segundo os termos da proposta ontem apresentada a concurso, cujo capital será de trezentos mil contos. O contrato da sociedade conterá uma disposição autorizando logo o Conselho de Administração da empresa a aumentá-lo, por uma ou mais vezes, até ao limite de cinco milhões de contos.

Com as obrigações a assumir em consonância com o decerto regulamentar da concessão da zona de jogo, as quais incluem a construção de um casino e de um hotel de apoio, a CHT compromete-se assim — com um investimento de seis milhões de contos — a tornar Tróia, de facto, o motor do turismo da toda a região.

A construção do casino de Tróia será feita num terreno contíguo ao hotel, na ponta do Adoxe, no estuário do Sado, devendo ser-lhe afectada uma área da ordem dos 65 mil metros quadrados, destinando-se 10 mil metros à instalação do edifício e os restantes 55 mil a espaços ajardinados e estacionamento automóvel.

O edifício do casino desenvolver-se-á em dois níveis, com um piso intermédio incorporado no pé direito das salas de jogos, destinando-se o piso 1 às actividades principais (salas de jogos, restaurante/sala de espectáculos).

O prazo de construção do casino será de 36 meses a contar da data da aprovação oficial do projecto definitivo estimando-se o respectivo

custo em 1525 milhões de contos, incluindo o terreno que será «apport» da Torralta.

A proposta da CHT contempla, depois, a construção de um hotel em Tróia, com 203 quartos e as características necessárias para ser qualificado como uma unidade de cinco estrelas. A nova empresa propõe-se utilizar a estrutura já existente no estuário, erguida com o objectivo de construir um hotel, e que está em toco praticamente desde o 25 de Abril.

A unidade hoteleira ocupará o edifício, que se desenvolve em altura, de 16 pisos, com uma área de construção de 35,5 mil metros quadrados. O programa, no corpo de exploração hoteleira, projecta a existência de 203 unidades, nove das quais serão suítes (4 camas), 45 «junior» suítes (2 a 4 camas) e 149 quartos duplos.

O prazo da conclusão do hotel será de 30 meses a contar da data da aprovação oficial da alteração do projecto definitivo, estimando-se o respectivo custo em 3,8 milhões de contos, incluindo o terreno e estrutura já existente, que serão «apport» da Torralta.

A proposta da CHT define, igualmente, entre as obrigações, duas entregas de 5 por cento, ao Fundo de Turismo, sobre os lucros brutos dos jogos, incluindo as receitas provenientes dos acessos às salas.

Estas entregas destinam-se à concessão de subsídios para conservação e recuperação de imóveis

pertencentes ao Estado a que se reconheça valor cultural, artístico e histórico, e a subsidiar a formação profissional no sector do turismo.

A CHT compromete-se também a investir anualmente 5 mil contos, a preços de 1987, em obras de interesse para o turismo a realizar no concelho de Grândola, e outros 5 mil contos anuais para promover a propaganda da zona de jogo no estrangeiro.

Mais 10 mil contos serão investidos, anualmente, na promoção e organização de exposições, espectáculos e provas desportivas, e na colaboração nas iniciativas que tiverem por objectivo fomentar o turismo na região da Costa Azul.

Estas intenções de investimento ultrapassam as obrigações previstas na lei relativamente à concessão em concurso.

A empresa concorrente compromete-se, por outro lado, a assegurar, nos dias de funcionamento do casino, a ligação fluvial Setúbal - Tróia - Setúbal, através da concessionária dos transportes colectivos do rio Sado, a quem pagará um subsídio anual de 18 mil contos.

Ainda no capítulo das obrigações, a CHT assegura a execução das infra-estruturas urbanísticas adequadas aos empreendimentos projectados.

Por iniciativa dos proponentes, são assumidos outros projectos de beneficiação local, nomeadamente a criação de um centro desportivo em Tróia (investimento: 150 mil contos), de um centro arqueológico (100 mil contos) e de uma pousada residencial em Grândola, com um mínimo de 50 camas (150 mil contos).

Na sua proposta, a CHT sublinha o facto do «bom nome dos proponentes» explicar o «cuidado posto na selecção dos demais subscritores do capital da sociedade concessionária», sendo «penhor seguro da boa organização desta e de que a futura administração irá implementar uma gestão criteriosa e ordenada».

Compete, agora, ao Governo a apreciação da proposta e a atribuição, ou não, da concessão à única empresa proponente. Em caso negativo, o Governo poderá ordenar a abertura de novo concurso.

A decisão do Governo deverá ser conhecida no prazo de um mês. O consórcio concorrente à zona de jogo de Tróia integra instituições e personalidades da mais reconhecida idoneidade, segundo os concorrentes.

No Funchal

Granada por deflagrar alarma população

Na zona do Palheiro Ferreiro, periferia do Funchal, a população vive alarmada há dois dias por não ser localizada uma granada usada nos exercícios militares e que não deflagrou.

O exercício em causa foi efectuado por militares do aquartelamento existente nas proximidades do bairro a oito quilómetros da baixa funchalense. A granada não terá deflagrado após o arremesso e está a ser procurada por elementos da Polícia e militares, não tendo sido encontrada até ao fim da manhã de hoje.

Capela assaltada na Madeira

Só hoje foi tornado público o assalto de que foi alvo no último domingo a capela do Livramento, situada na freguesia da Ponta do Sol a 40 quilómetros do Funchal.

Segundo divulgou a Polícia, foram furtados objectos em ouro e outros religiosos avaliados em cerca de dois mil contos.

A capela do Livramento é local de muita devoção da população de Ponta do Sol e de outras áreas da ilha da Madeira.

Nas comemorações do 42.º aniversário da PI

“Crachat” de ouro a título póstumo para agente Alvaro Militão

O ministro da Justiça, Fernando Nogueira, preside esta tarde, a partir das 17 horas, nas instalações da Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB), na Rua José Malhoa, em Lisboa, à cerimónia oficial das comemorações do 42.º aniversário da Polícia Judiciária durante a qual fará a entrega de «crachats» de ouro a elementos

da corporação, entre os quais se destacam o subinspector Viegas, chefe dos Serviços de Dactiloscopia (impressões digitais), recentemente aposentado, e o agente Alvaro Militão dos Santos, morto a tiro em Agosto deste ano, na zona de Cabo Ruivo, quando da captura de dois presumíveis elementos das «FP-25».

Num bairro degradado próximo de Faro Estrangulou filha de três anos após discussão

O juiz de Instrução do Tribunal Judicial de Faro confirmou a prisão do operário metalúrgico desempregado José Manuel Martins da Encarnação, de 32 anos, por alcinha «O Zezinho» ou «O Zé Vinho», acusado de, na tarde de anteontem, haver estrangulado a sua filha de três anos com um fio eléctrico pertencente ao

televisor.

O homicida, que após o crime se pôs em fuga, acabou por ser detido pela GNR na madrugada de ontem em S. Brás de Alportel, não apresentando indícios de excesso de álcool ou de droga, nem tão-pouco de perturbações mentais.

José da Encarnação matou a

A Polícia Judiciária foi criada em 20 de Setembro de 1945, através do Decreto-Lei 35 042,

substituindo a Polícia de Investigação Criminal, cujos quadros e estruturas absorveu, tendo passado da tutela do então Ministério Interior (actual Ministério da Administração Interna) para o Ministério da Justiça.

criança quando estava sozinho com ela na sua residência, no local de Sítio Escuro, próximo de Faro, tendo em seguida procurado a mulher, com quem discutira anteriormente, dizendo-lhe para ir buscar a pequena Vânia Isabel, que, segundo afirmou, «estava a dormir», após o que encetou a fuga.

Mário Castrim



Postal para um consenso

*A média luz
doce neblina
é a que seduz
qualquer menina.*

*Se queres, vá,
dança na haste
Mas ouve cá:
já te lembraste
(a média luz
é a que seduz)
que podes estar
a dançar
o tango
com um orangotango?*

Postal para Cesário Verde
*Querido Cesário:
Venho dar-te novidades
ao teu gosto, afinal
— tudo natural
sem hipérboles nem
espalhafatos.*

*Olha, aquela costureira
lembras-te?,
é agora dirigente
sindical.*

*Perguntou-me por ti.
Queria saber
por não te ver
há muito, de manhã.
Está fino — respondi
sem hesitar —
Agora é popular.
Ai é?*

*Pois é.
Falam dele até
numa sala de gente
da Gulbenkian.*

**Coitadinho! —disse ela
de mansinho —
Tinha um ar tão doente
tão...**

Faltou-lhe a voz.

*Aqui para nós:
tenho a impressão
lembrando-a à janela
que foste a paixão dela...*

Foi o que me pareceu.

*Desculpa. Para já
não és romântico, pá,
mas sou eu.*

Postal para Severiano Falcão
*Quando apertas a mão
a alguém que te procura
nada em ti é em vão
como não é em vão
ser água pura.*

*Em política até há
quem contigo não vá
(paixões, interesses...)
Mas até esses
te travam o passo
pra te dar um abraço.*

*Porquê, então?
Diz quem te procura:
porque nada é em vão
a quem tem coração
de água pura.*

VEM AÍ PACOTE LEGISLATIVO PARA ORDENAR TERRITÓRIO

«Grandes inovações» vão surgir em matéria de ordenamento do território com a publicação, em breve, de um pacote legislativo sobre a matéria — anunciou o secretário de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território na Conferência Internacional sobre Gestão dos Recursos (MEREC) que por iniciativa da Comissão de Coordenação da Região Centro decorre desde ontem em Coimbra.

Nunes Liberato afirmou que, no domínio do território, as grandes inovações irão suscitar «novos entendimentos entre a Administração Central e Local». A propósito do projecto MEREC, em cujo âmbito a conferência se situa, o membro do Governo afirmou que ele ajuda as autarquias locais «na gestão e uso eficiente dos seus recursos».

«As economias conseguidas no uso dos recursos locais principais poderão ser, por si só, factor de desenvolvimento, pelas verbas que permitem disponibilizar para outros investimentos» — afirmou Nunes Liberato, que considerou, ainda, ser da maior

importância um projecto como o MEREC, que procura criar a nível local «a capacidade e o gosto de planear e implementar programas que permitam desenvolver e gerir melhor os recursos locais».

Conjugar nesse esforço os vários organismos da administração pública competentes, as universidades e outras instituições de investigação e a iniciativa privada constitui para o secretário de Estado «um desafio difícil mas, ao mesmo tempo, estimulante».

«É indispensável à vontade política de todos os agentes, a todos os níveis, para que as

áreas sensíveis do País disponham de uma orientação para a utilização do seu solo» — acrescentou. Nunes Liberato frisou que, se alguns agentes se demitirem das suas responsabilidades nesta matéria, alguém terá de intervir por eles.

Para Rui Machete, administrador da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, que está a apoiar o projecto MEREC, «torna-se necessário que a administração local funcione de maneira eficiente».

O Projecto MEREC «permite aos autarcas uma clara tomada de consciência sobre os problemas que se colocam ao bom funcionamento da administração na qual os municípios devem ter uma cada vez mais alargada participação» — preconizou.

O primeiro orador da sessão inaugural da conferência Internacional das Cidades ME-

REC foi Manuel Lopes Porto, presidente da Associação de Coordenação da Região Centro, organismo que assumiu a organização do encontro, em que participam duas dezenas de países, entre os quais o Brasil e Cabo Verde.

«Trata-se de uma conferência que não vale tanto por si mesma como por tudo o que antecede e, segundo cremos, por tudo aquilo que poderá vir na sua sequência» — disse Lopes Porto.

O mesmo responsável referiu que, na sua origem, o projecto MEREC constitui uma experiência-piloto da agência norte-americana para o desenvolvimento internacional (USAID), que o financiou, e assistiu tecnicamente com base em dados recolhidos numa região menos desenvolvida dos Estados Unidos — a região do Tennessee, hoje tão próspera como as restantes.

Traficantes de heroína capturados em Albufeira

A Polícia Judiciária afirma ter detido ontem no Bairro dos Pescadores, em Quarteira, no Algarve, seis cidadãos de Cabo Verde que se preparavam para vender heroína, previamente dividida em cerca de 100 pequenas embalagens.

Durante a operação, a PJ apreendeu aos traficantes 100 contos em dinheiro e algumas armas brancas.

Toxicómanos assaltavam farmácias em Setúbal

A PSP deteve ontem em Setúbal três jovens acusados de terem em seu poder cerca de noventa receitas médicas e carimbos de vários clínicos, destinados a serem utilizados na compra em farmácias de psicotrópicos e ainda diversas peças de ourivesaria, resultantes de assaltos em que estiveram envolvidos.

De acordo com a PSP, os três arguidos (Raquel Santos, Fernando Santos e Carlos Silva) são toxicómanos dependentes suspeitos de estarem envolvidos em furtos em farmácias da zona e no hospital daquela cidade.

Octogenária morre num poço descoberto

Dias depois de ter desaparecido foi ontem encontrada sem vida num poço sem cobertura, Francisca Ferreira de Jesus, de 80 anos de idade residente no Porto Moniz a 80 quilómetros a oeste do Funchal.

O poço onde o corpo foi encontrado por crianças que brincavam no local situa-se na zona onde residia.

Os poços descobertos são causa frequente de morte em especial de crianças, verificando-se na ilha da Madeira uma média de um caso por mês.

**UNIÃO DE BANCOS
PORTUGUESES, S.A.**

faz a força.

Somos o único Banco nacionalizado a passar a Sociedade Anónima.

Mais que uma diferença é uma responsabilidade que partilhamos com todos os accionistas.

Procuramos, através de uma permanente inovação,

prestar, de uma forma personalizada, o melhor serviço a todos os nossos Clientes.

Somos um Banco.

Sabemos que a União de Bancos Portugueses faz a força.



UNIÃO DE BANCOS

Escola Superior de Educação de Setúbal dá amanhã os primeiros passos

A Escola Superior de Educação de Setúbal (ESES), cujas instalações definitivas, orçadas em 300 mil contos, estarão concluídas no ano lectivo de 1989/90, inicia amanhã a formação dos primeiros professores primários e educadores de infância preparados neste distrito, tendo em atenção as características da região, revelaram ontem elementos da comissão instaladora daquele estabelecimento de ensino.

«A primeira formanda de professores formados na Escola Superior de Educação de Setúbal (25 destinados ao ensino primário e outros tantos à infância) estará pronta a entrar em funções dentro de três anos», adiantaram os responsáveis por aquele estabelecimento de ensino durante uma conferência de imprensa.

«Pretendemos que a ESES seja um foco de desenvolvimento do distrito, cientes das carências que ele tem, mas também das suas enormes potencialidades», frisaram, acrescentando:

«Neste momento, há um virar de página no distrito de Setúbal e, por isso mesmo, estamos conscientes da responsabilidade que assumimos ao formarmos os primeiros professores primários e educadores de infância da região».

Para já e até que estejam concluídas as instalações definitivas da ESES, a escola funcionará em barracões prefabricados montados no Centro de Formação Profissional.

«Podíamos somente começar com a formação», referiram os promotores da conferência de imprensa, quando tivéssemos concluídas as instalações definitivas, mas preferimos anteciparmo-nos, tendo em atenção o desenvolvimento do distrito».

A Escola Superior de Educa-

ção de Setúbal, cuja primeira comissão instaladora foi nomeada em Julho de 1985, tem, presentemente, um corpo docente constituído por 62 elementos, 26 dos quais professores e assistentes.

As obras das instalações definitivas que, como se disse, estarão concluídas dentro de três anos, iniciar-se-ão até Dezembro, estando esta primeira fase orçada em cerca de 100 mil contos.

Mas não se pense que a falta de instalações próprias tem impedido que a ESES funcione e a prova disso está no facto de ainda recentemente ter formado um grupo de professores angolanos e de, ainda este ano, «atirar cá para fora» 30 professores do ensino preparatório e secundário espalhados por vários estabelecimentos do distrito.

Como é que isto é possível? No primeiro caso, recebendo os formandos nas instalações de que dispõe; no segundo, criando

núcleos na capital do distrito, em Santiago de Cacém, no Seixal e na Baixa da Banheira. Desta forma, são os instrutores que vão ao encontro dos alunos, alargando, ao mesmo tempo, a possibilidade de outros professores poderem fazer a respectiva formação.

O ano lectivo na ESES, como acima se referiu, começa amanhã, apenas com alunos residentes no distrito e que completaram o curso complementar dos liceus em Setúbal. Todavia, as aulas não começarão imediatamente, havendo, de início um «período de integração e de contacto com a escola, de uns com os outros e com a zona».

Por isso mesmo, nesse dia a escola será substituída pela serra da Arrábida, «um dos pontos identificativos da região». Somente na terça-feira seguinte, ao fim da tarde, haverá a cerimónia formal do início do ano lectivo, num local, também ele, de grande significado para a região: o

castelo de S. Filipe.

A ESES não pretende, porém, ser unicamente um local de ensino e tem outras ambições.

«Para além de um lugar de ensino, queremos ser um meio de investigação educacional» — disseram aos jornalistas os responsáveis pela ESES, que adiantaram:

«Se assim não fosse, corríamos o risco de sermos somente mais uma escola, porventura igual às do Magistério Primário».

Dentro desta linha de pensamento, a Escola Superior de Educação de Setúbal vai homenagear no próximo ano o pedagogo João Santos, falecido em Abril, com 74 anos, «no esquecimento quase total».

A homenagem, cujo programa não está ainda elaborado, mas que, «em princípio, ocupará uma semana», será, «acima de tudo, feita através do estudo da figura e da obra do pedagogo, quase desconhecida entre nós».

Revisão salarial de professores na Europa

O Ministério da Educação aceitou reabrir as negociações da revisão salarial dos professores de Português na Europa, que se encontravam congeladas desde Julho — informou a Federação Nacional dos Professores.

Segundo a Federação, o Ministério aceitou analisar com especial cuidado a situação dos docentes de França e de Inglaterra.

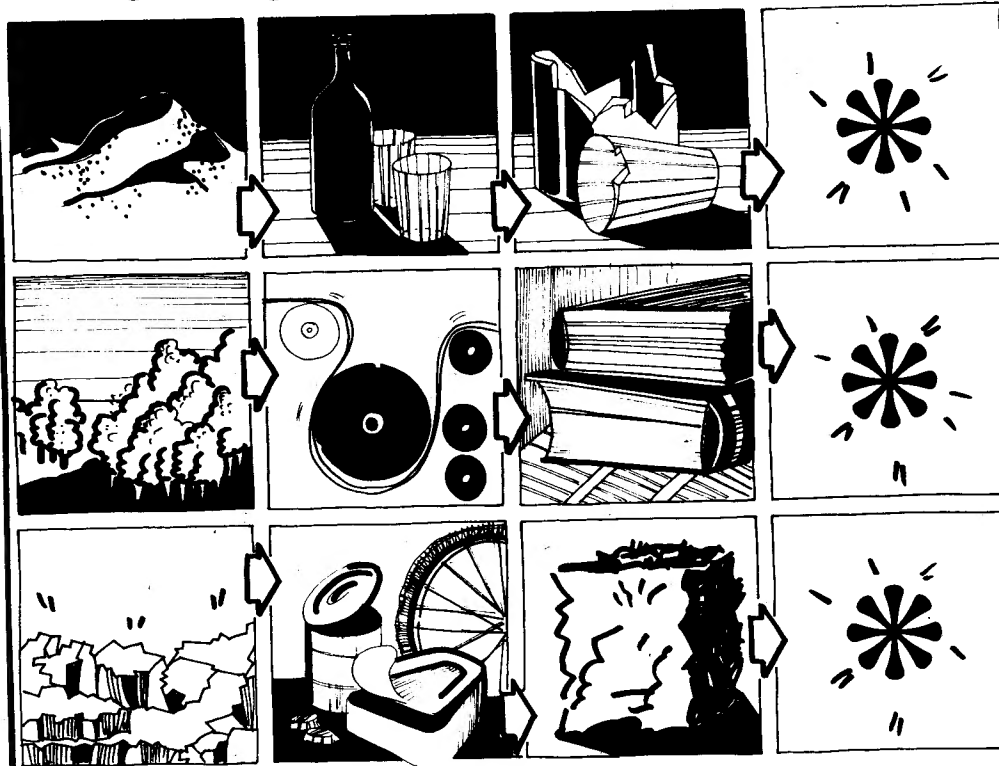
A posição do Ministério foi transmitida aos representantes dos professores, durante uma reunião na sexta-feira, com o secretário de Estado adjunto do ministro da Educação.

Em comunicado, a FEN-PROF explica que as negociações da tabela salarial dos professores de Português na Europa, iniciadas em Julho com a anterior Secretária de Estado dos Ensinos Básico e Secundário, haviam sido inconclusivas por os sindicatos não terem aceite a proposta do Ministério sob a alegação de que não tinha em conta as distorções entre os vencimentos dos diferentes países.

Tempo de antena
do **PSD**

Hoje na RTP 1
após o Telejornal
das 19h30

Deitar Fora é Gastar o Futuro



Os resíduos, também designados por desperdícios, detritos ou "lixo", são o resultado do acto de rejeição, de "deitar fora o que não se utiliza".

Acontece, porém, que, com o aumento e a diversidade de bens de consumo, com a crescente utilização de embalagens de plástico, papel, metal e vidro para a comercialização dos produtos; com o desenvolvimento industrial, incorporando muitas vezes uma variedade de substâncias perigosas para a saúde pública, as gerações de hoje têm vindo a conhecer um aumento exponencial da quantidade e diversidade de resíduos.

"Deitar fora o que não se utiliza", ocupando o pouco espaço disponível face ao crescimento demográfico, consumir os recursos, alguns irrenováveis outros limitados, criará certamente problemas à sobrevivência e à qualidade de vida das futuras gerações.

Poder-se-á pois perguntar, se assim continuarmos, o que encontraremos os nossos filhos? Um acumular de "lixo" disperso por todo o espaço disponível, um esgotamento quase total dos recursos naturais e uma

degradação de todos os eventuais recursos ainda existentes. É pois um dever desta geração, que ainda foi privilegiada neste domínio, suportar os custos necessários para que a próxima geração encontre um ambiente, pelo menos, tão bom como esta geração encontrou. Recuperar os resíduos é a resposta!!!!!! Uma resposta que traz consigo grandes benefícios económicos, evitando a saída de divisas e criando simultaneamente novos postos de trabalho.

Reciclar é Preservar a Vida!



ANO EUROPEU DO AMBIENTE
COMISSÃO NACIONAL PARA
O ANO EUROPEU DO AMBIENTE
Direcção Geral da Qualidade do Ambiente

Secundária da Sobreda ainda não abriu

Os pais e encarregados de educação dos alunos matriculados na Escola Secundária da Sobreda da Caparica, ainda não concluída, exigiram ao ME uma reunião urgente para esclarecer a situação.

Em recente assembleia nos terrenos da escola, com a presença da respectiva comissão instaladora e o apoio das juntas de Freguesia da Sobreda e da Charneca da Caparica, os pais e encarregados de educação concluíram que é da responsabilidade do ME a situação criada, por o Ministério «ter faltado ao compromisso que assumira com o secretariado das A. Pais e com a Câmara Municipal de Almada», segundo o qual a escola estaria pronta a funcionar no início do ano lectivo.

Preparatória de Camarate em risco de fechar por falta de segurança

Pais e encarregados de educação dos alunos da Escola Preparatória de Camarate ameaçaram impedir a ida à escola dos seus educandos, a partir de quinta-feira, «caso se mantenha a inexistência de condições mínimas de segurança, higiene e aprendizagem».

A decisão, anunciada à Agência Lusa, foi tomada por 754 pais e encarregados de educação, com um voto contra e duas abstenções.

Em declarações à Agência Lusa, uma fonte da associação de pais disse que o problema resulta da execução de obras de reparação do edifício escolar, numa altura em que as aulas já começaram, privando de luz o pavilhão central da escola e «fazendo os alunos correr riscos físicos, uma vez que os andaimes de ferro colocados não têm qualquer protecção».

«No dia das grandes ventanias, caiu um escadote de ferro que por pouco não atingiu duas alunas» disse a mesma fonte.

A Escola Preparatória de Camarate tem cerca de 1800 alunos e iniciou as aulas a 21 de Setembro.

SANEAMENTO DE TODAS AS FREGUESIAS E ABASTECIMENTO DE ÁGUA AO FUNDÃO

— prioridades da nova Câmara Municipal

A nova Câmara Municipal do Fundão, eleita no domingo passado com o socialista Sampaio Lopes a Presidente, vai procurar lançar o saneamento básico nas cinco freguesias onde ele ainda não existe e resolver de vez a velha questão do abastecimento de água à sede do concelho.

Estas foram as prioridades apontadas pelo Presidente eleito, em declarações ao Diário de Lisboa, tendo Sampaio Lopes acrescentado ser possível, até às próximas eleições autárquicas, encaminhar com carácter irreversível qualquer destes empreendimentos.

«Não há nenhuma razão—acrescentou Sampaio Lopes—para que a Câmara, mesmo com os escassos recursos do seu Orçamento, não recupere essas escolas que estão em muito mau estado. Quaisquer 40 ou 50 mil contos chegam para as obras mais urgentes, sendo apenas uma questão de prioridades a sua aplicação».

Para além do que já se disse sobre as eleições intercalares para a Câmara Municipal daquela vila da Cova da Beira, há a acrescentar que a



Sampaio Lopes, presidente eleito, ao «DL»: «Não há nenhuma razão para não se recuperarem, mesmo com as verbas do Orçamento corrente, as escolas primárias degradadas»

maioria absoluta de vereadores eleitos—quatro contra três do PSD—vai permitir ao Partido Socialista trabalhar com algum à vontade na aplicação do seu programa e na recuperação do tempo per-

dido em dois anos de guerras na Câmara, guerras essas que conduziram à sua dissolução pelo Governo e às eleições antecipadas.

O PS elegeu, como Presidente, o advogado Sampaio Lopes e, como vereadores, José Maria Fortunato, profissional de seguros, António José Salvado Leitão, professor do ensino primário, e Jorge Manuel Baptista dos Santos, ajudante técnico de farmácia.

Esta nova maioria apresenta, como vantagem contrastante em relação à Câmara anterior, não ter interesses económicos próprios a defender na edilidade. Os negócios e a confusão entre prestação de serviços à Câmara e a capacidade de os contratar e adjudicar, foram as razões mais fortes que abalaram a credibilidade da anterior gestão.

Segundo o programa eleitoral do Partido Socialista, reafirmado por Sampaio Lopes ao DL, pretende-se também nestes próximos dois anos de vida, reestruturar as carreiras e as hierarquias de pessoal, desbloquear o Plano Director Municipal e o Plano

Geral de Urbanização, pressionar o Governo Central para cumprir integralmente o projecto de Regadio da Cova da Beira e assinar um protocolo com a CP para a rápida instalação do terminal ferroviário. O novo Presidente da Câmara do Fundão garantiu—nos também que vai exigir a conclusão do Complexo Escolar (onde, por exemplo, há um belíssimo pavilhão polivalente concluído mas ainda fechado aos alunos) e salvar o que for possível da continuidade no Fundão da Escola do Magistério Primário como extensão da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

Soube-se, entretanto, que os elementos da chamada maioria negociada (dois vereadores do PS e dois do CDS), que lançaram a confusão na Câmara anterior e agora foram varridos pelo voto dos eleitores, não se conformam e vão impugnar o decreto que marcou as eleições. O requerimento respectivo foi, aliás, entregue na segunda-feira, assinado por João da Encarnação, elemento do grupo anti-Constância na secção local do PS.



COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI S.A.

AUMENTO DE CAPITAL DE 3 PARA 6 MILHÕES DE CONTOS POR INCORPORAÇÃO DE RESERVAS

No seguimento do deliberado na Assembleia-Geral realizada em 18 de Setembro de 1987, dá-se conhecimento de que, por escritura pública de 21.09.87, se procedeu ao aumento de capital de 3.000.000 para 6.000.000 de contos por incorporação de reservas, com alteração do valor nominal das acções para 1.000\$00, do que resultará a substituição integral das acções actualmente existentes.

PROCESSO DE ATRIBUIÇÃO DAS NOVAS ACÇÕES

As novas acções serão atribuídas aos actuais accionistas na proporção de 2 acções do valor nominal de 1.000\$00, da mesma natureza, por cada 5 das actualmente possuídas, sendo o arredondamento por defeito.

No caso de os senhores accionistas não possuírem múltiplos de 5, poderão, se o desejarem, vender, até 21 de Março de 1988, as acções remanescentes à cotação média ponderada das últimas 5 sessões em que se efectuarem transacções de acções antigas na Bolsa de Valores de Lisboa.

TROCA DE TÍTULOS

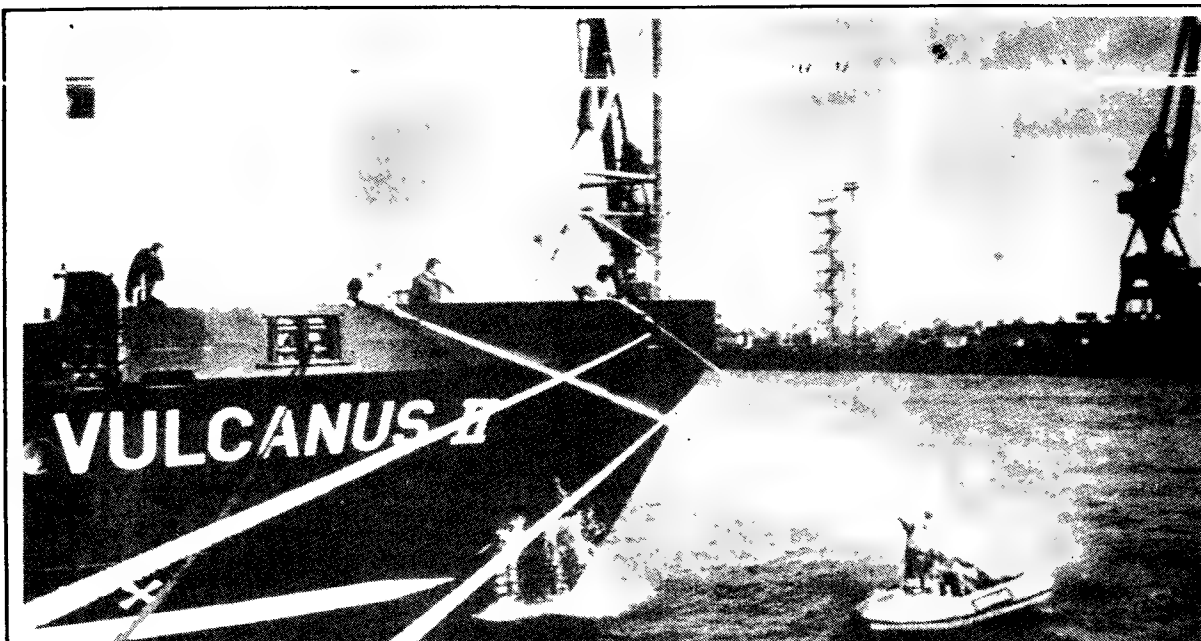
OPERAÇÃO A EFECTUAR A PARTIR DE 9 DE NOVEMBRO DE 1987

A partir de 9 de Novembro de 1987, deverão os senhores accionistas detentores de títulos ao portador, ou as instituições financeiras em que os mesmos se encontrem depositados, dirigir-se ao Banco Fonsecas & Burnay, E.P., a fim de entregarem os antigos títulos e receberem os títulos representativos das novas acções a que têm direito.

Quanto aos títulos nominativos, a operação de troca deverá ser efectuada, a partir daquela data, na sede da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, S.A., Praça Marquês de Pombal, n.º 15, Lisboa.

COMPANHIA PORTUGUESA
RÁDIO MARCONI, S.A.
Concessionária do Estado de Telecomunicações
Via Rádio, Cabo Submarino e Satélite
Sede: Praça Marquês de Pombal, n.º 15 - 1200 Lisboa
Capital Social: 3.000.000.000\$00
Pessoa Colectiva n.º 500069131
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial
sob o n.º 10 844

O Conselho de Administração



Membros da tripulação do «Vulcanus II» lançam jactos de água sobre elementos do grupo ecologista «Greenpeace», que tentavam boicotar o despejo de resíduos químicos efectuado por aquele barco no Mar do Norte

Cerca de 250 mil libras - a maior indemnização até hoje atribuída pelos tribunais britânicos em processos de negligência médica - foram concedidos a um estudante que ficou incapacitado após uma operação num hospital londrino. A notícia, divulgada no último número do jornal «O Médico», refere que o estudante de engenharia, natural da Nigéria, de 24 anos, foi operado no «Italian Hospital» em Londres, tendo no período pós-operatório sofrido lesões encefálicas graves que o incapacitaram. «O estudante nigeriano era um aluno brilhante, com futuro promissor e rendoso» - justificou o tribunal para aplicar esta indemnização de 1.032 libras. Na história judicial britânica, o valor mais alto, registado anteriormente por processos de negligência médica, foi de 679 mil libras há ano e meio.



Um polícia militar colombiano monta guarda junto a um automóvel armadilhado, que explodiu no exterior do Ministério da Justiça. O assassino regressou à Colômbia após o assassinio do l Pardo Leal

Censura afecta rádio nicaraguense

O governo nicaraguense impediu ontem a emissão do principal bloco informativo da rádio católica, disseram fontes da própria emissora. Ignacio Briones Torres, um dos directores do «Noticiário Igreja», informou que um responsável da Direcção dos Meios de Comunicação o notificou telefonicamente para não emitir o bloco informativo da tarde. A rádio católica foi reaberta em 22 de Setembro após 15 meses de encerramento decretado pelo governo de Manágua. Briones Torres lamentou a medida governamental e disse que ela contradiz os acordos da Guatemala, subscritos pelos presidentes da América Central em 7 de Agosto.

Médio Oriente:

fracasso da visita de Shultz

O secretário de Estado norte-americano, George Shultz, admitiu ontem, no Cairo, o fracasso da sua recente digressão pelo Médio Oriente, partindo depois para Londres onde conversará com o rei Hussein da Jordânia. Shultz confessou não ter obtido grandes resultados na procura de uma solução de paz para o Médio Oriente, mas adiantou ter encontrado uma «preocupação genuína sobre a importância da paz», tanto em Israel como no Egipto. Os Estados Unidos, o Egipto e o ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, Shimon Peres, têm defendido a realização de uma conferência internacional sobre o processo de paz no Médio Oriente, encarada como uma força de arranque para posteriores negociações directas entre Israel e os seus adversários árabes. A realização da conferência é, contudo, contestada pelo primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir. Os jornais israelitas publicavam ontem uma série de conjecturas acerca do conteúdo de um falado «pacote de negociações» que Shultz teria proposto a Shamir, permitindo um envolvimento limitado de Moscovo no processo de paz em troca de negociações directas israelo-jordanas e alterações na posição soviética quanto aos judeus.

Sara:

Cuellar defende retirada marroquina

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, disse que estava optimista quanto ao referendo sobre o futuro do Saara Ocidental, mas que isso significava o cessar-fogo e a retirada da administração e tropas marroquinas. Em declarações ao jornal «Independiente», Perez de Cuellar afirmou esperar que os primeiros passos para a organização do referendo fossem dados nas próximas semanas. «Já temos uma comissão técnica encarregada de estudar a situação e detectar tudo o que for necessário para o estabelecimento das condições necessárias para a consulta», referiu. O Saara Ocidental é uma antiga colónia espanhola entregue a Marrocos e à Mauritânia em 1975 e que, no início de 1976, foi proclamada pela Frente Polisário República Democrática Árabe Saaraui (RASD). Desde então a Frente Polisário tem estado em guerra com Marrocos que se opõe à independência da região. As Nações Unidas e a OUA, Organização de Unidade Africana, têm desenvolvido esforços no sentido de conseguir uma solução pacífica para o conflito entre a Polisário e Marrocos (a Mauritânia já reconheceu a RASD) através de um referendo sobre autodeterminação.

Na sequência do ataque de ontem

IRÃO AMEAÇA EUA COM GRANDE CONFLITO MILITAR NO GOLFO

«Não vamos ter uma guerra com o Irão», declarou ontem o presidente Ronald Reagan. Mas, em Teerão, o ataque norte-americano contra duas plataformas petrolíferas iranianas foi recebido com ameaças de um grande conflito militar no Golfo Pérsico-Arábico. Na Europa, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Doze divergem quanto à posição a tomar face à retaliação decidida por Washington e Moscovo, que criticou também o Irão, classificou-a já como um «acto de agressão».

O presidente Reagan, que em tempos defendeu que o Irão não seria estúpido ao ponto de atacar interesses norte-americanos no golfo, subestima agora a ameaça de guerra latente naquela região. «Não vamos ter uma guerra com o Irão», disse Reagan, que considera que o ataque norte-americano de ontem deve obstar a eventuais futuras hostilidades entre os dois países.

«Pensamos que foi uma resposta apropriada e adequada ao ataque iraniano com mísseis contra um cargueiro que ostentava a nossa bandeira», acrescentou, referindo-se ao ataque de sexta-feira contra um petroleiro do Kuwait, que provocou 18 feridos.

O relativo optimismo de Reagan choca, contudo, com a atitude de Teerão que está hoje a ameaçar Washington com um grande conflito militar no golfo Pérsico-Arábico.

O governo de Teerão considerou o ataque norte-americano como uma agressão e um passo para a guerra total. O presidente do Irão, Ali Khamenei, anunciou já que haverá decerto represálias. E

ontem à noite houve uma sessão extraordinária do Estado-Maior das Forças Armadas iranianas, a fim de planejar a resposta. A Líbia disse, entretanto, que se encontra inquestionavelmente ao lado do Irão.

Quatro contratorpedeiros norte-americanos atacaram de manhã uma plataforma petrolífera iraniana situada a cerca de 190 quilómetros a leste do Bahrein. A marinha dos Estados Unidos atacou também uma outra plataforma situada a oito quilómetros a norte, destruindo equipamento de radar e de comunicações.

Os Estados Unidos anunciaram o ataque com uma antecedência de vinte minutos. Segundo o porta-voz da Casa Branca, Merlin Fitzwater, alguns dos 20 a 30 iranianos que se encontravam nas plataformas tinham abandonado o local antes de os contratorpedeiros darem início ao ataque, que se prolongou por hora e meia.

O Congresso dos Estados Unidos, de maioria democrata, declarou a sua solidariedade a Reagan, mas alguns congressistas manifestaram receios de que se esteja a caminhar para uma guerra aberta entre os EUA e o Irão.

Reacções

O jornal do Partido Comunista soviético, «Pravda», afirma, na sua edição de hoje, que o ataque norte-americano foi injustificado, mas criticou também a acção do Irão que lhe deu origem. O «Pravda», que reafirma a necessidade de «medidas políticas para restabelecer a estabilidade na região», considera, contudo, que Washington optou por um «acto de agressão armada».

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Europeia reagiram, entretanto, de forma divergente ao ataque norte-americano e diplomatas indicaram que não haveria, de imediato, um co-

Vice-presidente das Filipinas critica publicamente Cory Aquino

O vice-presidente filipino, Salvador Laurel, disse ontem que Corazon Aquino poderá não chegar ao fim do seu mandato se continuar a cometer erros à esquerda e à direita. Laurel, que falava na associação de correspondentes estrangeiros em Manila, disse também que não estava preocupado com as ameaças dos Estados Unidos de cortar a ajuda económica às Filipinas se Aquino for derrubado por um golpe de estado, acrescentando que Washin-

gton terá de dialogar com quem quer que esteja no poder em Manila.

Estas declarações surgem numa altura em que circulam boatos insistentes de que Laurel terá feito uma «aliança tácita» com o senador Juan Ponce Enrile, ex-ministro da Defesa de Marcos e de Aquino e declarado opoitor da actual chefe de Estado. A concretizar-se esta aliança, Cory Aquino terá que enfrentar, pela primeira vez, uma oposição política que

poderá funcionar como alternativa ao seu governo.

Cory optou, entretanto, por uma posição de força. Num discurso hoje pronunciado em Manila, a presidente das Filipinas declarou guerra aos seus inimigos nas Forças Armadas e na indústria e anunciou uma nova ordem marcada por um governo forte e determinado.

«Todos os que abertamente desafiam o meu poder, autoridade e decisões sofreram por isso», declarou Cory.

Japão

Escolhido o sucessor

O Partido Democrático Liberal colheu hoje o ex-ministro das Finanças para suceder ao Primeiro-Ministro cujo mandato termina em 30 de Outubro do partido.

Funcionários do LDP disseram veio pessoalmente depois de Takeshita à sua sucessão não terem cedido, nas reuniões-maratonas realizadas bre quem deveria ser o próximo líder.

Takeshita, de 63 anos, líder do LDP, era considerado o principal candidato a Nakasone, ao longo das últimas eleições, mas não recebeu o apoio à sua nomeação parecer estar.

Filho mais velho de um produtor de arroz, Takeshita, segundo sondagens à população nipónica, é mais popular dos três candidatos ao posto, e nem sequer era tido como uma das funções.

EUA informam aliados da NATO sobre conversações de Moscovo

O conselheiro da Casa Branca para os Assuntos de Desarmamento, Paul Nitze, informou os aliados dos Estados Unidos na NATO do conteúdo das próximas conversações entre George Shultz e Eduard Shevardnadze.

Um porta-voz oficial da NATO disse que Paul Nitze, que chegou à capital belga acompanhado de Rozanne Ridgway, secretária de Estado adjunta para os Assuntos Europeus, reuniu-se com os representantes dos países membros da aliança, na sede do Conselho Atlântico.

A reunião insere-se nos preparativos do encontro de Moscovo, entre os chefes da diplomacia soviética e norte-americana, durante o qual Shultz e Shevardnadze acertarão os pormenores da próxima «cimeira» entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev.

Shultz irá a Bruxelas depois do encontro com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, para informar pessoalmente os aliados do resultado das conversações de Moscovo e para presidir à reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO.

A reunião permitirá uma nova consulta entre os aliados acerca do projecto de acordo soviético-norte-americano para a eliminação total dos mísseis nucleares de alcance intermédio (INF).

Fontes da NATO indicaram que os negociadores de Genebra concluíram a redacção de 85 ou 90 por cento do texto do projecto de tratado INF e que o encontro Shultz-Shevard-

adze de Moscovo deveria permitir eliminar algumas divergências que ainda subsistem, em matéria de verificação da execução do tratado.

Na agenda das conversações de Moscovo figuram também outros temas como os direitos humanos, armas espaciais e «start» (armas nucleares estratégicas).

Acerca destas últimas, as duas superpotências poderiam chegar a um acordo sobre a redução de 50 por cento dos arsenais existentes em meados de 1988, na opinião dos negociadores soviéticos, se for satisfeita a exigência de Moscovo de prorrogação da vigência do acordo ABM (sobre limitação dos mísseis antibalísticos).

Defesa europeia

O Primeiro-Ministro espanhol, Felipe Gonzalez, afirmou que a Espanha apoia o reforço da cooperação em matéria de defesa com os países da Comunidade Europeia, salientando que esta não ameaça a forças norte-americanas na Europa.

Em declarações aos jornalistas no Instituto Universitário Europeu, pouco antes de iniciar uma conferência sobre unidade europeia, o Primeiro-Ministro espanhol salientou

que o recente acordo franco-germânico para formação de uma brigada comum e manobras conjuntas é uma pré-condição para o reforço da cooperação europeia, «mas por si só não é suficiente».

«A defesa comum da área europeia é uma ideia que urge pôr em prática», afirmou Gonzalez, salientando que o iminente acordo das duas superpotências para eliminação de forças nucleares de alcance intermédio reabriu o debate sobre segurança europeia.

Cooperação franco-alemã

O Presidente francês, François Mitterrand, exortou os estudantes da RFA a estreitarem as relações com os seus colegas franceses para darem um impulso à solidariedade europeia.

Num discurso dirigido aos estudantes da Universidade de Bona, o Chefe de Estado francês disse que a cooperação franco-alemã tinha feito grandes progressos ultimamente, mas que era preciso fazer muito mais para criar uma «Europa aberta».

«Se a geração dos que têm actualmente entre 10 e 25 anos quer uma Europa aberta, nada será capaz de impedir» a sua construção, salientou Mitterrand, que acrescentou: «Depende de vós».

Mitterrand apelou para uma intensificação da cooperação entre as Universidades francesas e alemãs.



O Primeiro-Ministro belga, Wilfried Martens, durante uma conferência de imprensa em que fez alusão às reformas constitucionais necessárias para a resolução do diferendo linguístico que opõe flamengos a francófonos.

A crise belga

Martens tenta formar governo de transição

O Primeiro-Ministro belga, Wilfried Martens, iniciou em Bruxelas os contactos nos meios políticos para formar um novo Governo de transição.

O Primeiro-Ministro, que na passada quinta-feira apresentara a demissão do seu Governo, foi encarregado pelo rei Balduino de formar um Governo de transição, com o fim de estabelecer um projecto de declaração de revisão da Constituição.

O rei Balduino, que aceitou a demissão do Governo de coligação social-cristão liberal, após vários dias de contactos com as diferentes forças políticas, foi obrigado a reconhecer a gravidade da actual situação e a necessidade de proceder à revisão da Constituição,

única forma de pôr termo às rivalidades de idioma que separam as duas mais importantes comunidades linguísticas belgas.

O Primeiro-Ministro belga, o homem mais popular do país, segundo as sondagens, apresentará nos próximos dias o seu sétimo Governo.

Wilfried Martens, que de acordo com os observadores sai derrotado desta crise, foi incapaz de obter o apoio do seu partido (CVP - Social Cristão flamengo) na questão linguística que opõe francófonos e flamengos.

O Governo de transição deverá ser formado, segundo o próprio Martens, «por personalidades dos quatro partidos da actual coligação governamental».

24 HORAS

Dois caças dos EUA despenham-se

Dois caças norte-americanos despenharam-se ontem no Sudoeste da Alemanha Federal, tendo ficado feridos os dois pilotos, informaram fontes oficiais. A Polícia alemã federal disse que os aviões colidiram em pleno voo. Todavia, fontes da Força Aérea norte-americana adiantaram que as causas do acidente ainda estão a ser investigadas, não se sabendo se os dois caças chocaram. «De momento não podemos dizer se houve colisão. Ainda estamos a investigar o acidente», disse um porta-voz da Força Aérea norte-americana. Ambos efectuavam missões rotineiras, refere um comunicado da FA norte-americana.

Linha férrea sabotada

O tráfego ferroviário entre a África do Sul e Moçambique que está interrompido por ter sido sabotada uma ponte junto da fronteira, disse um porta-voz dos Caminhos de Ferro moçambicanos. O porta-voz indicou que a ponte se situa entre a cidade sul-africana de Komatiport e a povoação moçambicana de Moamba, mas não identificou os autores da sabotagem. A linha férrea que liga Joanesburgo a Maputo tem sido frequentemente sabotada pelos rebeldes da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), movimento que alegadamente recebe apoio da África do Sul, embora Pretória o negue.

Protesto em Joanesburgo

Estudantes e professores sul-africanos manifestaram-se contra as novas restrições do Governo a protestos nas universidades e um reitor universitário propôs um dia anual de luto pela perda da liberdade universitária. O ministro da Educação Nacional, Frederick de Klerk, anunciou as novas medidas restritivas, que ontem começaram a vigorar. Segundo estas medidas, as autoridades universitárias, sob pena de perderem os subsídios do Governo, devem impedir reuniões ilegais nos recintos das universidades, a realização de greves às aulas, boicotes ou qualquer manifestação de desobediência civil e notificar o ministro de qualquer incidente num prazo de 21 dias.

Violência na Colômbia

Um atentado contra o Ministério da Defesa, um assalto guerrilheiro a uma plataforma petrolífera, o sequestro de um escultor e desfiles estudantis, com lançamento de engenhos explosivos, marcaram ontem na Colômbia o panorama de violência. Um dos explosivos feriu seis pessoas e destruiu 19 automóveis. O ataque à plataforma petrolífera causou 800.000 dólares de prejuízos. O escultor sequestrado por desconhecidos em Medellín, após ter recebido várias ameaças de morte, é Rodrigo Arenas Betancur. Também em Medellín explodiram vários engenhos, sem no entanto causar vítimas.

Febre amarela mata no Mali

A epidemia de febre amarela registada no Mali desde finais de Setembro já provocou 108 mortos, segundo fonte governamental citada pela Angop. Em comunicado, o ministro maliano da Saúde informou que foram registados 227 casos de febre amarela no Mali, na sua maioria na capital e na parte Ocidental do país. O ministro acrescentou que 650 mil dos 820 mil habitantes de Bamako estão vacinados contra a febre amarela, o mesmo sucedendo relativamente a 70 por cento da população das regiões de Kita e de Kati. Para fazer face à epidemia, o Mali pediu à comunidade internacional um fornecimento de 4,4 milhões de doses de vacinas e seringas.

Avioneta de Rust regressa à RFA

Uma grande recepção de meios de comunicação social e relações públicas saudaram em Hamburgo o regresso da avioneta pilotada pelo jovem alemão-federal Mathias Rust que aterrou na Praça Vermelha em Maio, revelaram fontes oficiais. Em Setembro, Rust foi condenado a uma pena de quatro anos num campo de trabalho soviético, depois de circular à volta do Kremlin, acabando por aterrar na Praça Vermelha, violando o espaço aéreo da URSS, sem que os responsáveis soviéticos da defesa tivessem tempo de reagir a esta façanha sem precedentes. O famoso avião foi vendido por 107 mil marcos a uma firma de cosméticos sediada em Munique, que pretende aproveitá-lo para efectuar uma digressão publicitária através da RFA.

Guarda e polícia mortos

A Polícia francesa continua a procurar dois homens, um dos quais conduz um carro com matrícula diplomática, que mataram um polícia e um guarda fronteiriço no domingo, na fronteira franco-suíça. Um dos homens, com cerca de 30 anos, matou o polícia Christian Joly, de 32 anos, e o guarda fronteiriço Robert Bourvier, de 43 anos. Outro agente, de 29 anos, foi também alvejado, sendo o seu estado considerado crítico. Estas mortes elevam para sete o número de guardas fronteiriços franceses mortos este ano.



Adido junto aos destroços dum do Ministério da Defesa. A do líder comunista, Juan

ANDE

munição conjunta dos «Do-

ze».

O ministro belga dos Negócios Estrangeiros, Leo Tindemans, afirmou que o seu país se opusera sempre a qualquer extensão da violência no golfo e que lamentava profundamente que a situação se tivesse deteriorado.

Em Haia, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou que a Holanda está «fortemente preocupada» com a deterioração da situação no golfo e com o facto de os Estados Unidos terem considerado necessário atacar o Irão.

O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, sior Geoffrey Howe, declarou que Washington tinha toda a razão para empreender a acção militar. Por seu turno, o chefe da diplomacia espanhola, Fernandez Ordonez, disse que o ataque norte-americano podia ser considerado um acto de auto-defesa.

Nakasone

o Liberal (LPD) do Japão es- Finanças Noboru Takeshita ministro Yasuhiro Nakasone, de Outubro, disseram fontes

disseram que Nakasone inter- Takeshita e dois outros can- terem chegado a acordo entre ealizadas à porta fechada, so- mo líder japonês.

s, liderava a maior facção do principal candidato à sucessão últimas semanas, apesar de o er estar a diminuir.

m produtor de saké (licor fei- ita, segundo as mais recentes ónica, não era considerado o atos ao cargo de Primeiro Mi- como o mais qualificado para

Sindicalistas portugueses e espanhóis discutem adesão à CEE

A União dos Sindicatos de Lisboa (USL) afirmou ontem que largos milhares de postos de trabalho estão em risco em vários sectores industriais, designadamente o automóvel, têxtil, produtos eléctricos, aduaneiro, siderurgia, construção naval, química, pescas e telecomunicações.

Em conferência de imprensa realizada simultaneamente em Lisboa pela USL e em Madrid pelas Comissões Obreras da região de Madrid, a União de Lisboa anunciou a realização de 22 a 25 de Outubro em Oeiras de um «encontro de sindicalistas Lisboa/Madrid» para debater as consequências da adesão de Portugal e Espanha à CEE.

No encontro, a realizar sob o lema «Emprego e Paz na Península Ibérica», 55 sindicalistas da região de Madrid e mais de uma centena da sindicalistas do distrito de Lisboa vão debater os temas «CEE, emprego/desemprego» e «CEE, direitos e liberdades» e a desnuclearização da península.

O coordenador da USL e membro da Comissão Executiva da CGTP, Florival Lança, revelou que aquela União mantém uma troca regular de delegações, e permuta de experiências com a sua congénere de Madrid, estando já assente a realização em 1988 de novo encontro na capital espanhola.

Florival Lança assinalou a crescente necessidade sentida pelos sindicatos de interligarem a sua acção face à internacionalização crescente da economia.

Graciete Caldeira, do executivo da USL, observou que o encontro possibilitará a identificação dos problemas que se colocam aos trabalhadores portugueses e espanhóis com a adesão à CEE, nomeadamente no tocante ao desemprego.

UGT contesta projectos do Governo para a Siderurgia

A UGT manifestou-se ontem «perplexa e surpresa» pela assinatura na sexta-feira da convenção bilateral entre Portugal e a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), relativa à reestruturação da Siderurgia Nacional.

Em telex enviado ao comissário comunitário Manuel Marin, a UGT afirma que o conteúdo da referida convenção «não corresponde ao resultado de qualquer processo de diálogo e negociação entre o Governo, a empresa e os sindicatos, nomeadamente os filiados na UGT».

A central sindical revela que os seus sindicatos não vão participar no acto de assinatura da convenção, o que acrescenta — «não deverá ser entendida como significando menor consideração por Manuel Marin».

A central sindical considera que «os princípios enformadores do Tratado de Roma e a filosofia do diálogo social defendida pela Comissão foram violados».

Quebras mundiais ainda não chegaram cá

OPV's GERARAM 13 MILHÕES EM LISBOA E NO PORTO

As cinco Ofertas Públicas de Vendas (OPVs) ontem realizadas nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto renderam cerca de 13 milhões de contos, mantendo a tendência altista que tem caracterizado o mercado secundário de títulos.

Ao contrário do que se passa nas principais Bolsas de Valores internacionais, a operação de venda de cinco empresas — três no Porto e duas em Lisboa — que colocou no mercado mais 956 250 acções, foi alvo de uma procura acentuada motivadora nos dias de vésperas, segundo fontes junto da Bolsa, de uma necessidade acrescida de liquidez responsável pela descida de cotações então registada.

O clima que ora se vive nos mercados de títulos das grandes capitais não parece, por agora, influenciar o ambiente das Bolsas Portuguesas. O síndico da Bolsa de Valores de Lisboa, Abílio de Sousa, em entrevista ontem dada à RTP, afirmou não haver razões para alarme, justificando a sua opinião com as características próprias do mercado nacional, «ainda não suficientemente internacionalizado».

Segundo Abílio de Sousa, não está posta de parte a influência da conjuntura mundial, embora esta possa não se repercutir necessariamente no sentido da «baixa». Com uma escassa oferta de «papel», a procura ainda pressiona os valores das transacções efectuadas, estando Abílio de Sousa convencido que a forte quebra das cotações verificadas nos mercados internacionais pode, eventualmente beneficiar as operações nacionais, através do afluxo de capitais evadidos de outros mercados de títulos.

Esse é o convencimento de alguns analistas nacionais que se mostram impressionados com os montantes de capitais estrangeiros interessados no investimento nas Bolsas nacionais, capazes de absorver ainda muito do «papel» que possa, eventualmente, ser posto à venda.

Preços médios em alta

Tal como se esperava e à semelhança de outras operações recentemente realizadas, a venda pública de títulos de cinco empresas, ontem colocados a leilão nos dois mercados nacionais, suscitou uma elevada procura que não foi inteiramente satisfeita.

Na Bolsa de Lisboa, as 125 mil acções ao portador da Litho-Formas, correspondentes a um quarto do capital social da empresa, esgotaram em pouco menos de duas horas, proporcionando um encaixe de 1,78 milhões de contos. Colocados a licitação a um preço base de cinco contos, as vendas efectuaram-se a um valor médio de 14 254 escudos, atingindo um valor máximo de 30 500 escudos e um mínimo de 12 400 escudos.

A OPV da Cerexport-Cerâmicas de Exportação, a outra empresa cujas 131 250 acções foram leiloadas em Lisboa, rendeu cerca de 1,1 milhões de contos, transaccionadas a um valor médio de 8 425 escudos, depois de colo-

cadadas a ofertas a um preço base de 2 500 escudos.

Foi, contudo, na Bolsa do Porto onde se concentraram as operações responsáveis por um maior volume de transacções. A Salvador Cae-tano colocou em oferta um lote de 300 mil acções ao preço base de oito contos e acabou por vendê-lo a um preço médio de 19 960 escudos. A operação que se realizou entre um preço máximo e mínimo de 36 100 e 17 mil escudos, rendeu 5,987 milhões de contos e necessitou de ratear os lotes ao preço mínimo.

Clima semelhante envolveu as OPVs da Somec-Sociedade Metropolitana de Construções e da Cofaco-Comercial e Fabril de Conservas. Na primeira, as 250 mil acções renderam 2,377 milhões de contos e, colocadas ao preço base de sete contos, acabaram por ser compradas ao preço médio de 9 510 escudos. Na segunda, onde se obteve 1,797 milhões de contos, o preço base de 6,5 contos subiu para um valor médio de venda a cerca de 12 contos.

Por enquanto só há desacordos

Ministros dos "doze" em busca de consensos no Luxemburgo

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Doze têm manifestado grandes divergências sobre as reformas estruturais da Comunidade, não tendo obtido ontem qualquer acordo nesta matéria, indicaram fontes da reunião.

A um mês e meio da cimeira de chefes de Estado e de Governo da Comunidade, a 4 e 5 de Dezembro na capital dinamarquesa, os ministros dos Estrangeiros mostram-se incapazes de obter consensos sobre as grandes questões do pacote Delors, documento que inclui um conjunto de medidas sobre as reformas estruturais da CEE e estará em discussão em Copenhaga.

Todos os assuntos já abordados no Conselho, que decorre até hoje, no Luxemburgo, têm sido remetidos pela presidência dinamarquesa, para posterior discussão no COREPER (Comité de Representantes Permanentes).

No âmbito da disciplina orçamental, os Doze analisaram a possibilidade de um acordo interinstitucional, entre o Conselho e o Parlamento Europeu, para a definição das taxas máximas de aumento das despesas não obrigatórias.

Os principais países contribuintes — República Federal da Alemanha, Grã-Bretanha, Fran-

ça e Dinamarca — manifestaram-se contrários a esse acordo.

As divergências mantêm-se ainda no que se refere aos recursos próprios, nomeadamente as contribuições provenientes da taxa-base sobre o IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado) ou as que têm em conta a riqueza relativa dos países — Produto Nacional Bruto.

Os ministros fracassaram igualmente na obtenção de um acordo sobre a definição de «circunstâncias excepcionais», no quadro das quais não será aplicada a disciplina orçamental, bem como na obtenção de uma solução referente ao «prelevement de crise».

Este «prelevement», instituído nos inícios da década de 80 devido a problemas orçamentais da Comunidade, funciona como um desconto nos salários dos funcionários comunitários e já foi causa de greves recentes destes trabalhadores.

O Reino Unido tem sido o país mais intransigente, advogando a abolição imediata do imposto.

Outros países, entre os quais Portugal, defendem a sua abolição progressiva.

A delegação portuguesa é chefiada pelo secretário de Estado para a Integração Europeia, Vítor Martins, em representação do

ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro. **Desacordo também na agricultura**

Igualmente reunidos no Luxemburgo, os ministros da Agricultura dos Doze iniciaram esta manhã o seu segundo dia de negociações sem que se preveja qualquer acordo no tocante às reformas da Política Agrícola Comum.

Em causa está a análise de uma proposta da Comissão Europeia sobre a aplicação de estabilizadores nos diversos sectores agrícolas.

Trata-se de fixar montantes financeiros por sector e medidas a aplicar no caso de serem ultrapassados os limites estabelecidos.

Entre as medidas previstas incluem-se reduções de preços, diminuições de produção ou aumento das taxas de responsabilização.

Os Doze mantêm-se divididos nesta matéria. Para uns, trata-se apenas de fixar orientações gerais, enquanto outros reivindicam o estabelecimento de montantes de produção específicos por sectores e por regiões.

Nesta questão, Portugal segue a posição defendida pela República Federal da Alemanha no sentido de serem fixadas cotas de produção por país.

Produção mundial de cereais diminui

O mau tempo reduziu a nível mundial as colheitas de cereais deste ano, nomeadamente na Ásia e África, pelo que a organização das Nações Unidas para a Alimentação e o Desenvolvimento (FAO), tenta evitar outra emergência alimentar.

Segundo as fontes da FAO, a produção baixará em 1987 quatro por cento, situando-se próximo das 1 780 milhões de toneladas, depois das intempéries terem afectado grande parte das colheitas. Na Ásia as inundações e as monções prejudicaram a colheita prevista e em África, particularmente no Níger, Benin, Costa do Marfim, Libéria, Nigéria e Togo, foram as secas a reduzir a produção esperada.

A situação na Etiópia é das mais preocupantes, dada a ameaça de uma situação de emergência semelhante à de 1984-85 que poderá ser evitada, tal como declarou ontem o director-geral da FAO, Edouard Saouma, «se forem postos ao alcance da população afectada os alimentos necessários».

Devido à quebra na produção, os «stocks» mundiais de cereais serão reduzidos, pela primeira vez em quatro anos, a cerca de dez por cento, embora continuem a ser suficientes para salvaguardar a alimentação mundial.

COTAÇÕES DE NOTAS DE MOEDAS CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	55\$30	61\$30
ALEMANHA FED. (marco)	78\$50	79\$70
ÁUSTRIA (xelim)	11\$15	11\$35
BÉLGICA (franco)	3\$570	3\$820
BRASIL (cruzado)	1\$350	2\$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107\$40	109\$90
(notas de 5 a 1000)	107\$90	110\$40
DINAMARCA (coroa)	20\$40	20\$80
ESPAÑA (peseta)	1\$165	1\$285
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140\$35	143\$85
(notas de 5 a 1000)	140\$85	144\$35
FINLÂNDIA (marka)	32\$35	33\$95
FRANÇA (franco)	23\$50	24\$20
HOLANDA (florim)	69\$80	70\$90
IRLANDA (libra)	211\$00	215\$00
ITÁLIA (lira)	\$098	\$113
JAPÃO (iene)	\$944	\$999
NORUEGA (coroa)	21\$35	21\$85
REINO UNIDO (libra)	235\$75	240\$25
SUÉCIA (coroa)	22\$15	22\$65
SUÍÇA (franco)	94\$65	96\$15
VENEZUELA (bolívar)	3\$425	4\$425

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

PÂNICO ATINGE BOLSAS EM TODO O MUNDO

A Bolsa de Valores de Nova Iorque registou ontem a sua maior queda de sempre, com o índice «Dow Jones», calculado com base no valor das acções das trinta maiores empresas industriais cotadas, a descer 508,32 pontos, encerrando a sessão ao nível de 1.738,74 pontos. Em termos relativos, o recuo da sessão foi de 22,62 por cento, ultrapassando a queda de 12,8 por cento do dia 28 de Outubro de 1929 que deu origem à Grande Depressão da década de trinta, e só ultrapassado pelos 24 por cento perdidos a 12 de Dezembro de 1914.

Os restantes índices «Dow Jones» seguiram a mesma tendência, tendo o dos transportes (calculado com base em vinte emissões) cedido 164,78 pontos, passando para 776,87 pontos, enquanto o dos serviços públicos (quinze emissões) desceu 29,16 pontos, fixando-se em 160,98 pontos. O índice «Dow Jones» médio das 65 emissões recuou 169,1 pontos, descendo para 670,67 pontos.

Esta queda record verificada ontem na Bolsa de Nova Iorque segue-se a outras grandes descidas verificadas desde quarta-feira da semana passada, altura em que foi divulgado um relatório sobre o défice comercial dos EUA. Nesse relatório, o Governo federal confessava não ter conseguido diminuir o défice comercial de Agosto tanto quanto se propusera. Em consequência, na sessão de sexta-feira, desceram dezasseis acções por cada uma que subiu. O clima de subida das taxas de juro internacionais e receios de inflação criaram a insegurança entre os investidores.

Dólar desce, ouro sobe

Ainda na sexta-feira, e em consequência da crise bolsista, o dólar desceu significativamente nos mercados cambiais, passando abaixo da barreira psicológica dos 1.800 pontos, e o ouro subiu no mercado nova-iorquino. Os analistas aguardavam com expectativa a sessão de ontem, para saber como iriam reagir os pequenos investidores.

Em Wall Street, não são muitos os analistas que relacionam a descida de ontem prioritariamente com o ataque norte-americano a duas plataformas petrolíferas iranianas e consequente agravamento da tensão do Golfo, como faz a agência TASS, de Moscovo. Actualmente, os EUA pouco dependem do petróleo do Golfo para as suas necessidades energéticas, e uma escassez de ramos, com o consequente aumento dos preços, seria até uma benesse para a deprimida indústria

petrolífera norte-americana, onde vigora neste momento o desemprego e se assiste ao encerramento de muitos postos, devido às poucas compensadoras tarifas do «crude». Os principais factores, disseram, relacionam-se ainda com as altas taxas de juro, a irregularidade do dólar nos mercados monetários internacionais e o enorme défice federal.

No entanto, a maioria dos analistas concorda que a situação não deverá assumir, de modo algum, os contornos dos anos trinta, uma vez que a situação económica e financeira dos EUA é, de forma geral, sólida. «É espantoso como o revestimento de uma economia relativamente sólida pode ser tão ameaçado por uma vaga de pânico impulsionada por ordens de venda a partir de computadores», disse o analista Alan Ackerman, da empresa «Gruntal and C.». Outros analistas alvitram que deveriam ser os computadores a «saltar da janela», em vez dos corretores, por originarem esta quebra record.

Bolsas de todo o mundo em queda

Entretanto, as reacções ao «crack» da Bolsa de Nova Iorque não se fizeram esperar. Por todo o mundo, o movimento nas principais praças financeiras internacionais foi afectado: «quando a Bolsa de Wall Street tem um resfriado, o resto das bolsas apanha gripe», disse um perito norte-americano. Em Frankfurt e Amesterdão, registaram-se quebras record na sexta-feira, enquanto Londres, Paris e Milão bateram os valores mais baixos de todos os tempos.

A acentuada queda do dólar associada ao receio de uma tendência para o aumento das taxas de juro são as causas apontadas para as quedas ontem ocorridas nos mercados asiáticos de Tóquio e Hong Kong. Em Tóquio, hoje, assistiu-se à maior baixa da história daquela Bolsa, que, de acordo com fontes bolsistas, iniciou a sessão «quase

sem ordens de compra». Também em Hong-Kong, a sessão de segunda-feira provocou uma queda record dos seus 19 anos de existência, e as autoridades britânicas decidiram hoje suspender as sessões até à próxima segunda-feira.

No mercado londrino, registou-se ontem uma baixa sem precedentes dos seus dois índices de referência. O ministro britânico das Finanças aconselhou os investidores a «permanecerem calmos porque a economia está fundamentalmente sã, embora haja flutuações». Os corretores londrinos comemoraram o «desastre» da forma «tradicional»: bebendo champanhe. Em Paris, as negociações em Bolsa foram hoje suspensas até às 11 horas locais, devido a uma baixa superior a 2 por cento. Em Milão, Amesterdão e Frankfurt, assistiram-se a quebras record.

Mas também as Bolsas mais insignificantes sofreram os efeitos da queda de Wall Street: é o caso de Sydney, Wellington e Singapura. Três Bolsas constituem excepção neste panorama internacional: a de Joanesburgo (devido à valorização a que foi sujeito o ouro) e as de Lisboa e Porto que, vá-se lá saber porquê, movimentaram ontem 13 milhões de contos em 5 OPV's.

Japoneses têm uma palavra a dizer em Nova Iorque

O director da Bolsa de Nova Iorque, James Phelan, apesar de considerar a descida uma autêntica «fusão», como a da central nuclear de Chernobil, disse que esta constitui acima de tudo «uma correcção significativa» de valores, anteriormente muito inflacionados, e não uma queda no verdadeiro sentido da palavra, frisando ainda que o mercado reatará normalmente a sua actividade, hoje.

Se bem que o fluxo de ofertas se possa manter por mais algum tempo, o facto é que a situação económica do país não é, de forma alguma, comparável à de 1929. «Temos a sorte de isto ocorrer numa altura em que a economia do país é muito forte, o produto interno bruto cresce a uma taxa de 2,5 por cento ao ano e o desemprego é de 6 por cento», frisou o director da Bolsa de Nova Iorque.

Alguns analistas apontam que muitos dos investidores da Bolsa de Nova Iorque são estrangeiros, nomeadamente

japoneses, e que, descendo o dólar, por muito que ganhem nos valores transaccionados na Wall Street acabam sempre por ter prejuízo ao cambiarem esses ganhos pelas moedas dos respectivos países, pelo que são particularmente sensíveis a qualquer consolidação ou recuo dos preços dos papéis. Seja como for, a «segunda-feira negra» deixou muitos investidores em maus lençóis... «Algumas pessoas já não têm qualquer valor na sua conta», disse um corretor.

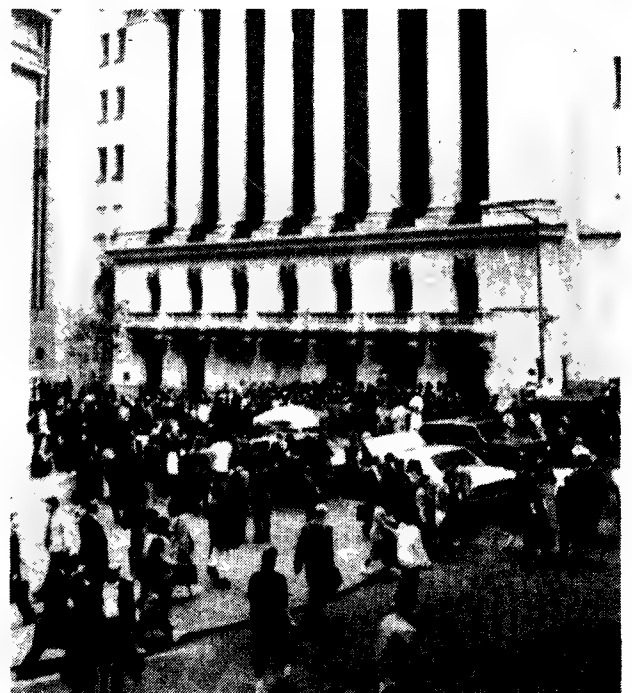
Preocupação nos meios políticos

O porta-voz presidencial, Marlin Fitzwater, disse que Ronald Reagan ficou espantado e preocupado com a tendência da Bolsa de Nova Iorque, tendo ordenado consultas entre funcionários do executivo e peritos económicos e financeiros, incluindo o director da Reserva Federal. «Estas consultas confirmam a nossa opinião de que a economia continua sólida», disse Fitzwater. No sábado, Reagan tinha afirmado tratar-se «apenas de uma correcção» de percurso, enquanto o secretário de Estado das Finanças, James Baker, acrescentava não se tratar de um «movimento de pânico».

«Estamos a viver a mais prolongada expansão da história em tempo de paz, o emprego está ao seu mais alto nível de sempre, a produção está a subir e o défice comercial, quando ajustado às mudanças na paridade das diversas moedas, está a melhorar constantemente», disse Fitzwater. Além disso, acrescentou, «conforme afirmou recentemente o presidente da Reserva Federal, não há indícios de uma reacção da inflação nos EUA».

Apesar disso, é nítida a preocupação com que os meios políticos internacionais encaram a situação. O secretário de Estado norte-americano, James Baker, que ontem iniciara uma visita de dois dias à Suécia, partiu hoje precipitadamente para Washington. Ao mesmo tempo, Jacques Delors, presidente da comissão executiva da CEE, apelou hoje à rápida e discreta convocação de uma reunião dos líderes das sete nações mais industrializadas, para análise da crise nos mercados monetários e nas Bolsas de Valores mundiais.

ouro atingiu preços comparáveis aos de 22 de Fevereiro de 1983. Nesse dia, o ouro cotou-se em Londres, a 488 dólares e em Zurique a 477,75 dólares. Em Lisboa, o grama de



Aspecto exterior da Bolsa de Nova Iorque, ontem, depois do afundamento das cotações

Um sonho a virar pesadelo

Do pequeno investidor do Arkansas ao patrão do tesouro norte-americano, passando pelos «Yuppies», jovens habitados às rápidas fortunas proporcionadas pela Bolsa, os Estados Unidos em peso têm hoje os olhos fixos em Wall Street, que passou em três dias do bom tempo à tempestade.

Durante mais de cinco anos, milhões de norte-americanos sentiram-se um pouco mais ricos ao observar, à hora do jantar, o curso do índice Dow Jones subir quase invariavelmente nos ecrãs das três grandes cadeias de televisão.

Na quarta-feira, depois na quinta e novamente na sexta-feira e ontem, uma violenta depressão bolsista fez quebrar o barómetro de Wall Street.

Para alguns, o sonho americano ameaça já transformar-se num pesadelo, versão 1929.

Como se comportará hoje o Dow Jones às 16 horas, quando soar o relógio que diariamente marca o fim das transações na Bolsa de Nova Iorque? Em Wall Street, são raros os que ousam responder. São igualmente raros os que compreendem o que realmente se passou nestes dias negros.

Uma só certeza: «psicologicamente, há muitos estragos e será preciso tempo para recuperar a confiança» — afirmou Peter Grennan, um dos responsáveis da firma de corretagem nova-iorquina, Shearson Lehman Brothers.

Até mesmo os números podem ser enganadores. Em 72 horas, de quarta, quinta e sexta-feira, o Dow Jones perdeu 261,4 pontos e os comentadores congratulam-se em recordar que ele só baixou 68,9 pontos nas 48 horas de pânico que conduziram, em Outubro de 1929, à grande depressão dos anos 30.

Só na sessão de quarta-feira, 145 000 milhões de dólares volatilizaram-se em termos de capitalização bolsista, mas a última quebra de Wall Street foi já menos impressionante em percentagem: 10,8 por cento em três dias contra 23,2 por cento nas duas sessões do «crash» de 1929.

Por outro lado, apesar das ordens de venda «frenéticas» que se registaram em Nova Iorque na última meia hora da passada semana bolsista, o Dow Jones regressou simplesmente, na sexta-feira, ao seu nível de 22 de Maio.

Cinco anos a subir

Com 2246,73 pontos o índice registou uma quebra de 17,5 por cento em relação à soma atingida em 25 de Agosto. No entanto, permaneceu em alta de 23,4 por cento num ano e de 189,2 por cento desde 12 de Agosto de 1982, data que marcou o início de cinco anos de euforia bolsista.

A partir desta constatação, as opiniões divergem. Para uns, as locomotivas de Wall Street precisam apenas de um pouco mais de vapor depois de 62 meses de marcha forçada.

Para outros, a crise de Wall Street indicia todavia uma fase crítica para o crescimento da economia dos EUA. Segundo Henry Kaufman é a impossibilidade de reduzir o enorme défice comercial dos EUA sem aumentar as taxas de juro que faz aproximar o Dow Jones do abismo.

O antigo «guru» de Wall Street actualmente um dos directores do banco de negócios Salomon Brothers, é da opinião de que uma baixa do dólar «só fará aumentar a inflação esperada» e «as inquietações dos investidores».

Outros analistas da Bolsa antevêm uma redução do consumo dos norte-americanos e, consequentemente, da actividade económica, lembrando que as acções das grandes cadeias de armazéns, como Kmart Corp. ou The Gap Inc., foram as primeiras e as mais afectadas pela baixa do «Stock Exchange» de Nova Iorque.

Ouro a subir e dólar a descer

O ouro subiu ontem ao seu mais alto nível em cerca de cinco anos, enquanto o dólar desceu em relação às outras grandes moedas, numa altura em que os mercados começam

a reagir às quebras nas bolsas de valores, aos receios de uma guerra fiscal, entre os Estados Unidos e a Alemanha Federal.

Em, Londres, e Zurique, o

ouro atingiu preços comparáveis aos de 22 de Fevereiro de 1983. Nesse dia, o ouro cotou-se em Londres, a 488 dólares e em Zurique a 477,75 dólares. Em Lisboa, o grama de

Taça dos Campeões: Benfica na Dinamarca

CONFIANÇA FORTALECIDA COM REGRESSO DE CHALANA

Neves de Sousa

Enviado especial

AAHRUS — A cidadezinha dinamarquesa de Aarhus aparece nestas andanças da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» com uma certa propriedade: centro urbano com cerca de 200 mil habitantes, ostenta cinco títulos de campeão nacional e seis triunfos na «Taça» deste país, tem dez presenças em provas ufeiras (4 na «Taça dos Campeões», duas na «Taça Uefa» e mais quatro na extinta «Taça das Feiras», e até já atingiu os quartos-de-final (60/61) entre os campeões, nunca ficando pelo caminho ao primeiro embate e, desta vez, trepando ao segundo degrau depois de ter afastado os fracos luxemburgueses o Jeunesse d'Esch (4-2 no cômputo das duas «mãos»).

Campeão dinamarquês na última temporada (17 triunfos, sete empates e duas derrotas ao longo das 26 jornadas) com um «score» de 49 golos marcados e 22 sofridos, aparenta uma defesa com certa permeabilidade a par de um ataque de mediana expressão e, neste momento, depois de ter batido o Vejle por 4-0, em encontro da 24.ª rodada do campeonato local, está no 3.º posto da tabela geral, arredado 13 pontos de um comandante que é velho conhecido de Skovdhall: o Brøndby, que o actual técnico benfiquista dirigiu na última época.

Por aqui se nota que não é momento excessivamente opulento para este Aarhus Gimnastikforening (AGF), fundado em 1880 e com secções de futebol, natação, andebol, atletismo e natação. Uma curiosidade: em termos futebolísticos, já esteve na rota benfiquista até ao saboroso êxito de Coluna e seus comandados em Berna, disputando a 2.ª eliminatória com os «encarnados», depois dos portugueses terem eliminado os escoceses do Hearts, era Maurício Vieira de Brito o presidente do clube então treinado por Bela Gutman. Dois homens que já nos deixaram, mas (felizmente) está aí são como um pêro José Augusto («herói» em Aarhus), que saiu em ombros do campo depois de um convincente 4-1 a juntar ao 3-1 já rubricado em Lisboa pelo nosso campeão.

Então, o Aarhus apresentava um «onze» de completos amadores: mas já estava com o bloco refinado quando (em 1965) bateu duplamente o Vitória de Setúbal, arredando-o da «Taça dos Vencedores das Taças». A colectividade da pátria desse admirável contador de histórias que foi Hans Christian Andersen é agora presidida por um antigo futebolista (o jovem advogado Svend Soerensen, que é também director de uma escola estatal) e tem como base do seu «team» de honra esta formação: Rasmussen; T. Andersen, Stampe, Kristensen e Bertram; K. Andersen, Christtenden, Jerpersen e P. Andersen; Ludqvist e Mortensen (ou Lauridsen). Perante os luxemburgueses os seus quatro golos pertenceram a Lundqvist (2) P. Andersen e Bartram.

Sabe-se que o benfica está bastante longe de um razoável apuro de forma, com aparente carência de adequada preparação física e certo desencantamento de algumas unidades de plano cimeiro que, embora reconhecendo que Skovdhall é um perfeito cavalheiro e sujeito de fino trato, não lhe visulmbam (pelo menos para já) gabarito suficiente para colmatar a inevitável falta de experiência, certo e bem sabido que só agora saiu da sua terra para a primeira aventura fora do círculo em que se desenvolveu. Prática internacional? Nula. Sistema de treino? Mais enquadrado para um grupo de amadores que para os altamente profissionais benfiquistas, sempre na corrida para os sucessos mais internacionalmente dilatados. E, como a marcha no campeonato nacional tem sido de grandes sobressaltos e alguns amargos de boca, diz-se por aqui que somente o presidente João Santos e Gaspar Ramos (dirigente do Departamento de Futebol



Silvino e Edmundo de fãtiota na mão e esperança na bagagem

da águia) vão conseguindo travar os desejos de outros colegas que estão a um ponto de solicitarem votação global da direcção em relação à continuidade do dinamarquês na Luz: e, toda a gente sabe que, por força de uma cláusula no seu contrato, Skovdhall pode ser dispensado de uma hora para a outra apenas com indemnização no valor de dois mil contos, ninharias para o orçamento futebolístico de um grande emblema como é o Benfica. Simplesmente essa dispensa de trabalho só pode actuar durante os primeiros seis meses de arregimentação; depois, sobe em flecha o preço de dizer adeus ao sucessor de Mortimore. E o sempre desejado Carlos Alberto Parreira só lá para Julho diz adeus aos petrodólares. No Dubai, a cornucópia despeja ouro...

Aqui, o Aarhus não tem grandes ambições. O técnico é Allan Ebbe Larsen e esteve ao serviço do Kalmar, agora adversário do Sporting no «sprint» uefeiro. A formação que vai confrontar-se com o Benfica tem nomes populares por estas bandas, especialmente os «internacionais» Rasmussen e Bartram, que o categorizado técnico Sepp Piontek considera com arte suficiente para **poderem brilhar no mais milionário futebol do mundo**. Mas, há outras personalidades no «onze» do Aarhus: casos de Ress (um novo Laudrup) e Donnerup (que esteve nos espanhóis do Santander), respectivamente com 19 e 26 anos e considerados as **secretas armas** aptas a combaterem o poderio benfiquista na tarde de amanhã, quando a turma dinamarquesa envergar camisa azul e calção branco, perante 10 mil espectadores sentados e mais 15 mil em pé, que isto do futebol ainda não deu para o estádio ser um monumento à semelhança do parque benfiquista, até porque (embora sendo a segunda cidade da Dinamarca) Aarhus tem paixões diversificadas no tocante a desportos.

Em todas as conversas, Skovdhall não se priva de aparentar grande confiança:

— **Sei perfeitamente o que vale o Aarhus e considero que a sorte do sorteio foi boa ao não nos aparecer com o Real Madrid. Verdade que não podemos contar com Elzo e que tanto Carlos Manuel como Rui Águas e Vando saem de lesões, mas já posso contar com Chalana e acredito que podemos passar o Aarhus, ganhando vantagem no facto do primeiro jogo ser disputado na Dinamarca.**

Enfim: toda a caravana afina pelo mesmoo diapasão, parecendo ponto assente (e firme) que o Benfica, mesmo a meio pau, tem armamento com valor suficiente para colocar um bom toque na ponta do queixo dos dinamarqueses. Ainda que a «traição» possa ser comandada por um treindor que é **ídolo** nesta terra, mas, em Portugal, continua com a borda da sua nau a tocar a água.

UEFA não perdoa

Bombas de fumo custam 500 contos

A lista de castigos anunciados pela UEFA abrange 12 clubes, que irão pagar no total 122 000 francos suíços (11 470 contos) de multas ao organismo do futebol europeu.

O Barcelona, que eliminou o Belenenses da Taça UEFA, foi multado com 25 000 francos suíços (2350 contos) pelos incidentes provocados pelos seus jogadores durante o jogo com o Belenenses no Restelo.

O OFI de Creta, que irá jogar com o Atalanta (Itália) na 2.ª eliminatória da Taça dos Vencedores de Taças, terá que disputar o encontro a 300 quilómetros do seu estádio, devido aos incidentes provocados pelos seus adeptos no jogo anterior com o Vitocha, de Sófia, com o arremesso de objectos para o campo e um fiscal-de-linha atingido com uma garrafa.

O Grasshoppers, da Suíça, terá que disputar o seu próximo jogo internacional a 150 quilómetros de distância, após os incidentes com o Dynamo de Moscovo, que se qualificou com 5-0 para a segunda eliminatória da Taça UEFA.

Outras multas aplicadas pela UEFA: Espanhol (Espanha),

10 000 francos suíços, pela violência dos seus adeptos durante o jogo com o Borussia Moenchengladbach; Real Sociedad (Espanha), 8000 francos suíços por arremesso de objectos para o relvado durante o jogo com o Slask Wroclaw, da Polónia; Valur Reykjavik (Islândia), 5000 francos suíços por má conduta em campo frente ao Wismut Aue (RDA); Panathinaikos de Atenas, 5000 francos suíços por lançamento de bombas de fumo para o rectângulo durante o jogo com o Auxerre (França); Dinamo de Bucareste (Roménia), 3000 francos suíços, por se sentarem no banco da equipa duas pessoas estranhas durante o jogo com o Mechelen (Bélgica); Hajduk Split (Jugoslávia), 3000 francos suíços por má conduta em campo durante o jogo com o Aalborg (Dinamarca); Katowice (Polónia), 3000 francos suíços por má conduta em campo no jogo com o Sportul de Bucareste.

O Anderlecht da Bélgica foi também multado em 10 000 francos suíços por se recusar a ceder o futebolista holandês Adri Van Tiggelen, para o encontro Holanda - Grécia, das eliminatórias do Campeonato da Europa.

«Europeu» de juniores

Seleccção prepara jogo com a RFA

A selecção nacional de juniores «A» iniciou o estágio de preparação para o jogo com a Alemanha Federal, que dia 4 de Novembro se realiza em Dusseldorf, a contar para a fase de qualificação do campeonato da Europa de futebol.

Dos 17 atletas convocados, apenas Resende (Benfica) e Fernando Couto (Porto) estiveram ausentes da concentração de ontem na sede da Federação Portuguesa de Futebol.

Resende não compareceu por estar lesionado, enquanto Fernando Couto terá de apresentar-se terça-feira no Centro de Medicina Desportiva, sendo posteriormente integrado nos trabalhos da selecção.

Carlos Queirós, responsável técnico pela selecção de juniores, disse que a equipa da Alemanha Federal «é muito forte» e que o jogo será muito importante para as pretensões portuguesas de atingir a ase final do «europeu». «Esta equipa alemã começou a trabalhar há quatro anos. O José Augusto viu o Suíça-Alemanha Federal, que os alemães venceram por 3-0, e sabemos que é uma formação muito forte, de grande valia técnica e grande capacidade

física», adiantou Carlos Queirós.

Carlos Queirós referiu ainda que os portugueses não estão envolvidos numa competição com a Alemanha Federal, mas sim a disputar um grupo de apuramento onde os favoritos são a França e a RFA.

No entanto, depois de um empate fora com a França e uma vitória em casa, com a Suíça, Portugal aspira igualmente à vitória no grupo, sendo o jogo de Dusseldorf de «grande importância» para Portugal.

«O programa de trabalho visa a qualificação para o europeu e não esconde que apostamos nestes dois encontros como rampas de lançamento para a qualificação. Temos um plano de trabalho ambicioso, com dois estágios quase sucessivos», afirmou Carlos Queirós.

A lista de convocados para o jogo com a RFA é a seguinte: Porto (4): Fernando Couto, Vítor Baía, Morgado e Paulo Alves; Leixões (1): Tozé; Benfica (5): Bizarro, Abel, Paulo Madeira, Sousa e João Pires; Sporting (4): Evora, Zarro, Amaral e Paulo Ribeiro; Varzim (1): Paulo Oliveira e Setúbal (1): Hélio.



ALL STAR

CONVERSE

A
ESCOLHA
DAS
ESTRELAS

O RÂGUEBI E AS SUAS REGRAS

Disputou-se, este fim-de-semana, a 2.ª jornada da fase preliminar do campeonato nacional da 1.ª divisão na categoria de seniores.

Apesar de se terem verificado resultados que denotam certo e aparente equilíbrio (Cascais - CDUL: 12-11, Direito - Benfica: 0-6, Universidade Livre - Agro-nomia: 9-7) poder-se-á considerar uma jornada normal com os vencedores considerados como favoritos.

Para os leitores menos familiarizados com o «Rugby» e as suas leis, iremos a partir de hoje, e neste espaço, tentar «dizer» o mais possível sobre esta modalidade, que porventura não terá mais adeptos, devido ao desco-

nhecimento das leis em que se move. De resto, pensamos que, apesar da influência decisiva que a Televisão teve na propaganda do «Rugby» em Portugal com as transmissões directas iniciadas há cerca de vinte anos, dos jogos do Torneio das Cinco Nações, têm faltado explicações que, ainda que sucintas, poderiam permitir ao espectador seguir melhor o jogo.

A finalidade máxima do «Rugby» é o ensaio (que vale 4 pontos) e que consiste em transportar a bola para além da linha de ensaio (que passa pelos postes) e colocá-la na área de validade. Todo o ensaio tem direito à respectiva tentativa de transfor-

mação — perpendicular à linha de ensaio e ao local onde este foi marcado — e na qual o pontapeador tenta fazer passar o oval por cima do travessão. Caso o consiga, obtém mais 2 pontos.

Outra forma de marcar, é através de um pontapé de penalidade ou de um pontapé de ressalto («Drop») e fazendo igualmente passar a bola por cima do travessão, conquistando-se, assim, mais 3 pontos.

Em relação ao número de jogadores, cada equipa tem 15 unidades divididas em 2 grupos: oito avançados e sete linhas atrasadas. Nestas, estão incluídos os dois médios — de formação e de abertura — que se encaixam de fazer a ligação entre os dois blo-

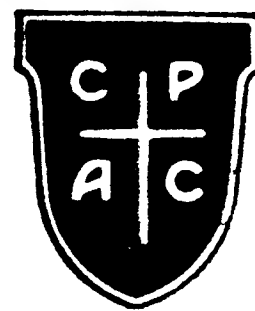
cos. Importante será dizer que, no «Rugby», há lugar para todas as alturas, pesos, estaturas e morfologias. Por exemplo, na actual selecção francesa o médio de formação não tem mais de 1,70, enquanto que os segundos linhas têm quase 2 metros. Referindo-nos aos avançados é a seguinte a sua divisão: três primeiras linhas — 2 pilares e um talonador, dois segundos linhas e três terceiras linhas — um centro e dois asas. Nas linhas atrasadas, e para além dos dois médios já citados, existem ainda os três quartos de centro (2), os três quartos de ponta (2) e o defesa («arrière»).

Luís Feist

Ténis de mesa

Casa Pia joga no dia 31 para a Taça dos Campeões

A contar para a 2.ª eliminação da Taça dos Campeões de ténis de mesa (classe feminina), o Casa Pia Atlético Clube, vai defrontar o Spartak BS Vlasim (campeão da Checoslováquia), sendo a primeira vez que a popular colectividade casapiana participa naquela importante competição do calendário internacional. O encontro terá lugar no Pavilhão da Casa Pia de Lisboa (Rua dos Jerónimos) no dia 31 do corrente, com início às 18 horas, e a turma das nossas re-



presentantes será composta pelas seguintes atletas: Olga Meneses (nossa companheira de trabalho), Maria Alexandre e Mónica Salgado, sendo treinador Fernando Gomes e director delegado Manuel Rocha.

Atenção, amigos «gansos»: Vamos lá dar «aquela forcinha»!

Maratona de Portugal: inscrições encerram domingo

Madge Sharples é uma cidadã inglesa com a idade respeitável de 71 anos que a 8 de Novembro vem fazer a Portugal a sua 42.ª maratona, prova que irá reunir um número recorde de atletas.

António Campos, director técnico da prova, disse que «estão reunidas as condições para se bater o número recorde de inscrições estabelecido em 1985 na Maratona Spiridon», tendo, nesse ano, alinhado 258 atletas.

Para a Maratona de Portugal, as inscrições terminam domingo e atletas dos Estados Unidos, Inglaterra, Suécia e Itália já deram a sua adesão.

O sueco Erik Nilsson com a marca de 27,58 minutos nos 10 000 metros e com o tempo de uma hora e dois minutos na meia-maratona é um dos nomes credenciados que fará a sua estreia na distância, em Portugal.

Outro nome provável é o checoslovaco Martin Vrabel, sexto classificado nos 10 000 metros do «Mundial» de Roma e 12.º na Maratona.

Cidália Caetano é, entre os atletas portugueses, o nome mais conceituado detendo a segunda melhor marca de sempre com 2.11,49 horas e irá defender o título conquistado o ano passado na primeira edição.

A Maratona de Portugal disputa-se num percurso plano com partida e chegada na Praça do Comércio.

Círculo de Antigos Nadadores vai retomar actividade

Com o apoio da Federação Portuguesa de Nataçao e da Associação de Nataçao de Lisboa, foi constituída uma comissão para que o Círculo de Antigos Nadadores volte à actividade pelo que todos os sócios deverão contactar a Associação de Nataçao de Lisboa com vista à realização de uma breve reunião para, nas condições estatutárias, proceder à eleição de corpos directivos e admissão de novos sócios.

Mundial de xadrez: Kasparov prepara ultrapassagem

Grandes-mestres e especialistas internacionais coincidiram, antes do movimento 19 da quarta partida para o título mundial de xadrez, que o campeão Kasparov tinha uma clara vantagem sobre o candidato Karpov, sendo a sua vitória muito provável.

Nesta quarta partida, Kasparov — cujo primeiro lance se realizou com quatro minutos de atraso por falta de pontualidade do candidato — voltou a jogar com as brancas.

O árbitro brasileiro Lincoln Luce-na, mestre FIDE e candidato, no ano anterior, à presidência da Federação Mundial de Xadrez, declarou aos jornalistas, imediatamente antes do lance 19: «Kasparov deverá ganhar a partida, já que disfruta de melhor situação». Por seu lado, o grande-mestre sueco Anderssen, também presente em Sevilha, afirmou na mesma altura: «A situação é bastante perigosa para Karpov e Kasparov já não perderá — ganha ou empata».

A partida acabaria por ser suspensa em posição de clara vantagem para Kasparov, que deixou selado o seu movimento seguinte (41.º), isto numa altura em que disfruta já de dois peões de vantagem e o seu triunfo, na opinião dos especialistas, parece assegurado.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13h.
Bragança	7	7	0,0	Chuva
V. Castelo	12	12	0,0	M. nub.
Vila Real	8	7	0,0	Chuva
Porto	12	12	0,0	M. nub.
Coimbra	12	12	0,0	Trov.
C. Carveiro ..	16	14	0,0	Encob.
C. Branco	11	11	0,0	Aguac.
Portalegre	10	10	0,0	Nevoeir.
Lisboa	12	12	0,0	Aguac.
Évora	13	12	0,0	Aguac.
Beja	13	12	0,0	Aguac.
Faro	14	14	0,0	Limpo
Sagres	16	16	0,0	Aguac.
P. Delgada	12	12	0,0	M. nub.
Funchal	18	17	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 18, Porto 16, Faro 19, Ponta Delgada 20, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

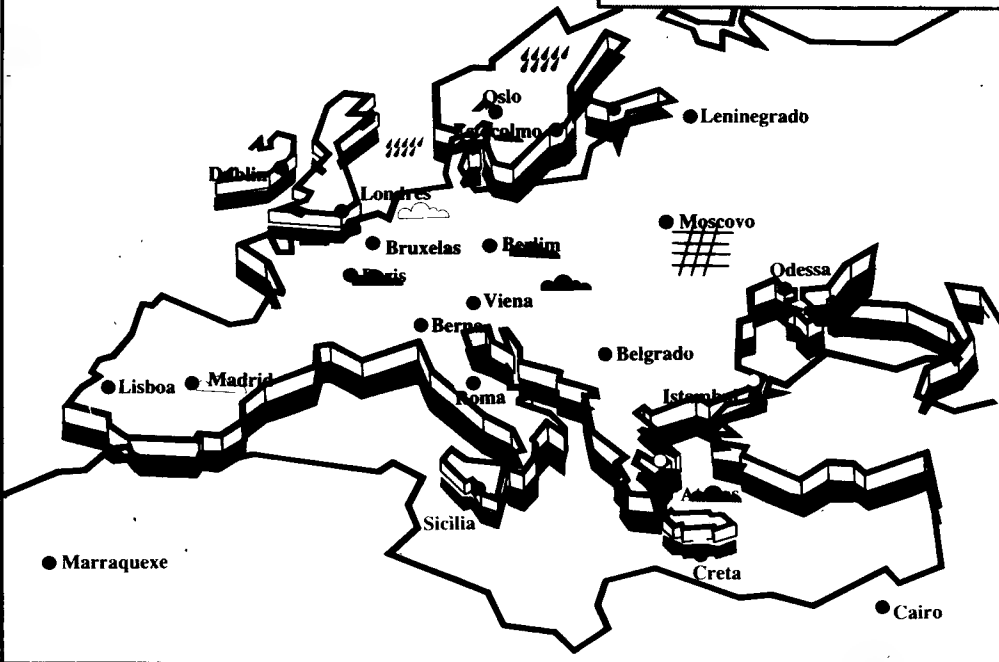
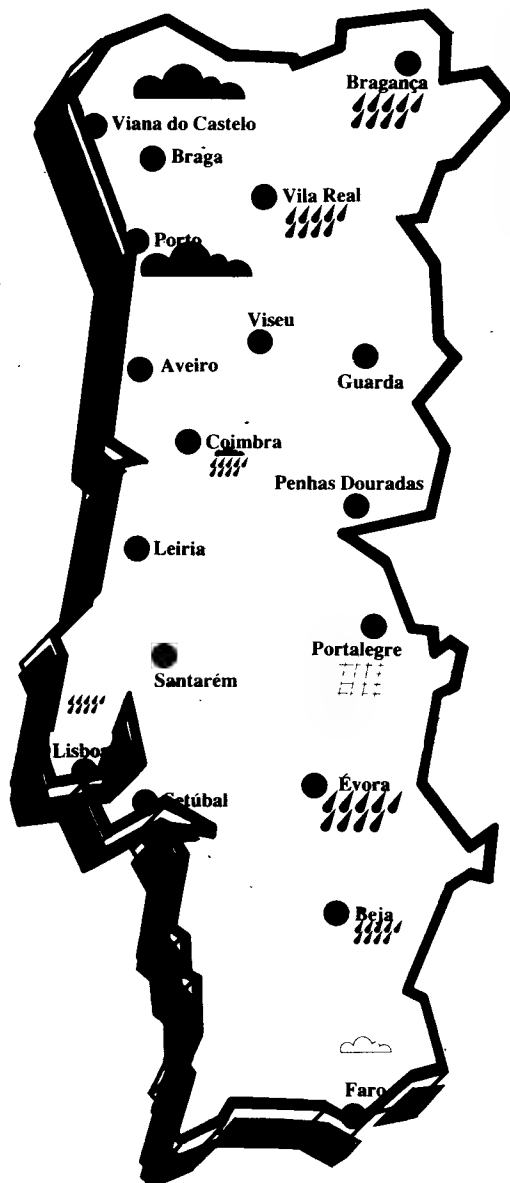
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	13	12	Chuvisco
Londres	12	11	Bruma
Paris	11	11	Muito nub.
Bruxelas	11	11	Limpo
Amsterdão ..	10	10	Neblina
Genebra	9	7	Neblina
Roma	13	12	Neblina
Oslo	9	9	Chuvisco
Copenhaga ..	11	10	Muito nub.
Estocolmo ..	7	7	Nevoeiro
Berlim	8	6	Neblina
Viena	10	10	Neblina
Varsóvia	-	-	-
Atenas	16	15	Muito nub.
Moscovo	-	-	-

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	As 13h.
Caracas	20	27	Nublado
Joanesburgo ..	12	26	Limpo
Los Angeles ..	18	20	Nublado
Montreal	10	14	Nublado
Nova Deli	22	30	Limpo
Nova Iorque ..	13	19	Nublado
R. de Janeiro ..	11	24	Limpo
S. Francisco ..	10	24	Limpo
São Paulo	16	33	Nublado
Tóquio	17	27	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa

"Dragões" de ouro

Onze personalidades da colectividade azul e branca foram distinguidas com os «Dragões de Ouro», entre as quais **Fernanda Ribeiro**, campeã da Europa de juniores de atletismo, nos 3000 metros.

A lista das personalidades escolhidas é a seguinte: **João Pinto** (atleta do ano), **Mlynarczyk** (futebolista do ano), **Alves** — hóquei em patins — (atleta de alta competição), **Fernanda Ribeiro** (atleta amator), **Domingos** — futebol — (atleta jovem), **Costa Soares** (treinador do ano), **Teles Roxo** (dirigente do ano), **Alípio Dias** (sócio do ano a título póstumo), **Cipriano** (funcionário do ano), **Rui Sá** (seccionista do ano) e «**Dragões de Lisboa**», (filial do ano).

Estes troféus serão entregues em cerimónia pública a decorrer no salão árabe do Palácio da Bolsa, em 28 de Novembro, com a presença de personalidades que estão a ser convidadas pelo FC Porto.

Grande Prémio do México: Piquet ilibado, Senna punido

A Federação Internacional do Desporto Automóvel (FISA) desmentiu, em Paris, os rumores acerca de uma suposta desclassificação do piloto brasileiro Nelson Piquet no Grande Prémio do México de Fórmula 1, disputado domingo último.

Os comissários do grande prémio consideram que o carro de Piquet foi empurrado pelos comissários de pista por razões de segurança, refere um comunicado da FISA distribuído na capital francesa, pelo que a classificação estabelecida no final da corrida, que foi publicada e não motivou qualquer reclamação, deve ser considerada definitiva, sublinha ainda a Federação.

O comunicado informa, também, que os comissários aplicaram uma multa de 15 000 dólares ao piloto, também brasileiro. Ayrton Senna, por ter agredido um comissário de pista, não tendo o sancionado apresentado qualquer recurso.

A FISA desmentiu assim rumores de desclassificação de Piquet, anunciada nas cadeias de televisão britânica (ITV e BBC).

Inglêses vão assoprar no balão antes de entrarem para os estádios

Os adeptos ingleses do futebol podem vir a ser submetidos ao teste do balão para verificar o nível de álcool no sangue antes de terem acesso ao interior dos estádios — foi anunciado ontem em Londres.

Copiando os testes efectuados aos automobilistas nas estradas, o ministro dos Desportos britânico Colin Moynihan revelou ter solicitado à Federação Inglesa que introduza aqueles testes aos espectadores do futebol. Muitos dos incidentes verificados nos estádios de futebol e a sua onda de violência devem-se ao excesso de álcool e por isso «pedi à federação que pusesse a funcionar uma experiência-piloto daquele género» — afirmou Moynihan.

OPTIMISMO DE CHAVES ATÉ KALMAR

Desde Kalmar até Chaves, escalando Aahrus, Valência e Guimarães, reina o maior optimismo entre as cinco formações lusas que, a partir das 15 horas de amanhã (Chaves) até às 22,45 (hora a que deverá terminar o jogo de Guimarães), irão iniciar a disputa dos encontros correspondentes às três competições sob a égide da UEFA.

Os campeões europeus realizaram um treino após a sua chegada a Valência e logo se constatou que João Pinto havia recuperado por forma a ser integrado no onze inicial, e, quanto aos demais (que Ivic resolveu levar para terras espanholas), encontram-se sem qualquer mazela, pelo que o FC Porto deverá apresentar os mais credenciados (Gomes à parte) perante a forte equipa do Real Madrid. Os portistas encontram-se instalados a 20 quilómetros de Valência e esta noite irão observar a iluminação (e o piso) do Estádio Luis Casanovas, que será palco do encontro mais importante da sessão de amanhã.

Nas imediações do Estádio Luis Casanova, por ocasião do jogo Valência - Valladolid, disputado domingo, os revendedores estavam a vender bilhetes a 15 000 pesetas (cerca de 18 mil escudos) — o que representa o triplo do preço da bilheteira e segundo indicadores dos agentes das bilheteiras, os ingressos para o encontro Real Madrid - Futebol Clube do Porto já esgotaram o que se traduz na compra dos 12 000 bilhetes que o clube madrilenho devolveu e que foram colocados à disposição do público.

Em Aahrus, diz-nos o nosso campanheiro Neves de Sousa, de que as duas dúvidas de Ebbe Skovdahl e do responsável clínico que acompanha a comitiva,

consistem no facto de não ser um dado certo a recuperação total de Rui Águas e de Mozer, já que sobre os restantes não existe qualquer caso preocupante. Hoje os benfiquistas realizarão dois treinos.

Em Kalmar (localidade de 50 mil habitantes localizada a 400 quilómetros de Estocolmo, na província de Smaland) estão os sportinguistas com a bagagem carregada de esperança, todavia o técnico-adjunto Fernando Mendes não se cansa de recomendar aos seus jogadores do perigo para optimismo exagerado. Todos os jogadores (Duílio, Paulinho e Fernando Mendes incluídos) se encontram aptos para responder à chamada de Burkinshaw.

Em Guimarães, também não existem «indisponíveis», e António Oliveira (que faz a sua estreia em provas internacionais ao serviço do Vitória de Guimarães), apenas exige que os futebolistas que venha a escolher visitem o fato de ganga, o que deixa evidenciar a convicção de que os belgas, do Beveren, não são a «pêra doce» que alguns possam (erradamente) supor.

Lá para as bandas de Chaves, dois casos preocupam Raul Águas: Padrão parece não recuperar, o mesmo sucedendo com Slavkov, pelo que o técnico flaviense irá continuar com Fonseca (um veterano de 39 anos) na defesa das redes e para a «vaga» de Slavkov a alternativa será a inclusão de Vicente, que terá recuperado da lesão contrada no passado sábado no Restelo. Pessimismo é sentimento que não reside naquela cidade do Nordes-



Enquanto Pinto da Costa cumpre formalidades sociais os jogadores aplicam-se no trabalho em terras de Valência



Sporting: último ensaio para a «missão» de Kalmar



Húngaros do Honved chegam a Pedras Rubras

te, ainda que seja reconhecido o valor do perigoso Honved que veio na sua máxima força e que, apesar da derrota sofrida no campeonato por 3-0 frente ao Pecs, se mostra convicto de passar à eliminatória seguinte. Os flavienses pensam o mesmo.

Não há transmissão para ninguém Para ver o Real-FC Porto só no Luís Casanova

O encontro Real Madrid - Futebol Clube do Porto não será transmitido em directo ou em diferido pela Televisão espanhola por oposição de 11 clubes espanhóis.

A Federação Espanhola de Futebol comunicou oficialmente ao Real Madrid a proibição, na sequência da oposição manifestada pelo Barcelona e Real Sociedad que na mesma altura vão disputar, nos seus estádios, jogos das competições europeias, e de outros nove clubes envolvidos em encontros da Taça do Rei de Espanha, de cinco federações regionais.

Recorde-se que o Real Madrid e a Televisão espanhola tinham chegado a um acordo para a transmissão do jogo, pelo que a TVE pagaria 50 milhões de pesetas.

est. RODRIGUES RODRIGUES sari

ESTABELECIMENTOS RODRIGUES & RODRIGUES, SA
RUA NOVA DO CARVALHO, 66 — LISBOA
CAPITAL SOCIAL 50 000 CONTOS
MATRICULADO NA CONSERVATÓRIA DO REGISTO
COMERCIAL DE LISBOA SOB O N.º 10276

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

Nos termos legais, convoco os Senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral extraordinária, em primeira convocação, no próximo dia **30 de Outubro de 1987**, pelas **19.30 horas**, e em segunda convocação, na eventualidade de falta de quórum, no próximo dia **16 de Novembro** também pelas **19.30 horas**, nas instalações da Empresa sita na Praça de São Paulo, n.º 12-3.º Escada Esquerda, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Discutir e deliberar sobre proposta de alteração dos estatutos da Sociedade;
2. Eleições e designação de novos membros para os Órgãos Sociais da Sociedade.

Encontra-se patente na Sede Social da Sociedade o projecto de alteração dos estatutos a que alude o n.º 1.

Lisboa, 16 de Outubro de 1987

O Presidente da
Mesa da Assembleia Geral
Francisco da Silva Nunes

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE LEIRIA

ANÚNCIO

Acc. Sum. 299/85
2.ª Sec. — 1.º Juízo

Na acção sumária 299/85, 2.ª Secção do 1.º Juízo da Comarca de Leiria, movida pela Autora PLASTIDOM — PLÁSTICOS INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LD.ª, com sede em Leiria — Gare, contra a Ré MAMOPOL — MÁQUINAS E MOTORES DE PORTUGAL, LD.ª, com sede indicada como sendo na Rua Tenente Espanca, n.º 31-1.º — Lisboa, é esta Ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação mínima de trinta dias, contada da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido que a Autora deduz naquele processo e que consiste em a acção ser julgada procedente, por provada, e, em consequência, a Ré condenada a pagar à Autora a quantia de 82 815\$60, acrescida de Esc. 15 070\$00 de juros vencidos até 30-4-85 e dos vencidos à taxa legal de 31,5 % até efectivo embolso e do mais que for de Lei, pelos motivos constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra na Secretaria Judicial de Leiria à disposição da Ré.

Leiria, 8 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito,
a) Mário Roque
O Escrivão de Direito,
a) João Luís Amado Costa

«DL» 20/10/87 — 2.ª pub

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA
DE LOURES

PROCESSO N.º 1.435/86
2.ª SECÇÃO — 1.º JUÍZO
ANÚNCIO

No dia 9 de Novembro de 1987, pelas 10 horas, na 2.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Loures, e nos autos de Execução Ordinária número 1.435/86 que a exequente M. PEÇAS, LIMITADA move contra a executada MARIA LEONOR ANGELO TITO, residente na Praça 1, à Rua de Cabo Verde, Lote 43-3.º Esq.º em Olival Basto Loures, há-de ser posto em segunda praça, para ser arrematado ao maior lance oferecido o seguinte imóvel: «Fracção autónoma designada por letra «H» que constitui o terceiro andar do lado esquerdo do prédio em regime de propriedade horizontal sito na Praça um à Rua de Cabo Verde, designado por lote 43, em Olival Basto, freguesia da Póvoa de Santo Adrião, concelho de Loures, omissa na matriz tendo contudo já sido pedida a sua inscrição mem 13 de Fevereiro de 1984, descrito sob o número doze mil quinhentos e nove, do Livro B — quarenta da Conservatória do Registo Predial de Loures — Primeira Secção», penhorado à referida executada nos autos acima identificados a qual vai à praça pelo valor de 2.000.000\$00 (dois milhões de escudos).

É depositário do referido imóvel o senhor Carlos Diamantino Trindade Moraes, residente na Av.ª Conde de Avranche, T-1, 3.º Dt.º em Santo António dos Cavaleiros.

Loures, 12 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
a) Rui Hilário Manrico

O Esc. Adj.º
a) Jorge Manuel Serrano
«DL» 20/10/87 — 1.ª Pub.

Inauguração esta tarde em Lisboa

'POESIA E TRABALHO' INSPIROU EXPOSIÇÃO DE ANTÓNIO CARMO

Manuel Geraldo

António Carmo inaugura esta tarde, pelas 18 e 30, na Galeria Gravura (Cooperativa de Gravadores Portugueses), na Travessa do Sequeiro, 4, r/c, em Lisboa, uma exposição de 23 desenhos e três guaches, subordinada ao tema «Poesia e trabalho» e que estará patente ao público até ao próximo dia 15 de Novembro.

A mostra, segundo revelou ao «DL» o autor, foi idealizada a partir do livro «Antologia Poética», uma recolha de José do Carmo Francisco e Joaquim Pessoa apoiada pelo Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas que incluiu autores como José Afonso, António Gedeão, Guerra Junqueiro, Almeida Garrett, Ary dos Santos, Vitorino Nemésio, José Gomes Ferreira, Mário Castrim, Carlos Pinhão, Saul Dias, Fernando Assis Pacheco, Nuno Guimarães, José Manuel Mendes e o próprio Joaquim Pessoa.

António Carmo, que levou dois anos a produzir estes trabalhos, já encetara anteriormente uma experiência similar ao inspirar-se em obras de Adriano Correia de Oliveira, Manuel da Fonseca, Pablo Neruda e Frederico Garcia Lorca, entre outros.

Para a exposição na Galeria Gravura, o pintor nascido na Madragoa, em 1949, escolheu, a título de exemplo, «A Mulher da Erva», de José Afonso, «Calçada de Carriche», de António Gedeão, «O Cavadão», de Guerra Junqueiro, e «Soneto do Trabalho», de José Carlos Ary dos Santos.

Há quem viva / sem dar por nada / Há quem morra / sem tal saber / Velha ardida / Velha

queimada / Vende a fruta / Se queres comer, é um extracto do poema de José Afonso «A Mulher da Erva», que motivou o único quadro que não estará à venda, dado que António Carmo pretende reservá-lo para si «como preito de homenagem ao grande trovador desaparecido».

Mas para que os leitores fiquem mais próximos da temática impressa nos trabalhos do pintor iremos transcrever excertos de outros poemas que lhe serviram de inspiração. Da «Calçada de Carriche», de António Gedeão: «Saiu de casa de madrugada / regressa a casa é já noite fechada / Na mão grosseira / de pele queimada / leva a lancheira / desgongada / Anda Luísa / Luísa sobe / sobe que sobe / sobe a calçada: «O Cavadão», de Guerra Junqueiro: «Vem roxa a estrela d'alvorada / oh dor' oh, dor' / Torvo, inclinado sobre a enxada, rasga as montanhas com a enxada / Fantasma negro, o cavadão: e «Soneto do Trabalho», de Ary dos Santos: «Das prensas dos martelos das bigornas / das foices dos arados e das charruas / das alfaías dos cascos e dos das dornas / é que nasce a canção que anda nas ruas / Um povo não é livre em águas mornas / não se abre a liberdade com gazuas / à força do teu braço é que transformas / as fábricas e as terras que são tuas».

Em texto escrito para o catálogo da exposição escreveu Porfírio Alves que «neste conjunto de trabalhos António Carmo fala duma realidade. Entre as acções do Homem assumidas ou impos-



José Afonso recordado por António Carmo, através do poema «A Mulher da Erva», é o único trabalho exposto que não está à venda

tas enquanto trabalho e a sua própria obra, coloca textos poéticos como distanciação e aproximação. E um modo de falar ao 2.º grau que procura a irmandade com cultores de outros ofícios. E também maneira de abordar a realidade a partir de visões diversas unificadas numa mesma poé-

tica». António Carmo, que ainda recentemente expôs no Luxemburgo e em Macau, irá estar em Março e em Setembro próximos, respectivamente, em Hanover, na RFA, e em San Diego, Califórnia, nos EUA, no Festival Cabrillo.



«Calçada de Carriche», desenho baseado no poema de António Gedeão

FAZ-SE JARRO?

Giselle soviética amanhã em S. Carlos

Liudmila Semeniaka, primeira bailarina do Bolshoi, e Yuri Possokhov, jovem solista do mesmo teatro moscovita, dançam amanhã, no Teatro S. Carlos, a peça «Giselle», com que a Companhia Nacional de Bailado abriu a presente temporada, no passado dia 15.

Os dois bailarinos, que se encontram em Lisboa desde segunda-feira a convite daquela companhia, participam nos espectáculos programados para quarta, sexta e domingo. «Giselle», que a C. N. B. leva à cena pela primeira vez, tem como outros solistas os pares Luisa Taveira e Phillip Betley (do Teatro S. Carlos), Isabel Fernandes e Guilherme Dias e Paola Cantalupo e Lewton Brain.

O cubano Jorge Garcia é o autor da coreografia desta versão de «Giselle», uma das obras-primas do ballet da época romântica.



Liudmila Semeniaka é, segundo o crítico do «Sunday Times», uma das bailarinas mais dotadas do século, sendo considerada a segunda «melhor Giselle» de todos os tempos, a seguir à grande Ulanova. Quanto a Yuri Possokhov, de 23 anos, trata-se de um dos mais jovens talentos do Bolshoi, tendo-se es-treado como primeira figura com «Raymonda» de Glazunov.

«Metro-Cabaret» estreia no fim do mês

«Metro-Cabaret» é o espectáculo musical da autoria de Fernando Gomes com estreia prevista para a última semana do corrente mês no Teatro do Século, ao Bairro Alto, espaço que foi renovado e transformado para o efeito num «cabaret», num cenário que faz lembrar os bons velhos tempos em que este tipo de espectáculo atingiu o seu auge.

Seguindo a linha dos anteriores espectáculos musicais que encenou, Fernando Gomes recriou, em «Metro-Cabaret», para além da história que envolve os personagens, o ambiente do cabaret, que teve o seu início nos finais do século passado em Paris e logo depois surgiu com toda a sua força em Munique, Viena e Berlim.

Tudo o espectáculo, onde predomina a caricatura e a crítica social, decorre num ambiente de magia e humor, presentes nos «sketches», ou através da mímica, na poesia, na dança e nas canções de cabaret.

Neste musical, três personagens, os «actores», sonham com um cabaret imaginário, inventam «números» e metem-se na pele dos mais variados artistas que, ao longo de hora e meia, vão surgindo, ora no palco ora por entre o público, no intuito de, segundo o autor, «estabelecer uma forte cumplicidade e um contacto directo com o público, uma das características deste tipo de espectáculo».

«Madame Greta» dirige o cabaret, que conta com um elenco formado pelo dueto «Os Trabalhadores do Metro», a cançonetista dramática «Mademoiselle Lulu» e o



Maria Vieira em «Metro-Cabaret»

terceto «Feios, Porcos e Maus», entre outros.

Um dos «sketches» terá por cenário os bastidores, sendo assim possível ao público assistir à velocidade com que os actores têm de se despir e vestir, entre dois números, transformando-se, apenas em dois minutos, num outro personagem completamente diferente.

Enquanto vão criticando o mundo que os rodeia, os actores auto-criticam-se, caricaturando o mundo de fantasia em que vivem, onde o imprevisível tem sempre lugar, a dúvida é uma constante e apenas o sonho e a loucura os incitam a seguir em frente.

«Metro-Cabaret» tem música original de Zé Carrapa (que já anteriormente compusera para «Dracula Júnior»), telões de Zé Pedro, guarda-roupa de Fernando Gomes e fotografias de José Pedro Gomes. A interpretação está a cargo de Maria Vieira, Adriano Luz e do próprio autor do espectáculo, Fernando Gomes.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

FORÇA DELTA

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

QUE SORTE DANADA

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O QUARTO PROTOCOLO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club

JAMES BOND 007 —

RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

JAMES BOND 007 —

RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

O SEGREDO DO MEU SU-

CESSO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

O NAVIO

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

FULL METAL JACKET

(NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

QUE SORTE DANADA

(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

LA BAMBA

(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

ENCERRADO

Berna

— T. 776098

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitolio

— T. 372358

DEBOCHE TOTAL

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

CLUBE DA MEIA-NOITE

— VAMP
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

QUADROS VIVOS

(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O PEQUENO CRIME

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

VOANDO SOBRE UM

NINHO DE CUCOS
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O INDOMÁVEL REBELDE
(n/acons. m. 16 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Annua

ARMA MORTÍFERA

(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

JOVENS, BELAS E

LOUCAS
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

É DIFÍCIL DIZER ADEUS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

O PREDADOR

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O INVENCÍVEL

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.30 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

SUPERMAN III

(n/acons. m. 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

LA BAMBA

(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

A COSTA DO MOSQUITO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O SEGREDO DO MEU

SUCESSO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

O INVENCÍVEL

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

JAMES BOND 007 —

RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PREDADOR

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

LAWRECE DA ARÁBIA

(maiores 10 anos)
14.30, 18.00 e 21.15 h

Las Vegas

— T. 631162

O PREDADOR

(maiores 6 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

OS DIAS DA RÁDIO

(maiores 6 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

OS DIAS DA RÁDIO

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET —

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

OSM AVENTUREIROS

DO FIM DO MUNDO
(maiores 6 anos)
23.45 h

Sala 4

O SACRIFICIO

(maiores 12 anos)
15.00, 18.45 e 21.30 h
O SOLDADO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Roma

T. 889192

MANOBRAS PRIVADAS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

MANOBRAS PERIGOSAS

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

OS INTOCAVEIS

(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

Sala 2

FULL METAL JACKET

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

JAMES BOND 007 —

RISCO IMEDIATO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

FULL METAL JACKET

(NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 24.00 h

Star

— T. 804210

CLUBE DA MEIA-NOITE

— VAMP
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

FULL METAL JACKET

(NASCIDO PARA MATAR)
(maiores 16 anos)
13.15, 17.19, 21.30 e 23.45 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro

— «O Vingador Solitário», às 21.30 h (maiores 16 anos).

AMADORA — Cinestúdio

— «Os Dias da Rádio», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

AMADORA — Babilónia

— «La Bamba», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Tea-

tro Chaby — «Os três Mun-

do de Momo», às 21.30 h

CACEM — Cinestúdio Flo-

res — «Encerrado para des-

sação do pessoal»

MEM MARTINS — Estú-

dio Dois Eme — «Três Ami-

gos», às 21.30 h (maiores 6

anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «007 — Piratas», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

ALGÉS — Cinema 2000

— «Força Delta», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cine-

tropical — «Platoon», às 15.30, 21.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «Histórias de um Quotidiano», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «Jake Speed, o

Vingador», às 15.30, 19.00,

21.45 e 24.00 h

CARCAVELOS — Atlânti-

da Cine — «007 — Risco

Imediato », às 15.30 e

21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar

— Sala 1 — «007 — Risco

Imediato», às 15.15, 18.45 e

21.30 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «O Regresso dos

Mortos Vivos», às 15.30,

19.00 e 21.45 (maiores 18

anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia

— «Tempo de Guerra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

ALMADA — Cinestúdio Al-

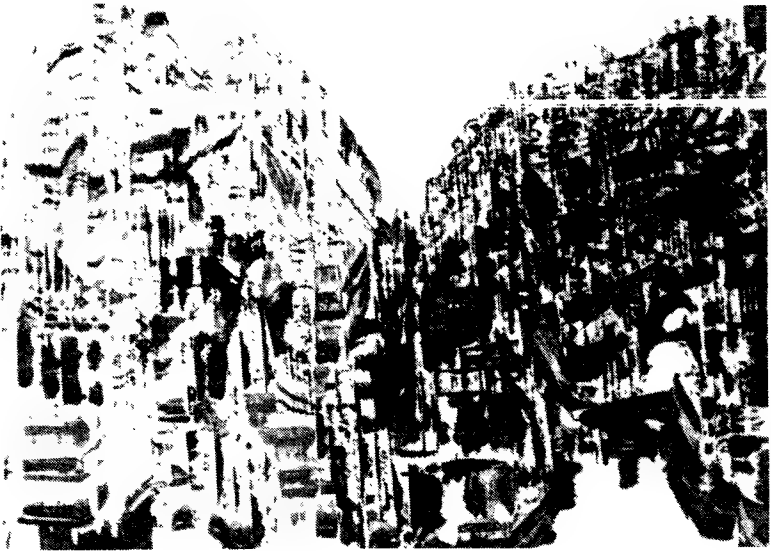
FRANCISCO GAIA NO PÁTEO

Para inauguração de mais uma temporada de exposições, o Páteo Alfacinha tem patente na sua Galeria de Arte, até ao próximo dia 29, uma mostra de Pintura de Francisco Gaia, que ainda no passado mês de Setembro integrou a Bienal da Madeira-Marca-87.

Este pintor - recorde-se - viveu dez anos na Holanda, onde frequentou a Academia de Pintura Moderna e manteve frequentes contactos com os melhores artistas holandeses contemporâneos. Está representado em mais de 400 colecções particulares, quer em Portugal quer no estrangeiro, nomeadamente nos EUA, Alemanha, França, Bélgica, Espanha,

Chile, Panamá, Peru, Itália, Brasil, Paquistão e Canadá, e também nos museus de Grão Vasco (Viseu) e Maria da Fontinha (Castro de Aire), na colecção particular da Marconi (Lisboa) e nas Câmaras Municipais do Cartaxo (sua terra natal), Sines, Évora, e no Governo Civil de Santarém. Em Portugal, integrou a exposição colectiva do Salão de Outono, no Casino Estoril (1986), tendo exposto em inúmeras galerias do país.

Agora, no Páteo Alfacinha, que este ano promete para a sua galeria de arte uma actividade tão intensa quanto diversificada, os trabalhos de Francisco Gaia pode ser procurados entre as 15 e as 22 horas.



EXPOSIÇÕES

GALERIA BERTRAND DO CHIADO: exposição de Pintura de Marcos Duprat.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): pintura de Luís Aniceto, até final de Novembro, todos os dias das 15 às 22.

ARTEX GALERIA DE ARTE (R. Nova do Almada, 87): pintura (trabalhos recentes) de José Augusto até 12 de Novembro, de segunda a sexta das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13. Natural de Portimão, José Augusto participou em actividades associativas na Coop. «Gravura» e Sociedade Nacional de Belas-Artes; o seu curriculum apresenta presenças em numerosas bienais internacionais e exposições colectivas.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): desenho e pintura de Manuel João Vieira até 8 de Novembro, de terça a sexta das 16 às 20, sábados e domingos das 16 às 19. Simultaneamente (na sala branca do 1º andar), uma exposição de trabalhos gráficos em litografia, linóleo e guache de Chris Gillis, no mesmo horário.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA (R. das Janelas Verdes): até 25 de Outubro, «Deserto III» de Pedro Morais.

COOPERATIVA DE GRAVADORES PORTUGUESES (Tv. do Sequeiro, 4): até 15 de Novembro, desenhos de António Carmo sobre o tema «Poesia e Trabalho»

GALERIA DE COLARES: inauguração deste novo espaço (R. Fria 2-Colares) com uma exposição de Bernardo Marques, subordinada ao título «A entrega de um Olhar». Patente até 15 de Novembro, de sexta a domingo das 15 às 20.

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas, 9-1º): escultura de Nelson Cardoso, subordinada ao tema «Gatos». Até 4 de Novembro, de terça a sexta das 17 às 20, sábados das 15 às 20.

GALERIA JN (R. de Gonçalo Cristovão, 195-Porto): escultura e desenho de Gustavo Barros, de terça

a sábado das 14,30 às 19,30.

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO (Lisboa): até 30 de Outubro, exposição e pintura de Júlio, um jovem morador da freguesia. Patente aos sábados das 13 às 18 e terças e sextas das 20 às 22.

MÓDULO - Centro Difusor de Arte (Av. da Boavista no Porto e Av. António Augusto de Aguiar em Lisboa): exposição «Situação III», em simultâneo nas duas cidades, sub-intitulada «Demogórgon», que reúne trabalhos dos pintores António Marques, Carlos Augusto Ribeiro, Gil Heitor Cortesão, João Jacinto, Marta Wengorovius, Patrícia Garrido, Pedro Casqueiro e Pedro Portugal. As exposições de Lisboa e do Porto estarão patentes até 10 de Novembro, todos os dias das 16 às 20, excepto domingos e feriados.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO: até 31 de Outubro, uma exposição sobre a vida e obra de Manuel Cabanas. No âmbito desta exposição será editado um catálogo com a biografia desta figura prestigiada. Manuel Cabanas, um artista residente no Barreiro há várias décadas, foi já agraciado com a mais alta condecoração do município, a Medalha «Barreiro Reconhecido» na área de Artes e Letras, em 1983.

GALERIA DO PÁTEO ALFACINHA: inauguração da nova temporada desta Galeria de Arte, agora orientada pelo dr. Silva Santos, com uma mostra de Pintura de Francisco Gaia. Patente até 29 de Outubro, das 15 às 22.

MUSEU DA MARINHA (sala de exposições temporárias): exposição fotográfica «Do Atlântico ao Pacífico», da autoria do publicista Vasco Calixto.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 27 de Outubro, uma exposição de Thomaz de Mello/Tom, intitulada «De Luanda ao Cais do Sodré com paragem na Bahia». Patente todos os dias das 15 às 24.

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): exposição «A Galeria Nasoni na

Altamira» com obras de Albuquerque Mendes, Armando Alves, Arpad Szenes, Darocha, Domingos Pinho, Gerardo Burmester, Joaquim Rodrigo, Jorge Pinheiro, José de Guimarães, Júlio Resende, Maria José Aguiar, Mário Américo, Pedro Tudela, Rui Aguiar e Vieira da Silva. Até 11 de Novembro, de segunda a sábado das 10 às 19.

TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): Pintura de Jorge Freire até 5 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA QUADRU (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): escultura de Luís Newparth até 7 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA DE ARTE A GRADE (Aveiro): pintura de Teraio até 23 de Outubro, das 10 às 12,30 e das 14,30 às 19.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): até 8 de Novembro, a exposição «A Heráldica nas Artes Decorativas Portuguesas», patente das 9 às 19.

OBIDOS (solar da Praça de Santa Maria): exposição sobre Pintura em Porcelana, até 27 de Outubro das 10 às 13 e das 14 às 18.

GALERIA VIRAGEM (Av. Marechal Carmona-Cascais): 1ª Exposição Viragem de Desenho e Gravura, patente todos os dias das 15 às 19. Artistas representados: Albertina Sousa, Ana Galvão, Ana Parreira, Carlos Amado, Ema Berta, Fernando Cruz, Graça Antunes, Ilda Reis, Isabel Pena, João Samina, Jorge marcel, José Júlio, José Paulo Ferro, Luisa Nogueira, Lurdes Leite, Maria gabriel, Maria Irene Ribeiro, Matilde Marçal e Teresa Black.

GALERIA MONUMENTAL: até 20 de Outubro, a exposição de Geraldine Zwanikken, «A Tenda», com pinturas, objectos, colagens, instalação, vídeo, performances, diaporama.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL (Porto): exposição bibliográfica «Os Almadas», até 31 de Outubro.

GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 5 de Novembro, exposição

com obras dos cinco artistas escolhidos para participarem na 19ª Bienal de S. Paulo no Brasil: Joaquim Bravo, Pedro calapez e Teresa Magalhães (pintura) e José Pedro Croft e Rui Sanches (escultura). De terça a sábado das 15 às 19.

TEATRO MIRITÁ CASIMIRO (Estoril): por iniciativa da Câmara Municipal de Cascais, a exposição «Oeiras por 5000 Anos» - uma mostra fotográfica sobre as várias campanhas de escavações já realizadas. Dado o carácter essencialmente didático desta mostra, vocacionada para as escolas, o gabinete de Arqueologia da Câmara de Cascais aceita marcações de visitas.

GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Costa de Caparica): duas exposições até 31 de Outubro: uma colectiva de pintura, escultura, cerâmica, tapeçaria, colagem e serigrafia com trabalhos de Louro Artur, Cargaleiro, Ana Palacin, Artur Bual, Francisco Almada, Francisco Simões, Jorge Pé-Curto, Maria Viana, Rico Sequeira, Ribeiro Farinha, Hogan, António Carmo, José Azevedo, Rogério Amaral, Álvaro Perdigão, Kira, Agostinho Nogueira Lopes, Rui Matos, Francisco Nunes Oliveira, Katy e José Guimarães; uma exposição individual (pintura) de Rui Viana. Estas mostras podem ser visitadas às sextas, sábados e domingos das 15 às 22 horas.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): até 31 de Outubro, de terça a sábado das 14 às 20, uma exposição de esculturas (ardósias de Valongo) da autoria de Luís Cruz.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): pintura de Carlos Carreiro, Lima de Freitas, Noronha da Costa e Rogério Amaral. Até 2 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 18.

GALERIA MUNICIPAL DO MONTIJO: Exposição II Prémio de Artes Visuais da Cidade do Montijo. Até 25 de Outubro, de terça a domingo das 15 às 21 horas.

GALERIA FONTE NOVA (Centro Comercial da Est. de Benfica, 503): pintura de Kira até ao dia 22, diariamente das 10 às 24.

GALERIA DE ARTE ARCADEA (Parque do Estoril): exposição de Helena Lousinha - grafite sobre papel. De terça a domingo das 11 às 20.

BRAGANÇA (Museu do Abade de Baçal): exposição de gravuras da Colecção Calouste Gulbenkian, patente até 15 de Novembro.

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande, 83): exposição sobre o matemático e poeta José Anastácio da Cunha (1744-1787), no bicentenário da sua morte, organizada pela Biblioteca Nacional e pela Comissão de Lisboa de Homenagem. Patente de segunda a sexta das 10 às 17, até 13 de Novembro.

GALERIA IAM (R. da Misericórdia, 92-1º): pintura de Tilda Thamar até 23 de Outubro, das 10 às 13 e das 15 às 19.

ANIKIBOBÓ (R. da Fonte Taurina, 36-à Ribeira/Porto): a Galeria Monumental apresenta a exposição colectiva que esteve patente na Marca-Madeira-87.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO (R. da Voz do Operário, 13): colectiva de A. Folgado, A. Castilho, Pedro Monteiro e José Mouga (desenho e pintura), até 30 de Outubro das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA HOLLY (Largo da Trindade, 17): até 31 de Outubro, exposição de desenhos «Homenagem de João Cutileiro a Isac Holly». Patente às segundas-feiras das 15 às 19,30, de terça a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

TEATRO

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS: às 18 horas, no âmbito da I Mostra Portuguesa de Artes e Ideias, o Teatro Experimental e de Animação Infantil apresenta «A Marioneta», com coordenação de Fernando Saraiva, interpretação de Fernando Saraiva e José Manuel Silva.

ESPECTACULAR

E RA o número zero de um novo concurso da televisão. Para exemplificar o funcionamento, foram convidados três artistas: Henrique Viana, Oscar Acúrcio e Maria Vieira. Foi uma sessão bem disposta. Mas, na sua simplicidade, houve dois momentos que exemplificam dois tipos de humor. Perguntaram a Henrique Viana como ia o teatro em Portugal. Respondeu que ia bem: todos os actores com trabalho, o público a correr em massa às bilheteiras, os empresários prósperos... Perguntaram, no âmbito do concurso, a Oscar quem ganhara determinada automobilice. Hesitação. O apresentador ajuda: — Vá, foi o Alain... E o Oscar Acúrcio: — O Alain seja contigo... No primeiro caso, temos um modelo de ironia, ou seja, o artifício inteligente que leva a concluir de maneira diferente do que se diz a partir da maneira como se diz. No segundo, temos um modelo da graça imaginativa, capaz de, pelo insólito, despertar uma gargalhada que não desintoxica — mas alivia a pressão. Cada qual com a sua utilidade.

José Mirandum

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AREIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); BOA-HORA: Sepol, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); CAMPO DE OURIQUE: Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); CASTELO: Silva, C. de Santo André, 16 (T. 862074); CHILE: Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); ENTRE SETE RIOS E 2.ª CIRCULAR: Da Luz, E. da Luz, 124-A (T. 723179); FEIRA POPULAR: Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); GRACA: Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); LUMIAR: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); MARQUÊS DE POMBAL: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); RATO: Cunha, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); BRANDO - AMADORA: Tavares de Matos, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); CARNAXIDE: H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); PONTINHA: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALCANTARA: Proibidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); BAIXA: Simões Pires, R. da Prata, 115 (T. 362350); BENFICA: União, E. de Benfca, 592-594 (T. 700092); CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); CAMPO DE OURIQUE: Lobel, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); OLIVAIS SUL: Marta, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); PICHELEIRA: Marluz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); SALDANHA: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); SAPADORES - PAIVA COUCEIRO: Europa, Av. General Roçadas, 27-A-B (T. 843880); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTOS: Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); PRIOR VELHO: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMA-DA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; COVA DA PIEDADE: Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; MONTE DE CAPARICA: Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; LARANJEIRO: Baptista Marques, R. da Boa-Vontade, 17-B (T. 2298572). Até às 22 horas; SESINBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; LAVRADIO: J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; BARREIRO: Higiénica, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; CORROIOS: Lino,

Alfarim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; AMORA: Nova Amorense, E. Nacional, bloco A, loja A (T. 2216824). Até às 22 horas; ALDEIA DE PAIO PIRES: Central, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; MONTIJO: União Mutualista, R. Almirante Reis, 92 (T. 2310035). Até às 22 horas; MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; ALCOCHE-TE: Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; SETUBAL: Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; Bairros, R. Rodrigues F. Costa, 27 (T. 23330). Permanente; Higiénica, R. Frei Agostinho da Cruz, 51 (T. 22408). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; LINDA-VELHA: Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; ALCABIDE-CHE: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). ATÉ ÀS 00 HORAS; PORTO SALVO: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; PAÇO DE ARCOS: Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; OEIRAS: Oeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; CARCAVELOS: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; PAREDE: Aisir, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; SASSOEIROS: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; CASCAIS: Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Solla, loja D, lote 65 (T. 900724). Permanente; Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Até às 22 horas; Soares Correia, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Até às 22 horas; DAMAIA: Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; QUELUZ: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Permanente; CAMARATE: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; CACÉM: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; MERCEDES: Claro Russo, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RINCHOA: Dumas Brousse, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088).

TEATROS

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«TOMA LÁ REVISTA», de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«CRIADA PARA TODO O SERVIÇO», de Barillet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64. Telef. 875610. De 3.ª a sáb., às 21.30. Dom. às 16

KARTOTEKA, de Tadeusz Rozewicz, pelo Contra Regra. Enc. de Antonino Solmer. Música de Carlos Zingaro.

Sala Povo Portuense

R. de Camões, 578. Telef. 28344. De 3.ª a dom. às 21.45.

TIO VÂNIA, de Anton Tchkov, pelo Seiva Enc. de Fernando Umaña

Teatro Sa da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108. Telef. 22550. D 2.ª a dom. às 21.30. Sáb. às 20.30 e 23. Dom. às 16 e 21.30.

AQUI HÁ FANTASMAS, de Henrique Santana. Direcção de João Quintão.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«OS DOIS CORCUNDAS E A LUA», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Teatro Ginásio

R. Nova da Trindade, 5 — Tel. 32 03 96

De terça a domingo, às 21.00

«CALDERÓN», de Pier Paolo Pasolini. Tradução: Mário Feliciano e António Barahona. Encenação: Mário Feliciano. Cenários: José João Freitas. Figurinos: José Gonçalves. Interpretação: António Fonseca, Bibi Perestrelo, Cármen Santos, Fernanda Cardoso, Fernando Oliveira, João Cabral, Jorge Sequerra, Júlia Correia, Luísa Cruz, Marques d'Arede e Teresa Mónica. Últimas representações.

Teatro dos Modestos

Rua Gonçalo Cristóvão, 190. telef. 20412. Dias 1.2 e 3 às 21.30. Dia 4 às 18.

A NOITE DA SENHORA LUCIANA, de Copi, por Os Comediantes. Enc. de Fernanda Lapa.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 11.00

«CHARCUTERIE FINE», de François-Louis Tilly. Tradução de Luíza Neto Jorge. Direcção de Jean-Pierre Tallhade. Interpretação de José Carvalho, Fernanda Neves, Luís Castro, Cremilda Gil e F. Pedro Oliveira.

Sede da Caixa de Póvoa

R. N.ª Sr.ª de Fátima

«O MARINHEIRO», de Fernando Pessoa. Encenação: Fernando Costa. Intérpretes: Odete Correia, Rosário Rocha e La Salette Alvaro.

TEATRO ABERTO

P. Espanha, Metro Palhavã — Tel. 770969

De 4.ª a sáb., às 21.30; sábado e domingo, às 16.00

«A DAMA DO MAXIM'S», de George Feydeau. Versão de Luís Francisco Rebelo. Vera San Payo de Lemos e João Lourenço. Música de Eduardo Paes Mamede. Fig. de Vera Castro. Cen. de Nuno Carinhas. Enc. de João Lourenço.

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30. sáb. e dom. às 16.

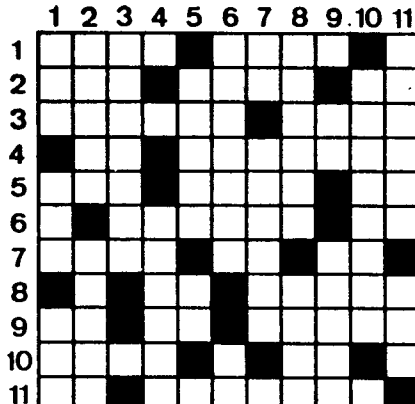
GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez, Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 17 164

HORIZONTAIS:

- Lago de Itália. Habita. Artigo definido.
- Palhaça dos índios tupis. Dança popular portuguesa. Vossa Santidade.
- Assassinais. Grandes.
- Rádio (s.q.). Mirasse.
- Concedes. As regiões superiores da atmosfera. Isolado.
- Adicionara. Carta de jogar.
- Íças. Pronome pessoal. O mais.
- Porco. Pessoas muito estúpidas.
- Rado (s.q.). Reis. Poente.
- Brada. Sufixo que designa estado.
- Seguia. Extrairas.



VERTICAIS:

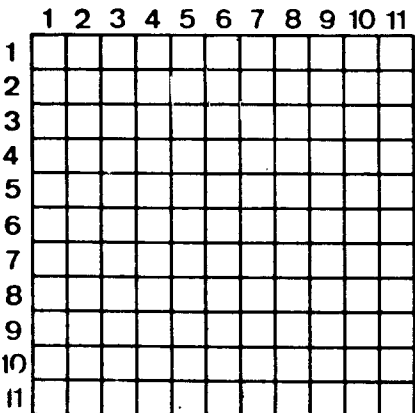
- Preposição. Doutora. Monarca.
- Escavara. Arroja.
- Seda, antes de fida.
- Moluscos comestíveis, criados em viveiros.
- Existem. Artigo definido.
- Passam revista a. Duzentos em romano.
- Iridio (s.q.). Sossegado.
- Ficara vago. Serra de Portugal.
- Reis. Formara as abas a.
- Súbditos.
- Endurecidos. Isoados.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele-inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15 989

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho e distrito de Viseu.
- Lança fogo a. Desmoronava.
- Pessoa que tem o mesmo nome que outra. Nome de letra. Batráquio.
- Romancista português autor de «Os Maias». Batam.
- Punhado. Pátria.
- Distar. Guarnecidos de asas. Moderato.
- Chefe etíope. Cercas.
- Afiaram. Batráquio.
- Zomba. Antes de Cristo.
- Condado da Irlanda. Povoação do concelho de Condeixa.
- Perseguiremos.



VERTICAIS:

- Estado da Índia, ao Norte de Pendja. Aqui.
- Acometeram. Antes de Cristo.
- Uma das estações do ano. Tragó.
- Ena! Ligas.
- Batráquio. Queima. Nosso Senhor.
- Rio de Itália. Ilha do Pequeno Belt.
- Cidade do Peru. Bromo (s.q.).
- Európio (s.q.). Caruma.
- Nota musical. Artigo definido (ant). Um cento.
- Vila e sede de concelho (Viseu). Medida japonesa igual a dois decilitro.
- Pega. Coraras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 163

HORIZONTAIS:

- É. A. MORTE. A.
- Cáfila. Rove.
- Uras. Ivone.
- Lira. Cão.
- Rã. Landa.
- Cá. Ruariam.
- Urraca. Ando.
- Nial. Ca. Aer.
- Iama. Um.10 Ciar. Moçada.
- Ralaram.

VERTICAIS:

- Écula. ÚNICA.
- Ari. Criar.
- Afar. Aramar.
- Isar. Alara.
- Mi. Arc.
- Oaio. Uacumã.
- Vala. Amor.
- Trocará. Ca.
- Eon. Ninara.
- VERDADE.
- Ae. Amornar.

PROVÉRBIO: É a morte a única verdade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 988

HORIZONTAIS:

- Rogui. Robás.
- Opaco. Irada.
- Ditas. Xarau.
- Após. Ad.
- Na. Sacolas.
- Ordem. Ri. Ut
- Oó. Informa.
- Ps. Azo. Eia!
- Crateras.
- Paredes. TSF.
- Acames. Coei.

VERTICAIS:

- Ródano. Pipa.
- Opíparos. AC.
- Gato. Dó. Crá.
- Ucasce. Arem.
- Ios. Amizade.
- Ac. Notes.
- Rixdorf. És.
- Oa. Lio.
- Barca. Reato.
- Ada. Sumisse.
- Saul. Taã. Fi.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estádio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.30: Compositores portugueses do nosso século; 16.30: Álbum musical; 17.00: Música; 17.25: Concerto de câmara; 18.40: Obras corais do nosso século, de Herbert Howells e Kodaly; 19.00: Integrais; 19.32: Música, de bailado; 20.40: Obras, com clarinete, de Rossini e Stravinsky; 21.00: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; 21.25: Concerto; 22.00: As palavras dos músicos; 22.30: Canções, de Veracini, Respighi, Camevali e Strauss; 22.45: Intercâmbio musical; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

RTP

17.36 - Sumário

17.40 - Brinca Brincando

«Troca Tintas» e «Fábulas da Floresta Verde»

18.20 - A Mão e o Homem em Projecto

1º Episódio: Programa em que se tentará referir vários aspectos do homem como ser espiritualmente destacado, sobretudo através de uma série de registos que o dizem: registos gráficos, parietais (e outros) na pré-história, nas culturas primitivas e nas civilizações antigas.

18.55 - O Império Carson

7º Episódio: Depois do funeral de Bill, e apesar da oposição de Godfrey, Jennifer decide continuar sózinha com o caso Royston, e consegue que Arthur a apoie.

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - Boletim Meteorológico

20.08 - Direito de Antena

«P.S.D.»

20.30 - Roque Santeiro

7º Episódio: No dia da inauguração da boite, alguém boicota a instalação eléctrica e provoca o pânico entre os clientes. Perto da meia-noite Mocinha e Pombinha recebem a visita de Astromar que lhes pede que guardem, sigilosamente, um alicate, garantindo que fez o que devia. Elas perceberam que têm nele um aliado e apoiam-no incondicionalmente. Malta pede a Porcina que tenha uma conversa com Tânia pois teme as atitudes da filha. O Prefeito manda suspender o alvará da boite. Porcina dirige-se a casa de Malta para falar com Tânia, mas esta não está. Encontra-se na delegacia pedindo esclarecimentos sobre a morte da mãe.

21.30 - Programação da Direcção de Informação

22.35 - Acção em Miami

1º Episódio: Sonny Crockett é um agente especial do Departamento contra a corrupção da Polícia de Miami. Crockett vive num iate com um crocodilo e, oficialmente, os seus rendimentos provêm de alugar o barco para viagens turísticas. Apesar de ter começado a vida cheio de idealismos, a sua carreira de profissional de futebol americano foi interrompida por um acidente no Vietname. Mas Crockett adapta-se bem à polícia secreta e o seu espírito lutador aliado a um grande sentido de humor ajudam-no nas dificuldades que enfrenta permanentemente ao combater o crime e, também na sua vida familiar.

23.35 - 24 Horas

00.10 - Remate



15.35 - Quando as Mulheres Triunfam



No 1º canal às 22.35, o 1º episódio da série «Acção em Miami»



«Hitchcock Apresenta...», no 2º canal às 19.55

2º Episódio: Vicky, embora um pouco contrariada, aceita a sugestão de Diana para desempenhar o lugar de governanta em casa de Edward Cane e de sua irmã, e começa a ficar intrigada com alguns factos. Convencida de que Edward assassinara a mulher, acaba por ir falar com a polícia. Mas a irmã de Edward está preparada para a enfrentar...

16.30 - Trinta Minutos Com...

17.00 - Countdown

18.00 - Ponto por Ponto

19.00 - Simon Show

19.55 - Hitchcock Apresenta...

99º Episódio: Carl Borden sente-se muito mal disposto, desmaia e o médico não hesita em afirmar que alguém o tentara envenenar com arsénico. Carl fica ofendido pelo facto de o médico estar a insinuar que a mulher tentara assassiná-lo e diz-lhe que o mata se ele voltar a tocar no assunto. Mas estará, de facto, a mulher interessada em ver-se livre dele?

Realização: John Meredith Lucas

20.20 - Os Malucos do Circo

13º episódio

20.55 - Montra de Livros

21.00 - Jornal das Nove

21.35 - Cinemadois

«Vem e Vê»: Bielorrússia, 1943. O jovem Flera oferece-se como voluntário para combater o invasor nazi, apesar da resistência de sua mãe.

Numa aldeia da região, Flera acaba por presenciar as mais brutais formas de agressão levadas a cabo pelas tropas alemãs, culminando com o assassinio de todos os habitantes...

Um filme de Elem Klimov com Alexei Kravchenko, Olga Mironova, Lubomiras Lauciavicius, Vladas Bagdonas e Viktor Lorents.

AMANHÃ

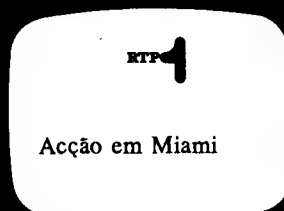
RTP-1

10.00 - As Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.31 - Sumário
17.35 - Brinca Brincando
18.20 - Ciência-Invenção do Futuro
18.50 - O Império Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.00 - Vamos Jogar no Totobola
21.15 - Lotação Esgotada
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP-2

13.16 - Os Imigrantes
14.00 - Agora, Escolha!
15.00 - Música E...
17.00 - Countdown
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Show
19.45 - Alamanaque
20.00 - Hitchcock Apresenta
20.30 - Os Malucos do Circo
20.55 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Fantasia e Realidade
22.00 - Clube de Imprensa
22.45 - Crime Organizado nos EUA

GRUNDIG seleccionou para si...

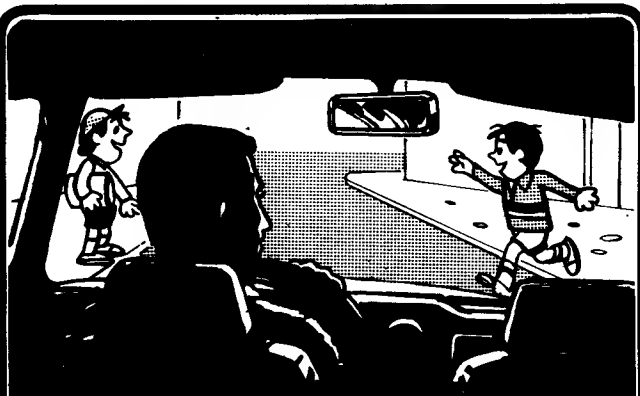


GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telex 4197570



«O Império de Carson»



AOS CONDUTORES



"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

As taxas de juro sobre títulos de Tesouro a três e a seis meses, nos Estados Unidos, caíram esta manhã para os níveis mais baixos desde há duas semanas. No decurso da adjudicação de hoje, o Departamento das Finanças vendeu por 6.4 milhões de dólares títulos a três meses a uma taxa de 6.84 por cento, contra 6.96 por cento na semana passada, e por 6.4 milhões de dólares títulos a seis meses a uma taxa de 7.21 por cento contra 7.34 por cento a semana passada. Estas taxas são as mais baixas desde o passado dia 5.



Pensões de invalidez

Juntas médicas vão passar a depender da Segurança Social

O sistema de juntas médicas para a concessão de pensões de invalidez passará, a partir de 1 de Dezembro próximo, a depender directamente da Secretaria de Estado da Segurança Social. Com tal medida, a anunciar amanhã à tarde em Manteigas, a SESS visará encurtar o período de demora na concessão dessas pensões aos utentes.

Luís Filipe Madeira deverá ainda adiantar que, também a partir daquela data, uma comissão de verificação de incapacidades permanentes e um médico relator funcionarão nos próprios Centros Regionais de Segurança Social espalhados pelas dezoito capitais distritais, eventualmente para confirmarem a aplicação e validade de tais situações.

Outras medidas serão anunciadas pelo titular da SESS num encontro de descentralização com todos os presidentes dos CRSS e directores dos órgãos centrais de Segurança Social, nomeadamente a redução no atraso da concessão das pensões de sobrevivência e as relações e participações para com as instituições particulares de solidariedade social.

Ao despenharem-se do 13.º andar do Hotel Vila Magna

Dois irmãos gémeos escoceses encontraram a morte em Albufeira

Dois irmãos gémeos, de 25 anos, que tudo indica serem de nacionalidade escocesa, morreram no passado domingo à tarde ao despenharem-se do 13.º andar do Aparthotel Vila Magna em Montechoro, Albufeira, tudo apontando, segundo a GNR, para um estranho caso de suicídio.

Os dois jovens, que não tinham em seu poder qualquer documento de identificação, estavam hospedados há alguns dias numa casa particular daquela cidade algarvia.

«Foi um miúdo que estava próximo do local que nos veio avisar que tinha visto duas pessoas cair do último andar do edifício para uma placa de cimento ao nível do terceiro piso», disse um funcionário do hotel que referiu ter a queda ocorrido «a partir das escadas de incêndio».

As autoridades policiais, que já contactaram com o consulado da Grã-Bretanha em Faro, aguardam para amanhã a chegada a Albufeira dos pais dos dois jovens, de forma a poder ser confirmada a sua identificação que só nessa altura será tornada pública, ao que afirmou ao «DL» um portavoz da GNR.

Clandestinos

Governo lança campanha de esclarecimento público

Uma campanha de esclarecimento público sobre a construção clandestina será levada a cabo brevemente, e para tal foi constituída uma comissão, por despacho conjunto dos ministros do plano e da Administração do Território e das Obras Públicas e Transportes, para a coordenar.

Entre as iniciativas previstas, destaque para um inquérito à construção clandestina, já a decorrer, junto de todas as Câmaras Municipais do País, e que tem o apoio da Associação Nacional de Municípios Portugueses.

São objectivos do Governo o levantamento de clandestinos em toda a extensão nacional, o que se crê irá permitir uma mais eficaz definição das linhas políticas governamentais quanto ao combate à construção ilegal.

D/E/C/A/R/A/S/



COSTA BRÁS tem exercido com empenho e apuro o cargo de Alto Comissário Contra a Corrupção. A existência da Alta Autoridade Contra a Corrupção tem quem lhe negue a necessidade no quadro institucional. Ao Ministério Público, à Polícia Judiciária, aos juizes de Instrução Criminal cabem as competências dos serviços dirigidos pelo coronel Costa Brás, segundo alguns. O assunto foi novamente agitado pelas referências que, na sua entrevista ao programa «Primeira Página», o Primeiro-Ministro entendeu fazer à Alta Autoridade Contra a Corrupção. O problema põe-se em termos claros: a Alta Autoridade pode deixar de existir, a corrupção continua.

ANAMAR, uma portuguesa de 27 anos com formação artística incluindo ballet clássico e sapateado, acaba de editar o seu primeiro álbum, intitulado «Almanave». Prémio de Actriz Revelação 1985 atribuído pela Associação de Críticos de Teatro de Portugal, Anamar participou em diversos filmes. «Almanave» inclui quatro originais da cantora («Céu da Gente», «Homem», «Animal» e «Tudo Dar») e ainda versões de «Canção do Mar», de Frederico de Brito.

Ferrer Trindade, «Sabe-se Lá», da autoria de Silva Tavares e Frederico Valério, «Ana Ai Maria», um poema de Fernando Pessoa e «Maçadeiras», um tema popular.

VÍTOR CONSTANCIO, na sua qualidade de presidente da União dos Partidos Socialistas e Social-Democratas da Comunidade Europeia (UPSCE), promove, sexta-feira, uma cimeira dos líderes dos partidos que pertencem à União, informou o PS. Durante a reunião, que se realiza em Paris, os líderes dos partidos membros da UPSCE vão analisar a actual situação da CEE, nomeadamente o problema orçamental, e perspectivar a próxima cimeira comunitária, prevista para Copenhaga.

ALBERTO JOÃO JARDIM seguiu ontem para Estrasburgo onde, no Conselho da Europa, integra a representação portuguesa à reunião da Conferência dos Poderes Locais e Regionais. Portugal possui sete mandatos na Conferência, titulados pelos dois presidentes dos Governos Regionais e por cinco presidentes de Câmaras Municipais do continente, eleitos pelo PSD, PS e CDS. Durante a sessão desta semana os participantes debaterão e votarão diversos temas.

mo a campanha europeia pelo mundo rural, a poluição dos solos e a carta europeia das línguas regionais ou minoritárias.

MARGUERITE YOURCENAR foi ontem agraciada com o Grande Prémio Escritor Europeu do Ano, durante o Festival Europeu de Escritores. O júri, composto por 15 críticos literários e 15 editores, escolheu Yourcenar, de 84 anos, entre três outros escritores finalistas: o checo Milan Kundera, o austríaco Thomas Bernhard e o italiano Leonardo Sciascia. A escritora receberá como prémio uma obra de arte simbólica.

OLIVEIRA MARTINS, ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, acompanhado dos secretários de Estado dos Transportes Externos e Comunicações e do Comércio Externo, chegou ontem a Genebra para participar na cerimónia inaugural da «Telecom/87». Oliveira Martins inaugura hoje o único stand português presente na Telecom, onde estão representadas as empresas Centrel, EID e Automática Eléctrica Portuguesa. A «Telecom/87» tem como objectivo divulgar as novas tecnologias no sector das telecomunicações.

Decisão camarária

Gertrude também vai para o Rato

O Largo do Rato e a Travesa de Santa Quitéria serão dentro em breve sinalizados por meio de semáforos, segundo decisão unânime tomada ontem em reunião pelos vereadores da Câmara Municipal de Lisboa, que adjudicará aquela empreitada de execução. Com o fim de integrar a área na zona do Marquês de Pombal, que já se encontra controlada pelo sistema computadorizado Gertrude.

«E uma decisão que surge na sequência da própria remodelação viária do Rato, prevendo o alargamento do sistema Gertrude», adiantou uma fonte do município, no final desta manhã, ao «DL». Segundo passo para esta operação será a expansão dos semáforos coordenados pelo computador Gertrude ao Saldanha, e com essa finalidade também na reunião camarária de ontem ficou aprovado o fornecimento de equipamento apropriado para a sua instalação futura.

Acordada igualmente por unanimidade a adjudicação da empreitada de conservação de equipamentos de controlo automático de tráfego em Lisboa, no valor de 100 mil contos, com o propósito de assegurar a manutenção em funcionamento de toda a sinalização semafórica da cidade.

O «pleno» dos novos semáforos do Rato só será realidade daqui a alguns meses, quando as obras em curso no Largo tiverem o seu fim.

Costa Lobo convidado a falar no Dia da ONU

O embaixador António Costa Lobo, representante permanente de Portugal junto das Nações Unidas, em Genebra, será um dos oradores da sessão solene comemorativa do Dia das Nações Unidas, que terá lugar no Palácio das Nações, naquela cidade suíça.

Costa Lobo foi convidado a usar da palavra pelo director-geral da ONU em Genebra, Jan Martensen.

O tema da intervenção de Costa Lobo será, refere um despacho da Lusa, «As Nações Unidas - solidariedade e pragmatismo».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Verrugas

Chaké Matossian

«Todos os grandes defeitos se escondem facilmente nos pequenos desenhos, enquanto nos grandes mesmo os pequenos defeitos se vêem muito bem.»

Alberti

QUE pretende o pintor mostrar, quando se entrega a fazer surgir, na tele/pele do retrato, o pequeno defeito particularmente enigmático e significativo que a verruga é? De Van Eyck a Chuck Close e a Duane Michaels, alinham-se uma série de retratos onde germina o princípio de uma doença, doença que, longe de se revelar preocupante do ponto de vista patológico, o é absolutamente do ponto de vista estético e ético. As verrugas, como sublinhava a *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert, «aparecem em diversas partes do corpo, mas mais normalmente na cara e nas mãos» (1), quer dizer, nas partes mais imediatamente visíveis do corpo, as que se mostram aos outros, lhes são estendidas, apresentadas na expectativa de um toque, de um beijo.

Desde logo, portanto, as verrugas estão relacionadas com o *ver*, constituindo o elemento íntimo que basta para modificar a organização dos traços do rosto, para esboçar a desfiguração do sujeito, o seu *tornar-se monstro*: «Os mutilados são os cegos, zolhos, corcundas, coxos ou que apresentam seis dedos nas mãos... ou que têm manchas, ou verrugas, ou outra coisa contranatural.» (2) Essa camada dérmica suplementar, excedentária, insignificante do ponto de vista patológico, pertence, para o próprio médico, ao domínio da estética: «não as extirpamos (às verrugas) por serem dolorosas ou perigosas, mas devido à disformidade que provocam, sobretudo quando aparecem em lugares visíveis como a face, o pescoço ou as mãos, até de mulheres belas.» (3)

Do liso e do rugoso

Se a verruga parece dizer sobretudo respeito à mulher [de resto, o *Larousse* menciona que as verrugas planas juvenis atacam especialmente as crianças e as raparigas (4)], não é porque a atinja mais que ao homem, mas porque a beleza lhe pertence de direito próprio.

Talvez por isso, os retratos de mulheres com verrugas são mais raros, e representam geralmente mulheres feias (*a Duquesa Feia*, de Matsys), excepção feita à marquesa de Sorcy Thélusson, pintada por David. A mulher é bela, o homem sublime, e a diferença que vai da primeira ao segundo é a mesma que separa o liso do rugoso: «As mulheres,

esses seres formados de belezas, terão alguma mais sedutora que a *finesse*, e, por assim dizer, o polido da pele?» (5)

Qualquer representação supõe a existência de uma superfície polida, espelho em que Narciso reverá a emergência desse Ego que não mais deixará de contemplar. (6) Inversamente, introduzir a rugosidade, o grosseiro, o saliente, significa perturbar o reflexo, deslocar o ego, provocar uma certa inquietação, o despertar do fantasma de uma pele ferida: «tocar em certas matérias, acariciar seda é acompanhado, muitas vezes, de um arrepio, sem dúvida por causa do ruído 'desagradável' que estas matérias produzem quando se lhes passa a mão».

Mas a rugosidade, por si própria, pode chegar para provocar, por empatia, a sensação de alguma coisa de rugoso ou de ferido na própria pele, enquanto acariciar objectos lisos e doces parece

ter um efeito apaziguador sobre os nervos da pele.» (7) Do liso ao rugoso, o retrato opera, ao mesmo tempo, a passagem do belo para a fronteira do sublime na medida em que, como escreve Burke, «a fealdade simpatiza bastante com a ideia do sublime» (8), ideia igualmente ligada à dor e à admiração, ao temor e à melancolia, ao rude e ao anguloso.

Assim, a mulher, em vez de se desviar do rosto «grelado por varicose, ou, como dizem os holandeses, por *wanschapenes* (como se se tratasse de algo imaginado num delírio, num sonho)», pode, pelo contrário, encontrar nelas a força da alma, quer dizer a nobreza, o carácter, que sempre transportam algum signo distintivo, algum «elemento característico» que atinge a sua potência máxima na frase: «mas pode encontrar-se esse elemento característico fora

de toda a beleza, num rosto que vale pela sua expressão.» (9)

Assim, um rosto que não é belo pode mostrar, afinal, maior beleza do que um belo rosto cuja regularidade anuncia, amiúde, uma personalidade insípida: «numa face isto ou aquilo, a testa, o nariz, o queixo, a cor dos cabelos, pode ser sujeito a crítica, mas reconhece-se ali, por vezes, um sinal mais favorável à personalidade do que se ela fosse de perfeita regularidade: porque esta, em geral, implica uma ausência de carácter.» (10).

Notas

(1) *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des Sciences, des arts et des métiers*, Neuchâtel, 1765.

(2) Ambroise PARE, *Des monstres et prodiges*, Genève, Droz, 1971.

(3) *Encyclopédie*, idem.

(4) *La Grande Encyclopédie Larousse*, Paris, 1976.

(5) E. BURKE, *Recherche philosophique sur l'origine de nos idées du sublime et du beau*, Paris, Vrin, 1973.

(6) H. BERKOVITS insiste na importância deste primeiro rosto liso, rosto-espelho que os seus pacientes, de rosto irregular, querem recuperar, e que constitui a base do reinvestimento narcísico essencial à cura. Cf. «Restaurations faciales», in *Du Visage*, Presses Universitaires de Lille, 1982.

(7) S. FERENCZI, *Oeuvres complètes*, Paris, Payot, 1974.

(8) Op. cit.

(9) E. KANT, *Anthropologie du point de vue pragmatique*, Paris, Vrin, 1970.

(10) E. KANT, *Observations sur le sentiment du beau et du sublime*, Paris, Vrin, 1969.

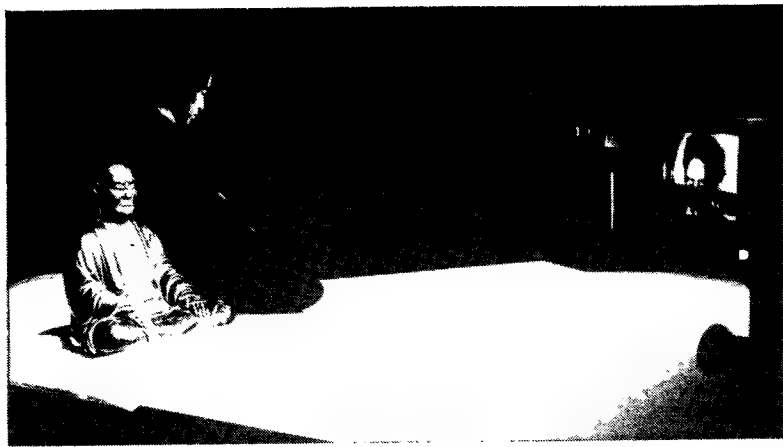


«A duquesa feia», Quentin Matsys (1465-1530)



«Marquesa de Sorey de Thélusson», David, 1790, Munich

■ Algumas propostas para discussão sobre o Teatro europeu actual ■ Mordechai Vanunu, Nobel alternativo ■ Primeiras páginas do roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia ■ Retrato no Teatro: Carlos Avilez



O happening: uma rota do vídeo

1952. Black Mountain College. John Cage lecciona e incita um grupo de artistas à realização de um objectivo: a fusão das artes — cinema, poesia, dança, música, teatro... As pesquisas efectuadas na altura Cage chamou-lhes *eventos*. Em 58 foram reasumidas por Allan Kaprow e converteram-se em *happening*.

Na efervescência dos anos 60 a tendência fundamental das minorias artísticas exalava fragrâncias festivas que, de certo modo, se extraviam no grande abalo que foi 68. O mito do bom salvagem, os ritmos encantatórios, a comunicação inconsciente, o uso de substâncias alucinogêneas constituíram algumas das palavras de ordem do «caos» que essa época teve de atravessar. Todavia, de todos os ingredientes que a década reuniu, salientamos o voluntarismo posto na imprescindível «intensificação da percepção» (1). Como exemplo, daremos, pois, a palavra a um dos *gurús* do happening em França: «O nosso primeiro objectivo é transmutar em poesia as linguagens que a sociedade de exploração reduziu ao comércio e ao absurdo. Sentimos cruelmente a necessidade de novos mitos e o happening orienta as pesquisas nessa direcção» (2).

A colectividade supre o indivíduo. As soluções da crise que nesse momento começa a despontar exigem a justificação da entidade social capaz de assumir colectivamente quaisquer vicissitudes. «O happening, diz ainda J.-J. Lebel, exige uma abertura de espírito libertário e põe em questão o mundo sensível e o mundo real» (3). Ou então: «Embora seja ainda uma linguagem recente, o happening já se afirmou como arte, articula sonhos e acções colectivas».

A «experiência» de Black Mountain vai transformar-se em espectáculos variadíssimos, de New York à West Coast. Escultores, pintores, poetas serão os primeiros a tentar certos eventos em Nova Iorque e, devido à influência de indivíduos como Kaprow, Oldenburg, Lichtenstein, Rauschenberg e outros, a forma-happening será mesmo conhecida por «teatro de pintores», segundo a opinião do crítico Henry Geldzahler.

O pintor nova-iorquino enceta o processo que se elabora ao passar da superfície lisa da tela à arena de Jackson Pollock, da colagem ao *environment* (instalação). Nesta metamorfose são impelidos dançarinos e actores que, de chofre, abandonam o dispositivo de cena à italiana e o ecrã. O happening é

praticamente a rua e esta é sinónimo de uma nova descoberta do espaço sensível e/ou social.

Embora tenha sido frequentemente confundido com o teatro, o happening manifesta, nos seus primeiros tempos, a vontade de suprimir a distância entre a arte e a vida, inaugura uma nova mobilidade no espaço. Os critérios de escolha dos materiais e dos objectos são completamente transbordados. É um espaço, uma situação, um material qualquer que vai ser escolhido, de uma maneira geral. O critério principal é a participação e, por extensão, a eliminação do espectáculo.

Todos esses requisitos transparecem hoje «muito menos como um discurso que como uma tentativa de emancipação do indivíduo e das suas inibições a fim de revelar as potencialidades criativas» (F. Pluchard). Está claro que os diversos aspectos que a forma-happening tomou tiveram todos um objectivo semelhante, mesmo se Georges Brecht, por exemplo, tendia mais para um «gesto de poesia plástica», Wolf Vostell para a denúncia da destruição do meio ambiente, ou Joseph Beuys para um certo militismo. O que, implicitamente, os guiou procurava, talvez, uma diferença que acabou por exprimir-se no acto, ao ponto que o que por Brecht foi evento, Fluxus tematizou como concerto, Oldenburg como performance e Beuys como acção. Foi, em todo o caso, uma diferença que se expandiu conjugada e influenciada pelo empenho selectivo de certos grupos de artistas para quem o comportamento devia coadunar-se ao resultado.

Actualmente podemos constatar que o happening gerou uma hibridação colossial das práticas artísticas, multiplicando polarizações do espaço plástico. Tal um meteoro, desapareceu como veio, deixando um rasto que se metamorfoseou em práticas sobejas. Dele brotaram áreas multiformes, que, após um momento de disseminação, recontraram certos pontos centrípetos constituindo novas formas como o Body Art, fase derradeira da forma-happening.

A estrela cadente da tonsura da Marcel Duchamp é um enigma ou terá sido, também, a premonição de uma tal metamorfose?

Rafael Godinho

Notas

(1), (2), (3) — Jean-Jacques Lebel, *Le Happening*, Paris, Denoël-Les Lettres Nouvelles, 1966.

Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia

Apresentado e anotado por Neves Aguas, sai nas Publicações Europa-América o roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia. É o único texto conhecido de um dos intervenientes directos na «aventura», provavelmente Álvaro Velho. Aqui divulgamos as suas primeiras páginas, convidando os nossos leitores a seguirem depois «viagem» com o livro na mão.

[De Lisboa ao cabo da Boa Esperança]

EM nome de Deus, amém.

Na era de 1497 mandou el-rei D. Manuel, o primeiro deste nome em Portugal, a descobrir, quatro navios, os quais iam em busca da especiaria; dos quais navios ia por capitão-mor Vasco da Gama, e dos outros, de um deles, Paulo da Gama, seu irmão, e de outro Nicolau Coelho.

Partimos de Restelo um sábado, que eram 8 dias do mês de Julho, da dita era de 1497, nosso caminho — que Deus Nosso Senhor deixe acabar em seu serviço. Amém.

Primeiramente, chegámos, ao sábado seguinte, à vista das Canárias. E essa noite passámos a julavento de Lançarote, e, à noite seguinte, amanhecemos com a Terra Alta, onde fizemos pescaria, obra de duas horas.

E logo esta noite, em anoitecendo, éramos através do rio do Ouro.

E foi, de noite, tamanha a cerração que se perdeu Paulo da Gama de toda a frota por um cabo, e pelo outro o capitão-mor. E depois que amanheceu, não havemos vista dele, nem dos outros navios, e nós fizemos o caminho das ilhas de Cabo Verde, como tínhamos ordenado, que quem se perdesse que se seguisse esta rota.

Ao domingo seguinte, em amanhecendo, havemos vista da ilha do Sal, e logo daí a uma hora havemos vista de três navios, os quais fomos demandar e achámos a nau dos mantimentos, e Nicolau Coelho, e Bartolomeu Dias, que ia em nossa companhia até à Mina. Os quais também tinham perdido o capitão-mor.

E, depois de sermos juntos, seguimos nossa rota; e faleceu(u)-nos o vento e andámos em calmaria até à quarta-feira pela manhã.

E, às dez horas do dia, havemos vista do capitão-mor, e avante nós obra de cinco léguas; e sobre a tarde nos viemos a falar com muita alegria, onde tirámos muitas bombardas e tangemos trombetas, e tudo com muito prazer pelo termos achado.

E ao outro dia, que era quinta-feira, chegámos à ilha de Santiago, onde pousámos na praia de Santa Maria, com muito prazer e folgar, e ali tomámos carnes e água e lenha, e (estivemos) corregendo as vergas dos navios, porque nos era necessário.

E uma quinta-feira, que eram 3 dias de Agosto, partimos em leste; e indo um dia com sul quebrou a verga ao capitão-mor, e foi em 18 dias de Agosto, e seria isto (a) duzentas léguas da ilha de Santiago. E pairámos com o traquete e papa-figo dois dias e uma noite, e em 22 dias do dito mês, indo na volta do mar ao sul e a quarta do sudoeste, achámos muitas aves feitas como garções — e quando veio a noite tiravam contra o su-sueste muito rijas, como aves que iam para terra —, e neste mesmo dia vimos uma baleia, e isto bem (a) oitocentas léguas em mar.

A 27 dias do mês de Outubro, véspera de S. Simão e Judas, que era sexta-feira, achámos muitas baleias, e umas que se chamam quoquas e lobos-marinhos.

Uma quarta-feira, primeiro dia do mês de Novembro, que foi dia de Todos os Santos, achámos muitos sinais de terra, os quais eram uns «gólfãos» que nascem ao longo da costa.

Aos 4 dias do dito mês, sábado, antemanhã duas horas, achámos fundo de cento (e) dez braças ao mais, e às nove horas do dia havemos vista de terra; então nos juntámos todos e salvámos o capitão-mor, com muitas bandeiras, e estandartes, e bombardas, e todos vestidos de festa; e em este mesmo dia virámos bem junto com (a) terra na volta do mar, porém não havemos conhecimento da terra.

À terça-feira viemos na volta da terra e havemos vista de uma terra baixa e que tinha uma grande baía.

O capitão-mar mandou Pêro de Alenquer no batel a sondar se achava bom poiso, pelo qual a achou muito boa, e limpa, e abrigada de tódoos ventos, somente de noroeste, e ela jaz leste e oeste — à qual puseram nome *Santa Helena*.

À quarta-feira lançámos âncora na dita baía, onde estivemos oito dias, limpando os navios e corregendo as velas, e tomando lenha.

A quatro léguas desta angra, para o sueste, jaz um rio que vem de dentro do sertão, que é em boca um tiro de pedra e de altura duas e três braças de qualquer água, e chama-se o rio de Santiago.

Nesta terra há homens baços que não comem senão lobos-marinhos e baleias, e carne de gazelas e raízes de ervas. E andam cobertos com peles, e trazem umas bainhas em suas naturas. E as suas armas são uns cornos tostados, metidos em umas varas de azambujo, e têm muitos cães, como os de Portugal, e assim mesmo ladram.

As aves desta terra são assim mesmo como as de Portugal, corvos-marinhos, gaivotas, rolas e cotovias, e outras muitas aves. E a terra é muito sadia e temperada, e de boas ervas.

Ao outro dia depois de termos pousado, que foi à quinta-feira, saímos em terra com o capitão-mor, e tomámos um homem daqueles, o qual era pequeno de corpo e se parecia com Sancho Mexia, e andava apanhando mel na chameca, porque as abelhas naquela terra o fazem ao pé das moitas; e levámo-lo à nau do capitão-mor, o qual o pôs consigo à mesa, e de tudo o que nós comíamos comia ele. E ao outro dia o capitão-mor o vestiu muito bem e o mandou pôr em terra.

E ao outro dia seguinte vieram catorze ou quinze deles, aqui onde tínhamos os navios.

E o capitão-mor foi em terra e mostrou-lhe(s) muitas mercadorias, para saber se havia naquela terra alguma daquelas coisas — e as mercadorias eram canela, e cravo, e aljôfar, e ouro, e assim outras coisas — e eles não entenderam naquelas mercadorias nada, como homens que nunca as viram, pelo qual o capitão-mor lhes deu cascavéis e anéis de estanho.

E isso foi à sexta-feira. E isso mesmo ao sábado seguinte.

E ao domingo foram obra de quarenta ou cinquenta deles, e nós, depois que jantámos, saímos em terra, e com ceitis,

que levávamos, resgastámos conchas que eles traziam nas orelhas, que pareciam prateadas, e rabos de raposas, que traziam metidos em uns paus, com que abanavam ao rosto; onde eu resgatei uma bainha, que um deles trazia em sua natura, por um ceitil; pelo qual nos parecia que eles prezavam (o) cobre porque eles mesmos traziam umas contínnhas dele nas orelhas.

Este mesmo dia, um Fernão Veloso, que ia com o capitão-mor, desejava muito ir com eles a suas casas, para saber de que maneira viviam, e que comiam ou que vida era a sua. E pediu por mercê ao capitão-mor que lhe desse licença para ir com eles a suas casas. E, o capitão, vendo-se importunado dele, que o não deixava se não que lhe desse a licença, o deixou ir com eles, e nós tornámo-nos ao navio do capitão-mor a ceiar, e ele se foi com os ditos negros.

E, tanto que eles de nós foram apartados, tomaram um lobo-marinho e foram-se ao pé de uma serra, em uma chameca, e assaram o lobo-marinho, e deram dele ao Fernão Veloso (que ia com eles) e das raízes das ervas que eles comiam; e acabado de comer, disseram-lhe que se viesse para os navios, e não quisessem que fosse com eles, e o dito Fernão Veloso, como veio em direito dos navios, começou logo de chamar, e eles ficaram metidos pelo mato, e nós estávamos ainda ceando.

E, quando o ouvimos, deixaram logo os capitães de comer, e nós outros com eles; e metemos-nos na barca à vela, e os negros começaram de correr ao longo da praia e foram tão prestes com o dito Fernão Veloso como nós. Em nós o querendo recolher, eles nos começaram a atirar umas zagaia que traziam, onde foi ferido o capitão-mor e três ou quatro homens.

E isto porque nos fiávamos deles, parecendo-nos que eram homens de pequeno coração e que não se atreveriam a cometer o que depois fizeram, pelo qual fomos despercebidos de armas.

Então nos recolhemos aos navios. E tanto que tivemos nossos navios aparelhados e limpos, e lenha tomada, nos partimos desta terra uma quinta-feira pela manhã, que era a 16 dias de Novembro, não sabendo nós quanto éramos do cabo de Boa Esperança, salvo Pêro de Alenquer dizia que, ao mais que podíamos ser, seriam trinta léguas a ré do cabo; e o porque se ele não afirmava era porque ele partira um dia pela manhã do cabo, e que de noite passara por ali, com vento à popa, e isso mesmo à ida foram de largo — e por estes respeitos não eram em conhecimento donde éramos. Pelo qual fomos em a volta do mar com sul su-sueste, e ao sábado à tarde havemos vista do dito cabo de Boa Esperança; e em este dia mesmo virámos em a volta do mar e de noite virámos em a volta da terra. E ao domingo pela manhã, que foram 19 dias do mês de Novembro, fomos outra vez com o cabo, e não o pudemos dobrar, porque o vento era su-sueste e o dito cabo jaz nordeste-sudoeste; e em este dia mesmo virámos em a volta do mar, e à noite da segunda-feira viemos em a volta da terra.

Continua na pág. 3

E à quarta-feira, ao meio-dia, passámos pelo dito cabo ao longo da costa, com vento à popa.

(Do Cabo da Boa Esperança a Moçambique)

E junto com este cabo de Boa Esperança, ao sul, jaz uma angra muito grande, que entra pela terra bem seis léguas, e em boca haverá bem outras tantas.

Em 25 dias do dito mês de Novembro, um sábado à tarde, dia de Santa Catarina, entrámos em a angra de S. Brás, onde estivemos treze dias, porque nesta angra desfizemos a nau que levava os mantimentos e os recolhemos aos navios.

À sexta-feira seguinte, estando nós ainda na dita angra de S. Brás, vieram obra de noventa homens baços, de arte daqueles da angra de Santa Helena; e andavam deles ao longo da praia, e deles ficavam pelos outeiros.

E nós estávamos todos, ou a maior parte de nós, a este tempo na nau do capitão-mor.

E, como os vimos, fomos em terra em os batéis, os quais levávamos mui bem armados. E, como fomos junto com terra, o capitão-mor lhes lançava cascavéis na praia fora, e eles os tomavam, e não somente tomavam os que lhe(s) lançavam, mas vinham por eles a tomá-los da mão ao capitão-mor; do que nós ficámos muito maravilhados, porque, quando Bartolomeu Dias aqui esteve, eles fugiam dele e não lhe tomavam nenhuma coisa daquelas que lhe(s) ele dava, mas antes, um dia, em eles tomando água em uma aguada, que aqui está muito boa à beira do mar, eles lhe defendiam às pedradas de cima de um outeiro, que está sobre esta aguada, e Bartolomeu Dias lhe(s) atirou com uma besta e matou um deles. E, ao que (supusemos, não fugiram de nós foi que nos pareceu que houveram novas dos da angra de Santa Helena, onde nós primeiro estivemos — que são de uma terra à outra sessenta léguas por mar — como nós éramos homens que não fazíamos mal, mas antes dávamos do nosso. E o capitão-mor não quis aqui sair em terra, porque esta, onde os negros estavam, (era?) um mato grande, e mudou-lhe o posto; e fomos pousar a outro lugar descoberto; e ali saiu. E acenámos aos negros que fossem para onde nós íamos, e eles foram.

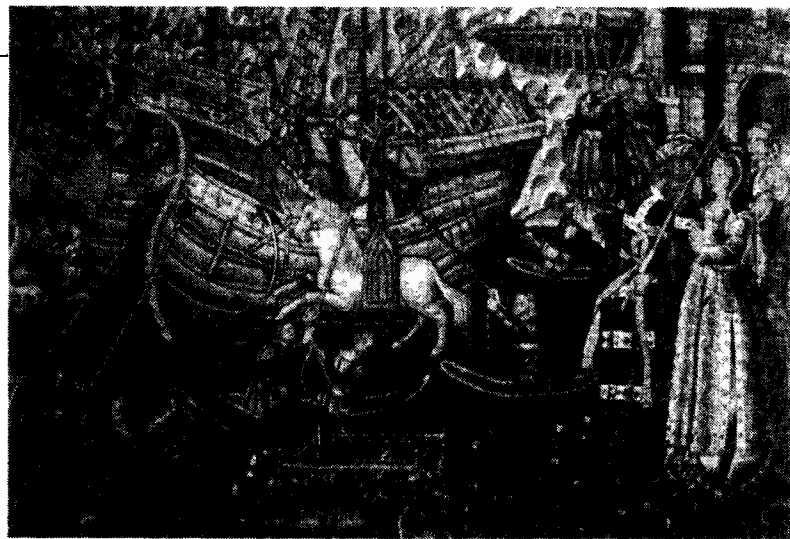
E o capitão-mor, com os outros capitães, saíram em terra com gente armada, onde iam alguns com bestas.

E o capitão-mor lhes mandou então que se apartassem e que viessem um ou dois deles, e isto por acenos. E, àqueles que vieram, o capitão lhes deu cascavéis e barretes vermelhos, e eles nos davam manilhas de marfim que traziam nos braços, porque em esta terra, segundo nos parece, há muitos elefantes, e nós achávamos o estravo deles bem a carão da aguada onde eles vinha(m) a beber.

Ao sábado vieram obra de duzentos negros, entre grandes e pequenos, e traziam obra de doze rezes, entre bois e vacas, e quatro ou cinco carneiros; e nós, como os vimos, fomos logo em terra. E eles começaram logo de tanger quatro ou cinco flautas, e uns tangiam alto e outros baixo, em uma maneira que concertavam muito bem para negros, de que se não espera música, e bailavam como negros.

E o capitão-mor mandou tanger as trombetas, e nós em os batéis bailávamos, e o capitão-mor também, de volta conosco; e, depois de acabada a festa, nos fomos em terra, onde da outra vez, e ali resgatámos um boi negro por três manilhas, o qual jantámos ao domingo; e era muito gordo, e a carne dele era saborosa como a de Portugal.

Ao domingo vieram outros tantos e traziam as mulheres consigo, e moços



pequenos. E as mulheres estavam em cima de um alto, perto do mar, e traziam muitos bois e vacas; e puseram-se em dois lugares ao longo do mar, e tangiam e bailavam como ao sábado.

E o costume destes homens é os moços ficarem no mato com as armas. E os homens vieram a falar connosco, e traziam uns paus curtos nas mãos e uns rabos de raposas metidos em uns paus, com os quais abana(va)m o rosto.

E nós, estando assim à fala por acenos, vimos andar entre o mato os moços agachados e traziam as armas nas mãos.

E o capitão-mor mandou um homem — que se chama Martim Afonso, que já andara em Manicongo — fora, e deu-lhe manilhas (para) que resgatasse um boi.

E eles, depois que tiveram as manilhas, tomaram-no pela mão e foram-lhe mostrar(a) aguada, dizendo que; porque lhe(s) tomáramos nós a água? — e começaram de lançar os bois para o mato.

E o capitão-mor, quando isto viu, mandou a nós outros que nos recolhêssemos, e também que se acolhesse o dito Martim Afonso, isto porque lhe pareceu que eles ordenavam alguma traição.

E então, depois de recolhidos, nos fomos onde da primeira (vez) estivemos, e eles foram depós nós.

E o capitão mandou que saíssemos em terra com lanças, e zagaia, e bestas armadas, e os nossos gibanetes vestidos; e isto mais para lhe(s) mostrarmos que éramos poderosos para lhe(s) fazer mal e que lho não queríamos fazer.

Eles, quando isto viram, começaram de se ajuntar e correr uns para os outros, e o capitão, por não dar azo para se matar deles alguns, mandou que se recolhessem todos aos batéis; e depois que fomos todos recolhidos, por lhe(s) dar a entender que lhe(s) poderíamos fazer mal, que lho não queríamos fazer, mandou que se atirassem duas bombardas que estavam na popa da barca.

E eles estavam todos sentados na praia, junto com o mato, e quando ouviram desfechar as bombardas começaram de fugir tão rijo para o mato que as peles com que andavam cobertos, e as armas, lhe(s) ficavam; e depois que foram em o mato tornaram dois por elas, e nisto começaram de se ajuntar e fugir para cima de uma serra, e levavam o gado ante si.

Os bois desta terra são muito grandes, como os de Alentejo, e muitos gordos à maravilha, e muito mansos; e são capados, e deles não têm cornos. E os negros, àqueles que são mais gordos, trazem-lhe(s) umas albardas de tábuas, assim como as de Castela, e uns paus, assim como andas, em cima da albarda, e andam em cima deles; e àqueles que eles querem resgatar metem-lhe(s) um pau de esteira pelas ventas, e trazem-nos por ali.

Em esta angra está um ilhéu em mar três tiros de besta. E em este ilhéu há muitos lobos-marinhos; e deles são tão grandes como ursos muito grandes, e são muito temerosos e têm muito grandes dentes, e vêm-se aos homens; e nenhuma lança, por força que leve, os

não pode ferir; e outros mais pequenos e outros muito pequeninos; e os grandes dão urros como leões, e os pequeninos como cabritos. E aqui fomos um dia a folgar e vimos, entre grandes e pequenos, obra de três mil. E atirávamos-lhe(s) do mar com as bombardas.

E neste ilhéu há umas aves, que são tamanhas como patos, e não voam, porque não têm penas nas asas, e chamam-lhe(s) «fortilicaos», e matámos deles quantos quisemos; as quais aves zurram como asnos.

Estando nesta angra de S. Brás tomando água, uma quarta-feira, pusemos uma cruz e um padrão em a dita angra de S. Brás a qual cruz fizemos de uma mezena, e era muito alta.

E à quinta-feira seguinte, estando nós para partir da dita angra, vimos obra de dez ou doze negros, os quais, ante(s) que nós dali partíssemos, derribaram assim a cruz como o padrão.

Depois de termos tudo o que nos era necessário, partimos daqui. E em este mesmo dia tornámos a pousar duas léguas donde partíramos, porque o vento era calmo. À sexta-feira, dia de N.ª S.ª da Conceição, pela manhã, demos nossas velas e seguimos nosso caminho.

E à terça-feira seguinte, que era véspera de Santa Luzia, houve uma grande tormenta, e corremos à popa com o traquete muito baixo, e nesta rota perdemos Nicolau Coelho. E em este dia, pela manhã, quando veio ao sol-posto, vira(m)-no da gávea, a ré de nós quatro ou cinco léguas, e parece(u)-nos que ele nos vira; fizemos «foreos» e estivemos à corda. E, acabando-se o quarto primeiro, ele veio ter connosco, não porque nos ele tivesse visto de dia, mas porque o vento era pela bolina e não podia al fazer, senão vir ter na nossa esteira.

À sexta, pela manhã, houve vista de terra; a qual terra é onde se chamam os ilhéus Chãos, os quais estão além do ilhéu da Cruz cinco léguas; e da angra de S. Brás ao dito ilhéu da Cruz há sessenta léguas, e outra tantas há do cabo de Boa Esperança à angra de S. Brás. E dos ilhéus Chãos ao derradeiro padrão, que Bartolomeu Dias pôs, outras cinco léguas; e do padrão ao Rio do Infante há quinze léguas.

Ao sábado seguinte passámos pelo derradeiro padrão; e assim como nós íamos ao longo da costa, assim começaram de ir correndo em terra dois homens, ao longo da praia, contra onde nós íamos. E esta terra é muito graciosa e bem assentada. E aqui vimos andar em terra muito gado. E quanto mais para diante tanto mais a terra era melhor, e de mais altos arvoredos.

A noite seguinte estivemos à corda, porquanto éramos tanto avanço como o Rio do Infante, que era a derradeira terra que Bartolomeu Dias descobriu; e ao dia seguinte fomos, com vento à popa, prolongando a costa até horas de véspera, que nos saltou o vento ao levante, e fizemos-[nos] na volta do mar. E andámos com uma volta ao mar e outra à terra até a terça-feira, a cerca do sol-posto, que nos tornou o vento ao ponente; pelo qual estivemos aquela noite à cor-

da, para, o outro dia, irmos reconhecer a terra, onde ou em que paragem éramos.

E quando veio a manhã fomos de frecha à terra, e achámos-nos às dez horas do dia com o ilhéu da Cruz, que era a ré do que nós fazíamos as sessenta léguas; e isto causaram as correntes, que aqui são grandes.

E em este mesmo dia tornámos a passar a carreira, que já tínhamos passada, com muito vento à popa, que nos durou três ou quatro dias, onde rompemos as correntes; a que nós havíamos grande medo [de] não nos deixar haver aquilo que desejávamos.

E daquele dia em diante quis Deus, por sua misericórdia, que nós fôssemos avanço, e não a ré; e praza a Ele que assim seja sempre.

Dia de Natal, que foi a 25 dias do mês de Dezembro, tínhamos descoberto por costa setenta léguas.

Em este dia, depois de termos jantado, em metendo uma moneta achámos o mastro com uma fenda, abaixo da gávea uma braça, a qual fenda abria e cerrava; pelo qual o remendámos com brandais, até que fôssemos tomar porto abrigado onde o corregêssemos. E à quinta-feira pousámos ao longo da costa, onde tomámos muito pescado; e quando veio ao sol-posto tornámos a dar nossas velas e seguir nosso caminho. E aqui nos ficou uma âncora, [porque] nos quebrou um calabrete, com que estávamos no mar.

E daqui andámos tanto pelo mar, sem tomarmos porto, que não tínhamos já água que bebêssemos, nem fazíamos já de comer senão com água salgada, e para nosso beber não nos davam senão um quartilho; de maneira que nos era necessário de tomarmos porto.

E sendo uma quinta-feira, que eram 10 dias de Janeiro, houve vista de um rio pequeno, e aqui pousámos ao longo da costa.

E ao outro dia fomos em os batéis em terra, onde achámos muitos homens e mulheres negros, e são de grandes corpos, e um senhor entre eles.

E o capitão-mor mandou sair em terra um Martim Afonso, que andou em Manicongo muito tempo, e outro homem com ele; e eles lhes fizeram gasalhado.

E o capitão mandou àquele senhor uma jaqueta, e umas calças vermelhas, e uma carapuça, e uma manilha; e ele disse que qualquer coisa que houvesse em sua terra, que nos fosse necessária, que no-la daria de mui boa vontade. E isto entendia o dito Martim Afonso.

E aquela noite foi o dito Martim Afonso e o outro com aquele senhor a dormir a suas casas, e nós tornámos para nossos navios.

E indo aquele senhor pelo caminho, vestiu aquilo que lhe deram, e dizia àqueles que o vinham receber, com muito contentamento: «Vedes o que me deram?!» E eles batiam-lhe as palmadas por cortesia, e isto fizeram por três ou quatro vezes, até que chegou [à] aldeia, onde andou por todo o lugar, assim vestido como ia, até que se meteu dentro em casa, e mandou agasalhar aos dois homens, que iam com ele; em um cerrado, e ali lhe[s] mandou papas de milho, que há muito naquela terra, e uma galinha como as de Portugal.

E toda aquela noite vieram muitos homens e mulheres a vê-los. E quando veio a manhã, o senhor os foi ver e lhes disse que se viessem, e mandou dois outros homens com eles e deu-lhe[s] galinhas para o capitão-mor dizendo-lhe[s] ele que ia mostrar aquilo que lhe deram a um grande senhor que eles tinham, e, segundo nos parecia, que seria o rei daquela terra. E quando chegaram ao porto, onde os barcos estavam, já vinham com eles bem duzentos homens, que vinham a vê-los.

Esta terra, segundo nos pareceu, é muito povoada, e há nela muitos senhores; e as mulheres nos parecia que eram mais que os homens, porque, onde vinham vinte homens, vinham quarenta mulheres.

E as casas desta terra são de palha; e as armas desta gente são arcos muito grandes e frechas, e azagaias de ferro.

E há nesta terra, segundo nos pareceu, muito cobre, o qual trazem nas pernas, e pelos braços, e pelos cabelos, retorcidos.

Isso mesmo há nesta terra estanho, que eles trazem numas guarnições de punhais; e as bainhas deles são de marfim.

E a gente desta terra preza muito [o] pano de linho, e nos davam muito deste cobre por camisas, se lhes nós quiséramos dar.

Esta gente traz umas cabaças grandes, em que levam do mar para o sertão água salgada e deitam-[n]a em umas poças na terra, e fazem dela sal.

Aqui estivemos cinco dias tomando água, a qual nós acarretávamos aos batéis aqueles que nos vinham a ver; não tomámos água quanto nós quiséramos porque o vento nos aguava de viagem e nós estávamos ancorados ao longo da costa, no rolo do mar.

E a esta terra pusemos nome *Terra da boa gente*, e ao rio *do Cobre*.

Uma segunda-feira, indo pelo mar, houve vista de uma terra muito baixa e de uns arvoredos muito altos, e juntos, e indo assim nesta rota vimos um rio largo em boca.

E, porque era necessário saber e conhecer onde éramos, pousámos; e uma quinta-feira à noite entrámos, estando já o navio *Bérrio* [dês]do outro dia, que foram oito dias por andar de Janeiro.

Esta terra é muito baixa e alagadiça, e de grandes arvoredos, os quais dão muitas frutas de muitas maneiras, e os homens desta terra comem delas.

E esta gente é negra, e são homens de bons corpos, e andam nus; somente trazem uns panos de algodão pequenos, com que cobrem suas vergonhas, e os senhores desta terra trazem estes panos maiores.

E as mulheres moças, que nesta terra parecem bem, trazem os beiços furados por três lugares e ali lhe trazem uns pedaços de estanho retorcidos.

E esta gente folgava muito connosco e nos traziam aos navios disso que tinham em almadias que eles têm.

E nós, isso mesmo, íamos à sua aldeia a tomar água.

E, depois de haver dois ou três dias que aqui estávamos, vieram dois senhores desta terra a ver-nos; os quais eram tão alterados que não prezavam coisa [alguma] que lhe[s] dessem.

E um deles trazia uma touca posta na cabeça, com uns vivos lavrados de seda, e o outro trazia uma carapuça de cetim verde.

Isso mesmo vinha em sua companhia um mancebo, que, segundo eles acenavam, era de outra terra, daí longe, e dizia que já vira navios grandes como aqueles que nós levávamos.

Com os quais sinais nós folgávamos muito porque nos parecia que nos íamos chegando para onde desejávamos.

E estes fidalgos mandaram fazer em terra, ao longo do rio, a par dos navios umas ramadas em que estivessem obra de sete dias, [de] onde cada dia mandavam aos navios resgatar panos, os quais traziam umas marcas de almagre.

E, depois que se enfadaram de estar ali, se foram em almadias pelo rio acima.

E nós estivemos neste rio trinta e dois dias, em os quais tomámos água e alim-pámos os navios, e corregeram ao *Rafael* o mastro.

E aqui nos adoeceram muitos homens, que lhe[s] inchavam os pés e as mãos, e lhe[s] cresciam gengivas tanto sobre os dentes que os homens não podiam comer.

Para maior facilidade de leitura, suprimimos aqui as notas de Neves Águas que, na presente edição da Europa-América, tornam o texto mais rico e mais completo.

JIM BORGMAN
CINCINNATI
ENQUIRER
1987



"NÃO SEJA RIDÍCULO, TODA A GENTE SABE QUE NADA HA' DE PERIGOSO NESTES TRANSPORTES QUE TEMOS VINDO A FAZER..."

Vanunu, o «espião» premiado

FOI atribuído a 9 de Outubro último o Nobel alternativo. Trata-se de um prémio que distingue pessoas, instituições ou iniciativas, a quem se devam acções humanitárias, habitualmente ignoradas pelo mundo oficial. Este prémio «alternativo», atribuído por uma fundação que se propõe incentivar os meios e modos de vida rectos (Right Livelihood Foundation), assinala aqueles esforços de dignificação humana geralmente menosprezados pela corrente dos valores dominantes ou pelos estilos de actuação convencionais. Os direitos dos consumidores, a preservação do ambiente, a recusa do desequilíbrio ecológico, o antibelicismo são alguns dos parâmetros que norteiam o Nobel alternativo.

Em 18 de Junho fora anunciado que nove senadores australianos patrocinavam a candidatura de Mordechai Vanunu para o Prémio Nobel da Paz, que viria a ser atribuído a Oscar Arias. Poucos dias antes do Nobel, Vanunu havia, afinal, sido distinguido com o prémio da Right Livelihood Foundation, pela sua acção contra a bomba atómica em Israel, onde se encontra encarcerado sob acusação de espionagem e traição.

Durante dez anos, Mordechai trabalhou no reactor nuclear de Dimona, em Israel. Enquanto o governo israelita negava, interna e externamente, o fabrico de armas atómicas, Vanunu descobria indícios claros do contrário. Para forçar as autoridades do seu país a reconhecer os factos, Vanunu fez chegar informações e fotografias tiradas no

interior do reactor, ao jornal inglês *Sunday Times*, que as publicou. Era, para ele, a única maneira ao seu alcance para apelar ao controlo internacional e à discussão pública no exterior, sobre o assunto, pois que a censura o impossibilita a nível interno.

Raptado, ilegalmente, em Londres e trazido à força para Israel pelos respectivos serviços secretos, Mordechai foi acusado de espionagem e alta traição pelo Governo israelita e mantido prisioneiro, enquanto aguarda um julgamento secreto, em lugar desconhecido, inacessível ao público e à Imprensa. Enquanto isso, o Governo continua a afirmar que o reactor se destina, apenas, à pesquisa pacífica...

Um «espião» original

Desde que se soube que Motti (como é conhecido por familiares e amigos), estava prisioneiro em Israel e ia ser julgado, surgiu um movimento de solidariedade, animado por seus irmãos Meir e Asher, os quais, apoiados em citações das suas cartas e diários, têm demonstrado que Vanunu agiu por motivos humanitários e por amor à paz.

Estudante de física na Universidade, Motti tinha, então, participado em movimentos de aproximação entre estudantes judeus e árabes. As suas convicções não-violentas tinham-no levado a adoptar o vegetarianismo estrito e a interessar-se pelos valores humanitários das religiões orientais e do cristianismo. Para não ter que usar armas durante o serviço militar, Motti requereu ser

destacado para os serviços de cozinha.

Uma carta escrita da prisão exprime bem o seu ponto de vista:

«Assumi o meu dever, que é o dever de todo o cidadão, de não obedecer cegamente a ordens. Aqueles que fundaram este Estado apenas pensam no holocausto do povo judeu na Europa. Mas não se pode, por causa disso, provocar um holocausto mundial. Nem se pode submeter, por essa razão, um outro povo ao holocausto. Não há dúvida que se o Governo israelita usar a sua bomba nuclear irá causar um holocausto a outro povo.»

Protestos

Diversas organizações locais e internacionais protestaram contra a violação dos direitos no caso Vanunu. Além de numerosos parlamentares de diversos países, pronunciaram-se nesse sentido a Liga Israelita para os Direitos Humanos e Cívicos, a Amnistia Internacional, a Associação Israelita para os Direitos Cívicos e a Fundação Bertrand Russell.

No início de 1987, foi constituído o comité para um julgamento público de Mordechai Vanunu, que promoveu uma campanha para que o julgamento respeitasse a lei e as normas democráticas. Eis como o comité definiu a sua acção:

«Numa região onde a guerra, em cinco décadas, estalou por cinco vezes, uma zona explosiva e cheia de tensões, a presença de

armas nucleares assume um perigo especial. Como cidadãos de Israel, temos direito a saber o que o nosso governo prepara nas instalações nucleares de Dimona, onde Mordechai Vanunu trabalhava. Enquanto Israel recusa subscrever o Tratado de Não-Proliferação Nuclear ou submeter as suas instalações à inspecção internacional, acreditamos que é nosso dever exigir um debate público urgente sobre o assunto.»

Na sequência do trabalho do comité, 150 jornalistas, físicos, médicos, artistas e pacifistas assinaram uma petição pública em favor de um julgamento legal e aberto. De todas as partes do mundo foram enviadas ao Primeiro-Ministro de Israel mensagens pedindo o respeito dos direitos humanos no caso Vanunu.

Átomo «pacífico» e átomo bélico

Está demonstrado que, em Portugal, a opinião pública é expressivamente contrária às instalações nucleares ditas pacíficas (centrais nucleares, cemitérios de resíduos). No entanto, são menos conhecidas as ligações entre elas e o átomo militar. As correntes ambientalistas e conservacionistas, se têm estado atentas ao perigo que as instalações nucleares civis representam (instituições de protecção da natureza houve que, diga-se, censuravam como «folclóricos» os grupos ecologistas que, desde cedo, recusaram sem rodeios a energia nuclear...

para, muitos anos mais tarde, virem «ao menos» a tomar posição pública contra o cemitério de Aldeadávila), não se têm mostrado já tão sensíveis à campanha pela paz, pela desmilitarização e pelo desarmamento. A razão, em parte, poderá dever-se às inclinações hegemónicas de um dos sectores que, entre nós, tem tido intervenção pública nessa matéria, eivada de forte conotação ideológica e partidária.

No entanto, o recente caso da projectada extensão do campo de tiro de Alcochete (ainda que não implique o nuclear) e os danos que assim serão provocados à reserva do estuário do Tejo, veio decerto lembrar aos conservantistas e amigos da Natureza que o alheamento face às questões da paz e da desmilitarização não se coaduna com a protecção dos ecossistemas. Não teria sido, aliás, necessário recordá-lo de forma tão brusca: bastaria ter em conta a lição do movimento alemão, caracterizada pela unidade estreita entre ecologistas e pacifistas, com relevo para diversas organizações religiosas e tendências ligadas às Igrejas, ou a do movimento francês, onde a oposição ao campo militar do Lazare, no Sul de França, foi, nos anos 70, um catalisador poderoso das mais diversas organizações e correntes em torno da defesa do ambiente, da não-violência e da preservação da economia camponeza tradicional.

José Carlos Costa Marques

* O comité pode ser contactado através de: Rayna Moss, 34/2 Zlilei Hanina, Tel Aviv 67 290, Israel.

Xamanes – magias e marginalidades

O xamane é um tipo de mágico que se caracteriza pelo facto de estabelecer um contacto directo com o mundo dos espíritos, através do transe e da viagem ou pela prática do adorcismo. Ele é o anómalo da multiplicidade que constitui a tribo: o seu espaço, físico ou simbólico, é a margem, a fronteira, daí o interesse do estudo do seu corpo, seus devires e transmutações.

AO pretender elaborar um qualquer discurso sobre o corpo afigura-se necessário traçar, antes de mais, os limites e algumas possibilidades da discursividade do corpo na medida em que tal discurso se revela pleno de perigos e escolhos epistemológicos. Discursividade do corpo porque o discurso que visa tal objecto, ou qualquer outro, não tem como lugar de origem senão o próprio corpo. Pois se encaramos o espírito «como a linguagem cifrada do corpo» (1) então todo o discurso se funda numa corporalidade, no duplo sentido de tomar o corpo objectivamente e como origem.

Se o corpo é o lugar da origem do discurso, então aquele que se pretende re-flectido toma as tonalidades perigosas do incesto: daí que, por se instituir como horizonte permanente do sentido, ele se subtraia ao olhar objectivo e categorial (2), daí talvez nasça o fascínio que a eventualidade da sua produção origina.

Em primeiro lugar teremos que analisar o corpo no universo da representação. Considerar as representações construídas sobre o corpo e o lugar do corpo na representação. As culturas elaboram diversos modelos para a sua representação que veiculam uma determinada lógica de relação e se entrecruzam nos sujeitos. Como por exemplo, temos a referência ideal do corpo em diferentes sistemas: o cadáver para a medicina. Animal e carnal para a religião cristã, o corpo robotizado do trabalhador para a economia política (3).

Estes modelos, esta produção de corpos-imagens estrutura as práticas que uma determinada cultura destina aos corpos, quer essas práticas se situem ao nível discursivo ou não, procurando deste modo a construção social dos corpos, a sua socialização. Não é por acaso que entre os Baruya da Nova Guiné o sangue menstrual é conotado tão negativamente provocando nos homens um nojo e um medo que raia a histeria. É que as concepções e as práticas ligadas à menstruação, como a existência de cabanas isoladas para onde as mulheres menstruadas se retiram, inserem-se num vasto sistema simbólico que visa, em última análise, justificar a supremacia dos homens sobre as mulheres e o domínio que os primeiros exercem sobre as segundas, bastante acentuado nesta sociedade (4).

Em segundo lugar, e sufocado por debaixo do corpo-representação, temos que admitir a existência de um *corpo-processo*, referenciado à ontogénese e às suas eventualidades específicas. Um corpo que age, que irrompe por entre os modelos, um corpo doloroso e incómodo, ambivalente na sua condição de recalcado e, no entanto, poderosamente real.

Um corpo é, por assim dizer, ilimitado nas possibilidades dos seus devires, matéria revolucionária por excelência, exige que a par com uma produção social dos corpos se introduza a sua produção ideológica. Cada cultura cria para este efeito zonas de laceração que limitam a acção dos corpos-processos, restringindo determinados desenvolvimentos e estimulando algumas sequências que engendram actividades reconhecidas como desejáveis pela lei. É efectuada uma supressão da pluridimensionalidade dos corpos com a finalidade de o unidimensionalizar em actividades tipificadas (económicas, familiares, políticas, etc.) (5).

A unidimensionalidade de cada tipo de prática encontra-se referenciada nos modelos que fiduciam a construção da identidade social, a formação dos sujeitos. Os modelos operam nos corpos através de um trabalho de laceração que assemelha o corpo socializado a um corpo fragmentado, estilhaçado segundo uma lógica de bloqueamento que encontra na crueldade e na dor os seus mais preciosos aliados. Aliás, a importância da dor como instrumento na elaboração de uma memória (mnemotecnica) é realçada por Nietzsche na «Genealogia da moral»; retomada por clastes em «Da tortura nas sociedades primitivas». Podemos acrescentar que dor, como efeito-chave da grafia ritual, efectua um corte gradual entre o sujeito e o exterior, em termos perceptuais e conceptuais, levando pela intensificação da experiência interior ao contacto com o espectro da morte. Conjugando os dois níveis, individualidade e morte, produz-se o recalcamento do primeiro através da presença ameaçadora do segundo.

Deparamo-nos, então, com o seguinte problema: como circunscrever um fenómeno que nos escapa, a um tempo, pela sua proximidade e pela espessura do seu revestimento simbólico? Como considerá-lo na sua nudez radical (afinal o objectivo de qualquer projecto antropológico), se em todo o lugar o projectamos, se em todo o lado ele é investido?

Por momentos hesitámos perante uma dupla possibilidade de abordagem: uma vertente que nos revela os interstícios da acção da cultura nos corpos dos sujeitos e, portanto, reflecte os segredos do seu funcionamento; e uma outra que nos informa do percurso dos corpos fantasmáticos, a marca e o desvio através das vicissitudes do desenvolvimento. Contudo, por não desejar atolar-me em tal querela, já algo antiga, procurei posicionar-me num outro lugar, uma outra perspetivação do real que exigirá a utilização concomitante dos dois métodos, num conjugação renovada pela especifici-



dade dos habitantes do seu olhar.

Com este objectivo consideremos, em primeiro lugar, a noção de **território**: os etologistas insistem na importância do território e da territorialidade na compreensão do comportamento social dos Vertebrados. Reconhecem, no entanto, que na espécie humana o território de um grupo ou de um indivíduo não se encontra limitado à demarcação de um espaço físico, alargando-se a domínios de outra ordem. Com efeito, a extensão simbólica da territorialidade no Homem leva-nos a pensar que a fronteira considerada para grupos humanos se reparte através de diversos domínios: físicos, sociais, psicológicos, simbólicos. Segundo Bracinha Vieira: «Este conceito de território humano individual e/ou grupal, passa a compreender equivalentes culturais e normativos, e interioriza-se. E Peterson (1972) afirma que, «ao invés da territorialidade dos animais, a territorialidade dos aborígenes da Austrália Central é introvertida, mantida por crenças e afinidades emocionais com certas marcas distintivas da paisagem e com os símbolos culturais associados a essas marcas» (6).

Consideremos agora a seguinte hipótese de Deleuze-Guattari: «(...) uma multiplicidade define-se, não pelos elementos que a compõem em extensão, nem pelos caracteres que a compõem em compreensão, mas pelas linhas e as dimensões que comporta em 'intensão'. Se mudarmos de dimensões, (...) mudamos de multiplicidade. Donde a existência de uma fronteira segundo cada multiplicidade que não é um centro, mas a linha englobante ou a extrema dimensão em função da qual se podem contar os outros, todos aqueles que constituem o bando num dado momento (para além da qual a multiplicidade mudaria de natureza)» (7).

Vemos então que, segundo esta hipótese, um grupo define-se em certa medida, através daquele que coloca nos seus limites territoriais, através do seu anómalo. O anómalo é aquele ser cujo lugar é a fronteira, que se situa nos limites territoriais do grupo, e que define, a um tempo, as dimensões territoriais máximas do grupo, e a sua estabilidade temporária ou local, e, principalmente, estabelece a aliança entre o grupo e a sua exterioridade, desconhecida, e terrificante. **O anómalo reflectirá então, na radicalidade da sua diferença, algo importante da «verdade» do grupo, dos seus medos, das suas contradições.**

Regressando ao nosso tema, podemos constatar a existência de **corpos-marginais** que extravasando todos os limites se laceram de encontro aos muros erigidos pela ordem cultural, corpos sangrentos e rebeldes, de trajectória incerta e que, da margem onde se encontram, revelam uma essencialidade: a necessidade do seu modo próprio, se bem que confinado aos limites da cultura, espelha a importância da alteridade para a constituição do mesmo, fundamentalidade da diferença como estigma para o fortalecimento narcísico de um grupo que não se suportaria uniforme.

Quem são esses corpos-marginais? Que tipos sociais realizam na sua marginalidade? Encontramos, ao longo do espaço e do tempo, diversas modalidades e caracterizações consoante a formação social considerada, um desfile de figuras temidas e malditas na sua diferença e na sua solidão: o xamane, o guerreiro, o rei sagrado, o carrasco, o bobo, o poeta, o drogado, o terrorista. Todas estas figuras, que em muitos pontos coincidem, formam uma galeria apocalíptica de corpos estranhos e desconhecidos, dotados de devires imprevisíveis, cujo conhecimento urge construir, cujo

espaço se torna imprescindível redefinir, até porque neles se encontram reflectidos os paradoxos que as sociedades ocultam na «opacidade dos seus quotidianos».

Procurarei aqui analisar a especificidade do corpo do xamane, tipo de mágico que se caracteriza pelo facto de ser estabelecido um contacto directo entre o indivíduo e o mundo dos espíritos, quer por viagem da sua alma quer pela prática do adorcismo. A prática xamanística, que se estende por todo o Mundo desde a Sibéria (onde tem origem o seu nome) até à América do Sul, implica o transe, a entrada num mundo oculto através da dança, da música ou da intoxicação. O corpo do xamane não só requer características específicas como desempenha actos interditos aos restantes sujeitos não reconhecendo os limites humanos do comportamento.

Se podemos considerar o xamanismo como a primeira profissão do Mundo, a primeira especialização do trabalho (8), não nos aparece contudo como pertinente elaborar, neste espaço, para já, uma análise do posicionamento socioeconómico dos xamanes. Esta problemática, que tão fundamental se revela para o estudo das metamorfoses políticas das sociedades «primitivas», não nos surge como uniforme; pelo contrário, deparamo-nos com uma complexa diversidade fenomenológica: do xamane rico e poderoso da América do Sul (9) ao débil xamane siberiano, sujeito a uma série de interditos, tratado e alimentado pelos outros: «Como os xamanes estão, economicamente e fisicamente, numa posição de inferioridade, vivem com os outros que tomam conta deles como se se tratasse de inválidos» (10).

Existe, portanto, um diferenciado estatuto socioeconómico do xamane consoante a sociedade considerada, o que nos leva a privilegiar uma abordagem perspectivada sobre as peculiaridades do seu corpo, habitante monstruoso de um topos marginal.

O xamane é o anómalo da multiplicidade que constitui a tribo: o seu espaço, quer físico quer simbólico, é a margem, a fronteira, daí o interesse do estudo do seu corpo, seus devires e transmutações.

Carlos José

Notas

- (1) Nietzsche, F.: «La Volonté de Puissance», 232; Gallimard, 1938.
- (2) Veron, E.: «Corpo Significante» in Sexualidade e Poder; Edições 70, 1978.
- (3) Baudrillard, Jean: «L'Echange Symbolique et la Mort»; Gallimard, 1971.
- (4) Godelier, Maurice: «Le Sexe Comme Forme Fondamentale Ultime de l'Ordre Social et Cosmique Chez les Baruya de Nouvelle-Guinée».
- (5) Veron, E.: idem.
- (6) Vieira, António Bracinha: «Etologia e Ciências Humanas»; Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- (7) Deleuze-Guattari: «Mille Plateaux»; Minuit, 1980.
- (8) Róheim, G.: «Origine en Fonction de la Culture»; Gallimard, 1972.
- (9) Métraux, A.: «Religions et Magies Indiennes»; Gallimard, 1967.
- (10) Shirokogoroff, S. N.: «Psychomental Complex of the Tungus»; 1935.

Na próxima semana:

Xamanes — o destino de um corpo naufrago

O Teatro na Europa hoje

— algumas propostas para discussão

por Carlos Porto

O tema - O teatro na Europa Hoje — que esteve em debate nos recentes Encontros ACARTE 87 foi um ponto nuclear desses debates já que se trata de um referente fundamental no relacionamento do teatro português com o teatro que se produz para além das nossas fronteiras, seja na Europa, seja no resto do Mundo.

NÃO podemos aceitar os termos que por vezes são utilizados nessas discussões que contrapõem a Europa e Portugal, como se Portugal não fosse o velho país europeu, nem podemos aceitar a divisão entre artistas portugueses e artistas europeus, mesmo que essa terminologia seja totalmente inocente; por outro lado, não se pode deixar de lamentar, aliás sem quaisquer intuitos xenófobos, que intelectuais estrangeiros (trata-se duma referência genérica) tenham comentários que revelam natural ignorância sobre a nossa prática teatral, incluindo no campo aleatório do experimentalismo, arriscando-se portanto a abrir portas abertas.

Não implica isto que se deva estar de olhos fechados para a nossa realidade, a nossa realidade teatral, da qual os problemas mais graves, entre eles o do isolamento, continuam irresolutos. Trata-se apenas de tentar entender que na problemática do teatro português há que estabelecer um juízo que considere, em termos dialécticos, o que nela há de positivo e de negativo.

O nosso desconhecimento do que se passa no teatro mundial em geral, e no teatro europeu em particular (desconhecimento que o programa de Jorge Silva Melo «Teatro para Sempre», na RTP/2, em parte colmatava, embora insatisfatoriamente), esse desconhecimento, em termos genéricos, impede-nos de estabelecer a articulação dos vectores mais importantes que atravessam a cena europeia mundial, as tensões que se têm resolvido através de rupturas nem sempre facilmente entendíveis.

Significa isto que prestar atenção quando postos perante a tarefa de estabelecer pontes entre factores de que uma das partes é, para nós, em termos relativos, uma incógnita.

Por isso escrever sobre o *Teatro na Europa Hoje*, é, por assim dizer, uma impossibilidade. Seremos talvez capazes de entender os seus aspectos periféricos, as relações de força mais visíveis, as rupturas mais óbvias. Mas será difícil ir mais longe do que isso. É nulo, quase nulo, o nosso conhecimento directo e são escassas as informações que recebemos. Sobre esse aspecto, os Encontros ACARTE foram, para nós, preciosos, porque nos trouxeram uma informação que foi fundamental tanto pelos seus aspectos positivos como pelos negativos. Mas não podemos aceitar essa informação de forma passiva, acritica; temos que confrontá-la com a informação de que dispomos referente a outras áreas de criação, a outras realidades estéticas, a outras vivências teatrais, que não passam necessariamente por guerras geracionais, por rupturas civilizacionais — e é essa confrontação que temos dificuldade em estabelecer. Por isso aceitar a informação que os Encontros nos

trouxeram, e não obstante a sua indiscutível importância, implicava riscos a que era preciso estar atento.

Alternativas possíveis

Mas não haverá alternativas para tornar menos grave esta separação entre Portugal e o teatro que se produz fora de Portugal e que seria útil conhecer?

Duas iniciativas, pelo menos, são necessárias: trazer a Portugal, regularmente, como já se faz em Espanha, o que até simplifica o esforço, os grandes espectáculos pelo menos europeus (em Madrid esteve neste fim-de-semana, Bob Wilson com o seu último espectáculo, é só um exemplo); criar condições para que criadores teatrais e críticos se desloquem com alguma frequência ao estrangeiro para que possam conhecer, no seu espaço, a evolução da criatividade teatral e dela dar informação, dela captar os sinais que nos possam interessar. Só assim, talvez, encontros como os do ACARTE poderão ser, além de importantes e interessantes, de facto produtivos, porque só assim poderemos seguir, sem interrupção, os caminhos que o teatro percorre.

Que teatro? Que Europa? Que hoje?

Portanto, *Teatro na Europa Hoje*. Que Teatro? Que Europa? Que Hoje? talvez possamos começar por aqui, por procurar entender o significado destes termos.

Teatro — como expressão específica, linguagem da qual o texto é parte? Teatro que se baseia em projectos de interdisciplinaridade, que recusa uma tradição, embora aceite outras? Um teatro na fronteira de outras linguagens, entre a dança e a mímica, entre a «performance» e o «happening», entre o vídeo e o circo? Que teatro, pois?

Teatro na Europa. Que Europa? Devemos defini-la pela geografia da CEE e, mais estreitamente ainda, pela do conjunto de países presentes nos encontros? Ou devemos defini-la por critérios estéticos? Existiram, para os encontros ACARTE, uma, duas, ou mais Europas: A Europa capitalista, a Europa Socialista, e a sub-Europa que nós seríamos?

Podemos esquecer que *vanguarda*, mesmo que se negue como tal, passou por outras experiências, por outros quadrantes? Para não sairmos da Europa — e teríamos que ir pelo menos aos Estados Unidos e ao Japão — como poderemos dispensar ou recusar o conhecimento de experiências como as do teatro polaco (não se falou em Grotowski a propósito do Novo Teatro?); poderemos esquecer espectáculos polacos sem palavras (já que o problema do texto é neste caso fulcral), e al-

guns vieram a Portugal, nos quais permanecia, incólume, a raiz do teatro como manifestação religiosa, no sentido da ligação do homem à realidade, à humanidade, ao Cosmos? Poderemos esquecer Kantor e o seu Teatro da Morte? Poderemos pôr de lado criadores como Liubimov e Efros, ambos soviéticos, o primeiro a trabalhar no Ocidente, o segundo morto recentemente? E não há no teatro da RDA propostas que interessam a um teatro novo (até como expressão dramaturgica, caso de Heiner Wilson, *Hamletmaschine*)? Não poderemos considerar, para voltar a Liubimov, que um

Luca Ronconi, com dois textos, de Shakespeare e de Holdoni; Bob Wilson, que não sei se não será tão europeu como norte-americano; com o europeu Heiner Muller; encontremos o Théâtre du Soleil com o seu novo espectáculo com o texto de Hélène Cixous sobre a Índia; encontraremos, é verdade, dois Brecht, de George Lavaudant; um Jérôme Deschamps que é um autor-encenador-actor cujo teatro se situa talvez numa fronteira fluida entre a palavra e o silêncio (e aí está um outro exemplo de um teatro que devíamos conhecer); encontraremos *Elre-Jouvet 40*, genial recria-

5. *La Cérisaie* — Tchekhov/Giorgio Strehler

6. *Palais de Justice* — Jean-Pierre Vincent

7. *Conférence des Oiseaux* — Peter Brook

8. *Tartuffe* — Molière/Planchon

9. *Café Muller* — Pina Bausch

10. *Arlequin, Serviteur de Deux Maîtres* — Giorgio Strehler

(*Conférence des Oiseaux e Arlequin...* foram os únicos espectáculos que vieram a Portugal. Dos espectáculos referenciados só não foram comentados no «DL» os n.ºs 4, 6 e 9.)

Outra vez, pois, grandes textos, grandes encenadores, grandes actores, e também experiências que se situam noutras zonas, mas que são cá desconhecidas: Pina Bausch, Bob Wilson, Peter Brook.

Quem pediu teatro de texto?

Com isto não se pretende estabelecer qualquer especulação provocatória. É fácil admitir que os Encontros ACARTE não se colocaram deliberadamente contra o teatro de texto. Também neste texto não nos colocamos contra o teatro sem palavras. Do mesmo modo que os Encontros se realizaram como ilustração, argumentação e defesa do Novo Teatro que se apresenta como um teatro sem texto que nos recusamos a considerar velho e muito menos cadáver.

Aqui convém esclarecer aquilo que nos parece ser um equívoco. Pensamos que o espectáculo sem texto, o espectáculo que se apresenta como uma articulação de formas que têm a ver com outras expressões (música, dança, artes plásticas, vídeo) — vale por si próprio, tem a sua estética própria. Isto bastaria para o justificar e para justificar os Encontros. Por isso, a nossa resistência ao discurso pedagógico que se quis introduzir através dos espectáculos apresentados; a recusa em admitir que o teatro português, no seu conjunto, absorva esta lição (se o era) no sentido de se tornar europeamente competitivo, isto é, de se tornar aceitável por dele ter desaparecido a barreira da língua. Não há um teatro, há teatros: não se pode negar ao criador teatral, mesmo afirmando-se que não se nega, a utilização da própria língua, instrumento insuperável que faz parte da sua maneira de ser homem e de ser artista. É a sua Pátria, como diria, o Poeta, não é?

Além disso, o texto, num espectáculo teatral, não é apenas uma forma de comunicação, um discurso, é também uma sua condicionante estética, influi inevitavelmente na sua elaboração formal. Por isso, se aceitamos, como aceitamos, o teatro sem palavras, recusamo-nos a admitir o esvaziamento do outro teatro, o teatro sem palavras, aquele que é ainda o resultado de um encontro fundo e denso entre um discurso verbal, com os seus significados, a encenação e a interpretação desse discurso.

Não desconhecemos, claro, que os dinossauros a que nos referimos e outros (Claudel ou Shakespeare, Brecht ou Marivaux, Vitez ou Peter



Eugenio Barba: um italiano desconhecido em Portugal

espectáculo como *Os Dez Dias que Abalarão o Mundo*, de 1967 («DL»/22-12-1987) continha propostas, rupturas que a vanguarda europeia viria a aproveitar? Não será mais correcto o critério utilizado por Giorgio Strehler na gestão do Théâtre en Europe com sede em Paris abrindo o Odeon a todos os horizontes europeus?

Teatro na Europa Hoje. Isto é, na actualidade. Poderemos até levantar algumas pistas do teatro de um amanhã muito próximo, servindo-nos da programação desta temporada parisiense. Que teatro está aí, nesse plano, representado? *Le Soulier de Satin*, de Claudel/Vitez — as onze horas do espectáculo do Festival d'Avignon. (É já não vale a pena lembrar as não sei quantas horas do *Marabhatta*, de Peter Brook; as não sei quantas horas do anterior Ariane Mnouchkine, tão recente. Todos eles espectáculos de grande êxito.) Encontraremos um texto de Hermann Broch, com Jeanne Moreau, em reposição; encontraremos

ção de Philippe Clévenot, com a nossa admirável Inês de Medeiros. O que encontramos neste amanhã, que é já hoje, parisiense? Encontramos textos, encenadores, comediantes. O velho teatro, o teatro de texto, está em crise, como a cultura está em crise, mas não está morto, não está sequer doente, está até cheio de saúde como se vê.

Continuemos em Paris (são as informações de que disponho). Num inquérito, realizado em Julho, entre dezenas de actores, o jornal «Liberation» chegou à conclusão de que os 10 mais belos espectáculos do mundo, de acordo com esses inquiridos, eram os seguintes:

1. *La Dispute* — Marivaux/Chéreau (espectáculo aliás referido na conferência do crítico Bernard Raffaeli).

2. *La Classe Morte* — Tadeusz Kantor.

3. *Einstein on Beach* — Bob Wilson.

4. *Le Régard du Sourd* — Bob Wilson.

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

Brook, Ronconi, Liubimov, Kantor, Peter Stein, Eugenio Barba, Planchon ou Strehler) são recusados, se e quando o são, em nome de e por públicos jovens, em nome de determinadas alterações civilizacionais. No entanto, como ignorar que não existem rupturas totais, que as experiências de hoje, por mais novas que se queiram, herdaram modelos que naturalmente retrabalharam, transformaram?

O *Novo Teatro* e a *Nova Dança*, mesmo quando se colocam contra a tradição, quando negam as suas raízes, têm atrás uma genealogia (não se pode deixar de citar o Expressionismo, o Surrealismo). Por isso, citamos nomes de criadores porque partimos do princípio de que além de serem europeus são também de hoje.

Aniversários

Comemoram-se este ano, ou não se comemoram, os 40 anos de trabalho do Piccolo Teatro de Milão, fundado e dirigido por Giorgio Strehler, e os 40 anos do Festival d'Avignon, com o qual Jean Vilar e Gérard Philippe criaram um espaço incomparável de intervenção teatral. Num como noutro caso importa ter em conta que ao irromper nos palcos europeus esse criadores empunhavam testemunho que de outros tinham recebido (entre eles, Bertolt Brecht, para não o esquecer). Não queremos dizer com isto que o *Novo Teatro* tenha recebido esses testemunhos (embora se possa pensar que em teatro todas as experiências se contaminam), já que foi outra a sua linha evolutiva, já que passou por outras coordenadas, por outras experiências como as de Grotowski ou as do Living, com vestígios artaudianos, embora tenhamos dificuldade em misturar uma experiência tão radical como a de Artaud com futilidades como são, por vezes, as propostas pelo teatro de carácter experimentalista ou pós-moderno. Isto sem esquecer as possíveis influências neste teatro de um Appia, de um Gordon Craig, sobretudo de um Meyerhold. E sem esquecer a importância de um Tadeusz Kantor, para a ele voltar, criador de «happenings» e de «performances», criador teatral, de quem um crítico escreveu que no seu teatro — *As sequências de dança concentram os diferentes elementos plásticos e emocionais do espectáculo... Todo o teatro de Kantor nasce das relações estreitas entre a mímica e os movimentos e os gestos dos actores. (...) Os gestos das personagens, no teatro de Kantor, articulam-se com a música, mas também com as sonoridades da linguagem, com os ruídos que constituem, uma e outros, o tecido sonoro e musical dos seus espectáculos.*

Não se pode deixar de entender o que há de produtivo na articulação de várias linguagens, como vimos nos espectáculos dos Encontros (dança mímica, vídeo até teatro!), mas seria equivocado separar radicalmente os fios que tecem a tessitura dessa mesma linguagem, a teatral para o caso. Um exemplo: o que de tão forte liga Brecht e Strehler não



La Dispute — Marivaux/Chéreau: o mais belo espectáculo do Mundo para os actores franceses

impediu o encenador italiano de criar um referente beckettiano na sua última encenação de *A Boa Alma de Sé Chuão*, na qual os deuses, numa determinada cena, nos surgiam como personagens de *Fin de Partie*, de Beckett. E não há na estética da hesitação, como alguém lhe chamou, de Pina Bausch, qualquer coisa que tem a ver com o processo da distância? E os textos dramáticos de Edward Dond (sobretudo em *Trilogia da Guerra*, de que vimos as duas primeiras partes no espectáculo do Teatro da Cornucópia) não há a presença de um Brecht dos nossos dias, prazer do espectáculo, divertimento, pois, a menos? E o último espectáculo que vimos de Richard Foreman, bem sabemos que norte-americano, com o título *Africanus Instructus* («DL»/23-12-86), não é ainda Brecht que tem uma curiosa palavra a dizer? Vem a propósito evocar a ironia brechtiana:

Os críticos da nossa época usam um estilo culinário... Nesta esfera, já nada se produz, apenas se consome, se goza e se defende. De

acordo com este hábito, em matéria de arte o que decide, em última instância, é o gosto; mas um gosto condicionado pelo individualismo e exigindo variantes... Crítica... que aparente revolucionária quando se serve de expressões como isto já não nos interessa para mostrar-se progressista e oposto à exposição de problemas superados... frase tão reaccionária como outra qualquer. Porque este isto já não nos interessa é uma mera reacção de gosto...

Isto apenas para lembrar que Brecht é um animal com uma pele demasiado dura para que possa ser eliminado facilmente.

Em que ficamos?

Teatro na Europa Hoje. Já vimos: uma Europa que não é a Europa; um hoje que não é hoje; um teatro que nem sempre é teatro. Ponhamos em causa um outro equívoco: o de que o teatro sem palavras é um teatro internacionalista, um

teatro capaz de ser entendido por todos os povos. O simples facto de se realizarem por todo o mundo festivais internacionais, com grande êxito, é prova de que a linguagem teatral é mais forte que a língua que veicula, que a língua não é um obstáculo ao entendimento do teatro. Mas não é esse o ponto a que queremos chegar. Queremos lembrar o que, aliás, é óbvio: o teatro é um sistema de signos, o texto faz parte desse universo signico. Eliminá-lo

não implica a possibilidade de entendimento dos outros signos se não tivermos meios para os descodificar. Espectáculos sem palavras existem que continuam a ser duma abordagem difícil, duma obscuridade e dum hermetismo, aliás perfeitamente respeitáveis, que podem impedir a sua circulação de acordo com os pressupostos de um teatro sem palavras facilmente compreensível.

Os Encontros ACARTE foram evidentemente uma iniciativa de aplaudir até no que tinham de polémico. O que não se pode é esquecer que mais teatro no Mundo (ou na Europa) do que o nosso sectarismo parece querer admitir, para parafrasear um conhecido autor de textos teatrais e também genial criador de teatro.

Na primeira conferência dos Encontros ACARTE, Bernard Favière d'Arcier, antigo director do Festival de Avignon e director da canal 7 da televisão europeia, canal com vocação cultural, sublinhou os riscos de sobrevivência que o teatro corre como nunca teria corrido (visão talvez excessivamente pessimista, como defendeu Fernando Midões, numa das suas intervenções), pela recusa da sociedade quantitativa, da sociedade-divertimento, como lhe chamou, em aceitar uma arte artesanal, qualitativa, como é o teatro.

Apesar de tudo, quero crer que em festivais e encontros, com múltiplos espectáculos do velho e do novo Teatro, é possível encontrar forças para uma resistência do Teatro aos meios de prepotência tecnológica, aos condicionantes de carácter economicista; formas de não aceitação do olhar morto do quadrante electrónico.

Por isso, pensamos que o não-teatro não deve adaptar-se, não deve defender-se. Deve lutar contra.

Por nosso parte, recusamo-nos, quixotesicamente, se se quiser, a aceitar essa sociedade e o teatro que, porventura, for criado para a servir. É um direito de que não abdicamos.

Texto, revisto e alterado, da comunicação apresentada no âmbito dos Encontros ACARTE, em Setembro de 1987.

Notas

(1) Cf. Mário Vieira de Carvalho - «DL»/Cartaz-1-09-1987.

(2) Ler, a propósito, o artigo de António Augusto Barros - «Expresso»/Revista-26-09-1987.

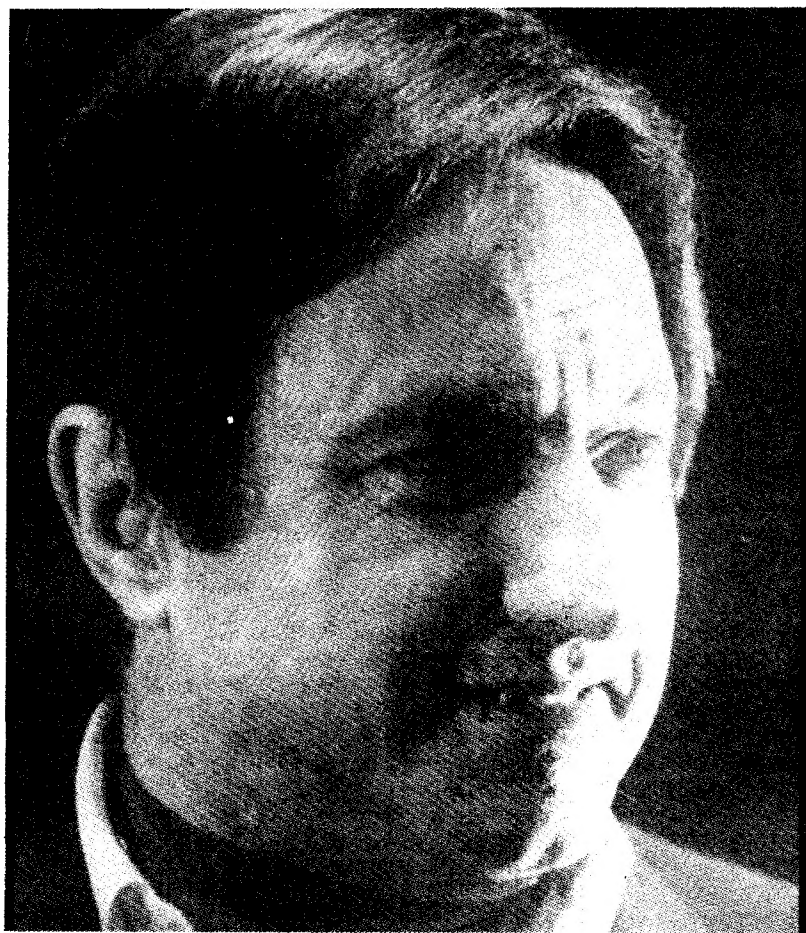
Na quinta-feira

TERÇA-FEIRA

Retratos no Teatro

Carlos Avilez

Por Manuel Cintra



Sentado a uma mesa do Teatro Mirita Casimiro, no Estoril, onde brevemente estreará a sua encenação de «O Balcão» de Jean Genet, Carlos Avilez olha para o passado e para o percurso que o trouxe aqui. É este o novo espaço do Teatro Experimental de Cascais, que dirige há largos anos, e por onde tanta gente ligada ao teatro português passou.

HOJE, após um longo e intenso percurso, Carlos Avilez é uma das peças-chave daquilo que foi o teatro no nosso país antes e desde o 25 de Abril até hoje, e sabe disso. O seu novo teatro, a meio caminho entre o Estoril e Cascais, é como que o fruto de uma longa luta. Hoje em dia, Avilez parece mais ou menos em paz consigo próprio, talvez não em paz com o teatro. Claro que há uma satisfação muito grande em ter uma sala com bastantes condições de trabalho, mas tudo depende do que agora vier a acontecer. Quando há dois anos lhe foi atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura um subsídio de vulto, Avilez afirmou que agora sim, poderia provar que com dinheiro à sua disposição o Teatro Experimental poderia dar provas da sua capacidade de trabalho. E de facto, nos últimos tempos, lançou-se em grandes produções como não tinha podido fazer, nos tempos anteriores, no seio da companhia: *Galileu Galilei* de Brecht, *Tartufo* de Molière e agora, prestes a estreiar, *O Balcão* de Jean Genet. Claro que Carlos Avilez sabe que grandes produções assim são arriscadas, representam enormes investimentos e grandes riscos. Será então que é ainda capaz de arriscar alguma coisa num país onde o risco se paga caro. E será bom lembrar os tempos em que arriscar tinha outro sentido, pelo menos a nível político. havia a censura, o salazarismo, a repressão. E nesses tempos, o Teatro Experimental de Cascais foi essencial para quantos a ele foram buscar os poucos espectáculos de qualidade, a nível de inovação, que então se faziam, e para quantos nesses espectáculos trabalharam. Tempos chegou a haver em que não o deixavam já sair com as suas encenações para fora daquela região vizinha de Lisboa: Carlos Avilez e os seus companheiros tinham-se tornado uma ameaça para quem não estava interessado em que o público pensasse. O problema que me surge, eu que não acompanhei essa época porque sou novo de mais, é saber se o 25 de Abril não provocou mudanças estranhas na atitude de homens como este.

Porque agora, é um facto que se tornou muito mais difícil incomodar e transgredir. Mas o caso é que várias das montagens recentes desta companhia não incomodam nem transgridem ou tão-pouco chega a pensar se esse fogo não estará totalmente apagado. Se não haverá um certo comodismo, agora que já nada é proibido e que o reconhecimento público está estabelecido, em montar clássicos, por exemplo. Ideia que parece voltar em peso, nestes últimos anos. O seu Hamlet de Shakespeare, encenado, não no contexto do Teatro Experimental de Cascais, mas sim no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, e que tanta polémica provocou, é exemplo disso. Mas é claro que polêmico ou não, houve um Hamlet, ao qual aliás se seguiu outro, o do grupo Fátias de Cá de Tomar. Tudo está no valor que as atitudes realmente têm. Qualquer clássico pode transformar-se em qualquer época num acontecimento dessa época. E não há contexto político nem liberdade de expressão que seja alguma vez desculpa para não incomodar, não pôr em causa. Talvez por tudo isso seja agora bem-vindo «O Balcão», de Genet. Visto que Genet incomoda sempre, põe sempre em causa, suscita sempre contentamentos e descontentamentos. E é aí que o teatro se torna vivo e produtivo.

Carlos Avilez é um bicho de teatro como poucos. Afirma, ao olhar para o passado, por mais longínquo que seja, que não se lembra de alguma vez ter estado inclinado para outra coisa. Já em miúdo ouvia falar de teatro, pois tinham havido empresários teatrais na família, e já nessa altura inventava coisas para a família ver. Já o seu pequeno laboratório interior funcionava. Já havia o mascarar e o desmascarar. As experiências. Interessado por tudo o que fosse relacionado com o teatro, cedo conheceu pessoas ligadas ao meio, acabando por ser convidado, para sua própria surpresa, a trabalhar aos 16 anos no Teatro nacional D. Maria, onde, durante os dez anos seguintes, sob a direcção de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, viria

a atravessar uma aprendizagem que lhe ficou para toda a vida. Tendo começado por um pequeno papel de pagem, raramente lhe foram atribuídos grandes papéis como actor, e não foi para ele isso propriamente uma desvantagem. Acha que se tivesse tido muito sucesso como tal nunca poderia ter aprendido tanto sobre todas as zonas que compõem o teatro. Para ele, ser actor era uma violência. A angústia e o medo eram de tal ordem, que nunca chegava a sentir prazer no que fazia, coisa que acha imprescindível para que um actor exerça correctamente as suas funções. Só mais tarde viria a ser encenador e a encontrar aí a sua verdadeira vocação.

Após esses anos, durante os quais conheceu e foi dirigido por grandes encenadores, como Luca de Tena, Ribellino e Amélia Rey Colaço/Robles Monteiro, viria a formar o Teatro Experimental de Cascais. Já então Avilez era um lutador, já tinha rodagem de muitos palcos, através, por exemplo, de uma iniciativa que teve com outros colegas de trabalho com os quais percorreu o país durante as férias, em «tournées» denominadas *Gente Nova em Férias*; já nenhum dos sectores do teatro lhe era estranho. No entanto, começar uma

aventura como essa não deve ter sido fácil por um lado e, por outro, todos os que a ela estiveram ligados se referem a esses tempos como a tempos apaixonantes. Já nestas páginas isso foi referido, pela mão de Maria do Céu Guerra e Orlando Costa, dois exemplos de actores que por lá passaram. Mas também Santos Manuel e João Vasco, Eunice Muñoz, Zita Duarte e tantos outros, alguns dos quais tornariam, mais tarde, a participar naquele grupo, como Zita Duarte que faz parte do actual elenco. Mas a *Esopaida*, de António José da Silva, viria a ser a primeira produção do grupo, à qual se seguiram *A Casa de Bernarda Alba* de Lorca e o *O Mar* de Miguel Torga, espectáculo através do qual Avilez veio a conhecer Torga e também Almada Negreiros, que o viria a marcar para sempre. Foram anos intensos e ricos. Certos autores foram representados pela primeira vez por sua mão, e alguns desses a dado momento não eram autorizados em mais nenhum teatro. Quando um espectáculo partia em «tournée», o sucesso era sempre bastante grande, e como alguns desses espectáculos transportavam ideias então incomodativas para o poder, chegou-se a uma situação em que já não era dada

autorização para que fossem mostrados fora de Cascais. A *Maluquinha de Arroyos*, de André Brun, espectáculo que surpreendeu mesmo o público que já estava a ser atraído por aquele grupo, pois misturava teatro com comédia musical e mudava subitamente de estilo, teve um enorme sucesso de bilheteira, que veio a permitir a montagem seguinte, *D. Quixote* de Ives Jamiaque, com Santos Manuel, espectáculo do qual Avilez se recorda com grande agrado. Foi por esses anos também que Arrabal foi apresentado no nosso país pela primeira vez (*A Oração e Dois Verdugos*, em 1969). Os anos que se seguiram foram ricos em experiência, em inovação, e foram feitas digressões ao estrangeiro, sendo hoje em dia esta uma das mais conhecidas companhias de teatro independente.

Mas apesar do estatuto adquirido, ou por causa dele, talvez agora seja esse o perigo. Um percurso deste teor não devia ter o direito de se institucionalizar, e parece-me que durante estes últimos anos Avilez tem caído um pouco nesse erro. As suas encenações no Teatro Nacional, por exemplo, como no caso de *Pedro o Cru* de António Patrício, resultam em espectáculos comerciais no mau sentido, em que uma dose excessiva de luxo vem transformar aquilo que poderia ir muito mais longe, pela mão de quem sabe, talvez como poucos, fazê-lo. É estranho também que por vezes durante um ano de trabalho Avilez passe grande parte desse ano a trabalhar fora da sua companhia, como aconteceu com Hamlet, por exemplo. Seja como for, pesam em torno de si grandes responsabilidades. Ele é e continua a ser uma das poucas pessoas, neste País, com qualidade e meios para fazer bom teatro e que mostra, em tudo o que faz, mesmo quando falha, que domina perfeitamente a máquina inteira. Actualmente, os actores voltaram a ser o elemento-chave da questão. Após um período em que as encenações pesquisavam e inovavam, é agora necessário grandes actores, para além de grandes encenações. Espere-mos então que Avilez nos abra agora um horizonte rico, um momento em que é preciso que alguém recomece a inovar, a pôr em causa aquilo que dorme, a acordar aqueles que já estiveram acordados e também os que despertam agora pela primeira vez. Será que isso é possível? Que esta paixão pelo teatro dê provas fortes como já deu. Há um edifício novo, começou há pouco a funcionar. Seria de desejar que nele aconteçam agora coisas novas. Aguardemos com expectativa *O Balcão* de Jean Genet. E tudo o que esta temporada, pela mão deste homem de teatro, nos trouxer.

Transumâncias

O Zé Matoso costumava espalhar as imbambas ali no Largo do Bernardino. É dos que chegam cedo às cinco e meia já tem a carripana em cima do passeio: umas ferramentas, umas «cassettes», uns rádios de carro, a bugiganga habitual. Dizia-me o tipo, há já uns tempos, qu'aqueilo ia dando p'ró petróleo. Não é de muitas falas, mas às vezes tenho de o confortar. O rapaz já não é novo, sofre do coração. Comecei a dar pela falta dele de há dois meses para cá. Agora costumava parar por ali uns putos da passa, com uns couros e outras coisitas do tipo daquelas com que os nigerianos por aí aparecem. Quem me voltou a falar do Zé foi a Guida das faturas — farta, e não só de fritos; o que se passa entre aquela boca e ouvido dava para montar uma agência com mais «tiragem» que a Lusa, isto é, até alguém se lembrar de lhe instalar um terminal no triciclo. Dou-lhe sempre uma percentagem de desconto para o acerto às proximidades, mas a Guida conta que o Zé se meteu nas cautelias. Sinceramente, não estava a ver aquele tipo a vender jogo pela rua, muito menos a apregoá-lo. Fiquei confuso. «Qu'aqueilo não era assim p'ra vender à toa, como as da Santa Casa», dizia ela:

— Não sê s'aqueilo se guarda só, se se mete mais alguma coisa, mas cheira-me qu'ele deve p'ra lá meter uns pós, nã sê s'açúcar,

ou canela, qu'o tipo tá-sagovernar! Parece qu'outro dia lh'apareceram umas com bicho, mas ele passou-as logo. Ná, por aquele andar já lhe não voltamos a botar a vista em cima cá na feira. A semana passada andava todo sasteifeito — ele mostrou-mas — comê nã sê ler, fique na mesma — ele 'tava todo sasteifeito — andava atrás delas há mês e meio; era umas tais «dai-mas» ou «cai-mas» ou qu'era lá aquilo qu'ele lhes chamava. Nunca o vitão sasteifeito!

— E eu a matutar — «ganda sonso, dos rádios fanados, p'ró que lh'havia de dar!»

Qu'ele lá tinha umas ideias, lá isso tinha. Ainda me lembro de uma meia dúzia de meses que o tipo p'ra lá esteve sem aparecer, antes da Branca ir dentro. Depois até apareceu com bom material — pudera! Mas foi uma chatice para se recompor. Não é que dois mesitos depois não falava noutra coisa senão no tacho que lhe tinham prometido em Macau! Foi sol de pouca dura. Parece qu'a promessa veio de fonte que secou antes do Zé ter tempo p'ra se baldar. Disso lembro-me eu bem. De lhe ter andado a amaciar a depressão com panos quentes: qu'aqueilo era um clima lixado; qu'um tipo não se podia espreguiçar qu'acabava logo com os pés molhados; qu'a mulher não aguentava; qu'os chinás se estavam

a preparar para virar aquilo do avesso. Sei lá o que é qu'eu fui buscar, mas nem assim. Aquilo só lhe passou quando apareceu com Bruxelas na boca. Até me cheguei a chatear porque o tipo punha os rádios no máximo, com o som distorcido a distorcer-me as orelhas; lá tive que ir acalmar-lhe a euforia com uma desgarrada sobre a poluição sonora, as regras comunitárias. Dois sábados depois apareceu-me com uma ressaca mal curtida — tinham-se acabado as vagas em Bruxelas. Passei três semanas que só lhe ouvia da boca:

— São tão mauzinhos! Tão mauzinhos...!

Eduardo Manuel Astúrias

Nota

Chama-se a atenção do leitor desprevenido para o facto de todo e qualquer acontecimento aqui relatado ter decerto ocorrido nas imediações do Campo de St.ª Clara. Qualquer semelhança performativa com outros espaços não é senão pura coincidência.